Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

Juliana Vilas Boas de Rezende

A leitura de imagens como estratégia pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa

Rio de Janeiro

2015

Juliana Vilas Boas de Rezende

A leitura de imagens como estratégia pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Língua Portuguesa.

Orientadora: Profª. Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

R467 Rezende, Juliana Vilas Boas de

A leitura de imagens como estratégia pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa / Juliana Vilas Boas de Rezende. – 2015.

114 f. : il.

Orientadora: Maria Teresa Gonçalves Pereira.

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino - Teses. 2. Imagem – Teses. 3. Tecnologia educacional – Teses. 4. Competência e desempenho (Linguística) – Teses. 5. Criatividade (Linguística) – Teses. 6. Aprendizagem – Teses. 7. Língua portuguesa – Figuras de linguagem – Teses. I. Pereira, Maria Teresa Gonçalves, 1948-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 806.90(07):003

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Juliana Vilas Boas de Rezende

A leitura de imagens como estratégia pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 16 de novembro de 2015.

Banca Examinadora:

_____

Profª. Dra. Maria Teresa Gonçalves Pereira (Orientadora)

Instituto de Letras – UERJ

_____

Prof. Dr. André Crim Valente

Instituto de Letras – UERJ

_____

Profª. Dra. Tânia Maria Camara

Instituto de Letras – UERJ

_____

Prof. Dr. Marcelo da Silva Amorim

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

_____

Profª. Dra. Lucia Teixeira de Siqueira e Oliveira

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus, cujas misericórdias se renovam a cada manhã!

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Teresa, pela dedicação incansável, pelo apoio reconfortante e, principalmente, pelo exemplo motivador.

Aos meus pais por todo o amor, desdobrado em incentivo.

Ao meu marido e à minha filha, por estarem sempre ao meu lado.

Às minhas amigas Carora e Leda, irmãs desde a Graduação.

Aos meus professores e alunos, razão de todo empenho.

Palavra ou traço, verbo ou cor, o signo codifica o mundo em suas linguagens.

Importa articulá-las.

Ivete Lara Walty, Maria Nazaré Fonseca e Maria Zilda Cury

RESUMO

REZENDE, Juliana Vilas Boas de. *A leitura de imagens como estratégia pedagógica nas aulas de Língua Portuguesa.* 2015. 114 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Com a ampliação do domínio e do alcance que a imagem empreende como linguagem, por meio das novas tecnologias e das demandas do mundo contemporâneo, este trabalho visa a inserir o estudo da imagem dinâmica, em suas múltiplas acepções e possibilidades, nas aulas de Língua Portuguesa, dentro do espaço privilegiado que é a escola. Considera-se tal ambiente propício, já que a expressividade da Língua Portuguesa é muitas vezes viabilizada e representada por meio das figuras de linguagem, estudadas em diversos segmentos do percurso escolar. Além disso, a atividade criativa do ser humano também se vincula à produção de imagens, mentais ou formalizadas, em produção verbal ou visual. A superabundância do código visual indica a possibilidade de modificações na forma de pensar do homem contemporâneo. A preponderância dos estímulos imagéticos em relação ao código verbal atua na leitura de mundo dos indivíduos. A competência para a linguagem inerente ao homem, com os posteriores registros escritos a fim de preservar e postergar os saberes e a cultura de um grupo particular, associam a capacidade de ver à capacidade de relatar, de transmitir.

Palavras-chave: Imagem dinâmica. Competência linguística. Competência visual.

ABSTRACT

REZENDE, Juliana Vilas Boas de. *Image reading as a pedagogical strategy in Portuguese classes.* 2015. 114 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This work aims at introducing the study of image dynamics and its multiple meanings and possibilities into Portuguese classes in the privileged context of school, since image magnifies the domain and reach of the language through the new technologies and demands of the contemporary world. The school environment was chosen because the expressiveness of the Portuguese language is frequently made possible and represented through figures of speech, studied in several segments of the schooling process. Moreover, the creative activity is also associated with the production of mental or formal images, and in verbal or visual production. The contemporary overflow of visual coding may suggest modifications in the thinking process. Preponderance of pictorial stimuli – if compared with verbal coding – influences the way individuals understand the world. Therefore, competence regarding language includes visual skills, besides verbal and written language. Innate competence for language inherent in man as well as the latter written records made to preserve knowledge and culture of singular groups are thus associated with the ability to communicate and transmit.

Keywords: Linguistic competence. Visual competence. Dynamic image.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Dos desenhos à linguagem escrita 27
Figura 2 – Confecção do símbolo 28
Figura 3 – Ilustração para transmissão da ideia de devoção 29
Figura 4 – Letras como uma extensão da imagem 30
Figura 5 – Composição baseada em figuras geométricas 38
Figura 6 – Diferentes apreensões da mesma imagem visual 39
Figura 7 – Luz e sombra, o claro e o escuro 40
Figura 8 – Pequeno dicionário imagético 41
Figura 9 – Poema *Velocidade* de Ronaldo Azevedo 766
Figura 10 – Quadrinho de Will Eisner 777
Figura 11 – Ilustração do *Livro das crianças* 799
Figura 12 – Propaganda Jogue Limpo 84
Figura 13 – Propaganda *Open English* 89
Figura 14 – Prêmio Craque do Brasileirão 2010 91
Figura 15 – Propaganda da Via Embratel 93
Figura 16 – Chover canivete 94
Figura 17 – Chutando o balde 95
Figura 18 – Propaganda WhatsAppeando 96
Figura 19 - Crônica audiovisual de Nova York 98
Figura 20 – Problemas linguísticos 100
Figura 21- *Que monstro te mordeu*? 102
Figura 22 – Propaganda Sedex 104
Figura 23 - Embalagem de palha de aço da marca Bom Bril 106
Figura 24 – Embalagem de cola especial da marca SuperBonder 106
Figura 25 - Reprodução de publicidade de barbeadores da marca Gillette 107

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	**CONCEITOS FUNDAMENTAIS**	20
1.1	**Língua e linguagem**	20
1.2	**Linguagem verbal e linguagem não verbal**	22
1.3	**Linguagem audiovisual**	23
1.4	**Língua falada: o som e o sentido**	24
1.5	**Língua escrita: o registro e a memória**	25
1.6	**A letra como imagem**	28
1.7	**Imagem verbal e imagem pictórica**	31
1.8	**Imagens dinâmicas e imagens estáticas**	33
1.9	**O texto**	35
1.10	**A construção da imagem e a construção do texto verbal**	36
1.11	**O leitor e a produção de sentidos**	42
2	**A LÍNGUA, A COMPLEXIDADE HUMANA E O APRENDIZADO**	44
2.1	**Língua: competência inata**	45
2.2	**Língua, identidade e cultura**	47
2.3	**Língua e sociedade**	48
2.4	**A filosofia e o domínio da língua**	50
2.5	**Competência linguística e competência visual**	53
3	**O APRENDIZADO E O CRESCENTE AVANÇO TECNOLÓGICO**	56
3.1	**Os avanços tecnológicos e as transformações linguísticas**	57
3.2	**O papel da escola na educação do indivíduo**	58

3.3 **A imagem e as novas tecnologias na transmissão de conhecimento** 59

3.4 **Os estímulos visuais dinâmicos e a escola contemporânea** 63

3.5 **A imagem dinâmica como instrumento de aprendizado na sala de aula** 65

4 **A LÍNGUA PORTUGUESA** 67

4.1 **O ensino da Língua Portuguesa** 69

4.2 **A Língua Portuguesa e a construção de imagens** 72

4.2.1 As figuras de linguagem 74

4.3 **A cooperação entre as linguagens verbal e pictórica no estudo da Língua Portuguesa** 76

4.4 **O ensino da Língua Portuguesa por meio das tecnologias nascentes** 82

4.5 **A utilização de imagens dinâmicas como recurso no ensino da Língua Portuguesa** 85

5 **PROPOSTA DE ATIVIDADES** 87

5.1 **Proposta 1** 88

5.1.1 Descrição da atividade 89

5.1.2 Objetivos 90

5.2 **Proposta 2** 90

5.2.1 Descrição da atividade 92

5.2.2 Objetivos 92

5.3 **Proposta 3** 93

5.3.1 Descrição da atividade 95

5.3.2 Objetivos 95

5.4 **Proposta 4** 96

5.4.1 Descrição da atividade 97

5.4.2 Objetivos 97

5.5 **Proposta 5** 98

5.5.1 Descrição da atividade 99

5.5.2 Objetivos 99

5.6 **Proposta 6** 99

5.6.1 Descrição da atividade 100

5.6.2 Objetivos 102

5.7 **Proposta 7** 102

5.7.1 Descrição da atividade 103

5.7.2 Objetivos 104

5.8 **Proposta 1** 104

5.8.1 Descrição da atividade 105

5.8.2 Objetivos 107

CONSIDERAÇÕES FINAIS 108

REFERÊNCIAS 110

INTRODUÇÃO

O futuro da escola, como instituição responsável pela consolidação do processo ensino-aprendizagem, tem sido reiteradamente discutido e avaliado. Desde a coerência dos currículos escolares, empregados como diretrizes dos "fazeres" em sala de aula, até o anacronismo entre os processos, meios e recursos utilizados no ensino das disciplinas e o avanço contínuo e veloz das tecnologias, perpetua-se a sensação de suposta defasagem entre a escola e o mundo do qual faz parte.

Discute-se, há tempos, a relevância daquilo que se ensina em contraponto com as exigências do dia a dia. Alguns educadores mobilizam-se, na forma de projetos extracurriculares, em propor atividades e ações focadas nos imperativos do cotidiano. O currículo tradicional, entretanto, ajustado aqui ou acolá, recebe maior crédito e se mantém como centro do aprendizado. A síntese almejada entre o ensino tradicional, na qual a transmissão oral de conhecimentos se destaca, e a assimilação das novas tecnologias não se consolidou em sala de aula.

Os desafios de qualquer docente frente aos avanços tecnológicos e o aumento da representatividade de tais recursos na vida dos adolescentes e dos jovens contemporâneos demandam ações e elucubrações que suscitem caminhos e alternativas a explorar. As aceleradas transformações na maneira de veicular informação e saber solicitam do professor alternativas diferenciadas com a intenção de renovar o ambiente escolar e aproximá-lo do universo do aprendiz.

Ao professor cabe a difícil tarefa de atender às exigências das instituições, com seus currículos e suas diretrizes, e, ao mesmo tempo, mediar de maneira prazerosa, a inserção das diversas tecnologias em função do ensino corrente.

A relevância da escola na educação e na constituição do indivíduo é incontestável. Inúmeros estudiosos se ocuparam e ainda se ocupam em buscar soluções pedagógicas, novas filosofias educacionais, novos métodos de transmissão de conhecimento, na certeza de que qualquer mudança no âmbito da escola repercute das transformações nas dinâmicas sociais.

Novas realidades desdobram-se em novas exigências. Muitas vezes, entretanto, é de modo marginal que as tecnologias alcançam o cenário escolar. O educador trava uma árdua batalha com *smartphones*, *tablets*, *kindles*, bem como outros apetrechos que invadem a sala de aula, na maioria das vezes, sem permissão e sem a mínima intenção de acompanhar o que se trabalha.

Existe uma considerável distância entre os avanços tecnológicos e sua utilização na escola em prol da comunicação de conhecimento. A despeito das novidades no campo tecnológico e do seu crescente alcance em diversas áreas de interesse do público em idade escolar, os sistemas educacionais vigentes não acompanham na mesma velocidade tal transformação, em vista das dificuldades em agregar os novos recursos e linguagens às ações educativas.

A aula expositiva do professor, contudo, ainda ocupa posição privilegiada nas salas de aula, amparada pela modalidade escrita da língua. Existem limitações, pois o conteúdo proposto, norteado por ideias abstratas, é veiculado sem o apoio da dimensão concreta da linguagem visual.

Com a crescente ampliação de domínio e de alcance que a imagem empreende como linguagem, por meio das novas tecnologias e das demandas do mundo contemporâneo, este trabalho visa a inserir o estudo da imagem dinâmica, em suas múltiplas acepções e possibilidades, nas aulas de Língua Portuguesa, dentro do espaço privilegiado que é a escola.

Embora comuns os questionamentos acerca da escola e de suas defasagens diante dos avanços tecnológicos, um caminho razoável foi percorrido até a exposição do presente raciocínio.

O estudo parte da inquietação, nascida no exercício profissional, a respeito da forma como atualmente são transmitidos e manipulados os conteúdos nas aulas de Língua Portuguesa. As indagações acerca da viabilização eficaz de conhecimento autêntico, autônomo e crítico, dentro do cenário escolar, mobilizaram a busca por estratégias metodológicas.

O interesse pelo ser humano desdobrado na opção pela prática docente, junto às questões referentes ao seu pleno desenvolvimento, estimulou tais investigações. O apreço à Língua Portuguesa com seu potencial expressivo-criativo e, sobretudo, o desejo de exercer a mediação entre os alunos e o estudo da Língua Portuguesa auxiliaram na orientação e na delimitação da proposta.

A aproximação e a interação com a comunidade surda, durante projetos de pesquisa no curso de graduação, forneceram novos caminhos de análise e de compreensão dos desafios enfrentados no aprendizado de indivíduos ouvintes diante da prevalência das imagens. A linguagem, capacidade humana de criar códigos e dispositivos para a comunicação, desta forma, compreende-se em suas possibilidades verbal e não verbal.

Os estudos referentes à surdez e às relações entre pensamento e linguagem, desenvolvidos em pesquisa de Iniciação Científica[1], abordam a aquisição da Língua Brasileira de sinais, língua espaço-visual, por crianças surdas em idade escolar. As crianças vinculadas ao projeto, resguardado um ambiente linguístico de predomínio da Língua Brasileira de Sinais, por não contarem com a audição e consequente articulação da fala, desenvolvem o apuro do sentido da visão. O aumento da sensibilidade visual notoriamente atua na cognição dos surdos, que desenvolvem formas de pensar diferentes daquelas empreendidas pelos ouvintes, detentores de uma língua oral-auditiva.

O entendimento das transformações na cognição do indivíduo surdo, pelo domínio de uma língua espaço-visual, pela preponderância da imagem na apreensão de sentido, reiterou o interesse pelas possíveis variações cognitivas em indivíduos ouvintes, em função da superabundância da imagem na transmissão de informações na sociedade.

A crescente relevância das imagens na sociedade torna-se cada dia mais evidente. A preponderância dos estímulos imagéticos em relação ao código verbal indica a possibilidade de modificações na forma de pensar do indivíduo contemporâneo, atuando, portanto, na sua leitura de mundo.

Tal premissa suscitou, amparada pelas teorias inatistas de Chomsky (2009) e de Hoffman (2000), a pesquisa para elaboração da dissertação de mestrado sobre a composição e a estruturação da linguagem não verbal, especificamente em sua concepção imagética e estática, aplicada em atividades pertinentes às aulas de Língua Portuguesa, em consonância com o texto verbal.

Analisou-se a percepção da imagem a fim de ressaltar a competência humana para a apreensão de sentido por meio da visão. A utilização de ilustrações ou imagens sequenciais nas atividades propostas ressaltou a necessidade de estudo dos elementos constitutivos da linguagem imagética, por se tratar da combinação de códigos e dispositivos capazes de comunicar determinada mensagem. A imagem concorre para o efetivo processo de significação quando a apropriação do código imagético viabiliza a compreensão entre os interlocutores.

Apesar de utilizarem signos diferentes, de natureza distinta, as linguagens verbal e não verbal recriam e transformam a realidade conforme a concepção daqueles que os produzem. Os signos são combinados, obedecendo a certas leis e mecanismos de organização próprios a

[1] VILAS BOAS, J. Estudo sobre o desenvolvimento cognitivo em crianças surdas sem domínio de língua, UERJ/ CNPq 2001-2002.

cada linguagem. Enquanto a disposição do texto verbal, na maioria das vezes, faz-se linear, o texto não verbal conta com a ocorrência simultânea de signos.

A complexidade estrutural das linguagens humanas nos informa a respeito da complexidade humana. As dimensões culturais, sociais, estruturais, e da própria identidade atuam e interferem na produção e na elaboração de significados.

A teoria de Chomsky (2009), referente à capacidade inata do indivíduo para o aprendizado da língua a que for exposto, fundamentou os questionamentos e as análises empreendidas neste trabalho. A competência e o desempenho linguísticos, pertinentes ao ser humano, podem-se atestar quando pensamos na tradição oral e na tenacidade dos contos, fábulas, lendas e parábolas que se perpetuaram na história, resistiram ao tempo, difundidos em vasto domínio geográfico, que chegam ao século XXI, em novas linguagens e por meio de releituras. Muitas narrativas populares foram recolhidas da tradição oral e recontadas a partir do século XVIII. Tais histórias, permutadas em todo território europeu e áreas vizinhas, tratam de aspectos do comportamento humano e mostram-se atualizadas, o que confirma o valor da linguagem na concepção e na formação do indivíduo.

Desde tempos remotos, registram-se as ações e as percepções humanas, processos que dizem respeito às vivências e às apreensões dos indivíduos. A linguagem, instrumento viabilizador de tal empreitada, reitera seu amplo domínio e riqueza de utilização. Da imagem à escrita, perpetuam-se registros dos modos de vida e organização da espécie humana.

A aptidão linguística amplia os horizontes e as possibilidades de atuação, a capacidade visual igualmente maximiza suas ações. Estudos recentes indicam a existência de determinada competência visual da qual o indivíduo é dotado, e que desde o seu nascimento, em situações consideradas comuns, se exercita tal capacidade espontaneamente.

Do mesmo modo que Chomsky (2009) certifica a existência da competência inata para apreensão e posterior desempenho de sua língua materna, Hoffman (2000) assegura a existência de uma competência visual inata e defende estratégias e ações a fim de assegurar um pleno desempenho das leituras visuais.

Hoffman estabelece um paralelo com a concepção inatista formulada por Chomsky: “O presente argumento em prol de regras da visão universal é paralelo a um argumento famoso, colocado pelo linguista Noam Chomsky, em defesa de regras da gramática universal, que permitem a aquisição e o exercício da linguagem” (2000, p. 14).

Dondis (2007), em consonância com Hoffman (2000), propõe a necessidade de determinada alfabetização visual como forma de ampliar a eficácia no criar e compreender mensagens visuais. Apoia a concepção de uma sintaxe da linguagem visual como instrumento

para potencializar o domínio das técnicas, elementos e recursos intrínsecos ao texto imagético. Assim como se aprende a ler e a escrever textos verbais, sem a pretensão de se constituir escritor ou literato; Dondis (2007) considera o letramento visual necessário a todo indivíduo e não só ao artista plástico.

A competência visual é tida, tal qual a competência linguística, como um potencial exercido de maneira corriqueira que, no entanto, detém um esforço construtivo bastante complexo. Embora a recepção da imagem ocorra automaticamente, desde sua apreensão até sua identificação através de processos cerebrais, "[...] a visão não é meramente um produto da percepção passiva, ela é um processo inteligente de construção ativa. O que você vê é, invariavelmente, aquilo que sua inteligência visual constrói" (HOFFMAN, 2000, p. X).

Tanto o potencial linguístico quanto o visual, cada um com suas especificidades e aparato estrutural peculiar, são analisados, então, como propriedades do ser humano, que integram um todo complexo.

Os estudos em psicolinguística e consequente contato com outros posicionamentos da linguística moderna suscitaram o anseio por considerar o indivíduo em suas diferentes facetas, sem restringi-lo a um segmento específico de sua constituição. A opção por valorizar a sua complexidade aproxima estudiosos de diferentes áreas e, ao mesmo tempo, estudiosos da língua, cujas investigações abordam perspectivas variadas da vivência humana. A conciliação entre teorias e leituras se fez com a soma das aptidões e inclinações próprias do homem resultando em um conjunto complexo e imbricado. Tal opção se sobrepôs à ordenação cronológica e à sistematização das correntes linguísticas.

A concepção de signo linguístico reflete com precisão a relação entre linguagem verbal e imagem, linguagem não verbal. Conforme Saussure, o signo linguístico "une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial [...]" (1969, p. 80).

Considera-se, portanto, o signo linguístico como a junção de um dado conceitual com a imagem acústica produzida mentalmente, seu respectivo significante, face sensível do signo ligada ao significado. Ainda a respeito do signo, existe o referente: elemento do mundo extralinguístico, real ou imaginário, ao qual se refere o signo linguístico, em determinado contexto sociocultural e de discurso.

O fato de um estímulo verbal evocar uma representação em imagem ou encontrar desdobramento em perspectiva visual ampara a ideia de cooperação entre linguagem verbal e não verbal para a expressão de sentidos na comunicação.

Ressalta-se, ainda, com o objetivo de estabelecer vínculos entre imagem e palavra, o papel da escrita e a fundação de uma sociedade "grafocêntrica*"* gerados pela disseminação do livro e consequentes desdobramentos no âmbito cultural. A palavra escrita não deixa de ser uma imagem e, portanto, "[...] pode-se afirmar que escrita e imagem estão indissociavelmente ligadas, seja porque têm sua origem no traço, seja porque há escritas pictográficas, seja porque se complementam ou se justapõem em livros, revistas, cartazes etc." (WALTY; FONSECA; CURY, 2006, p. 21).

A atividade criativa do ser humano também se vincula à produção de imagens, mentais ou formalizadas, em produção verbal ou visual. A expressividade da Língua Portuguesa, muitas vezes viabilizada e representada por meio das figuras de linguagem, recebe atenção em diversos segmentos do percurso escolar.

O elemento simbólico, por seu caráter figurado, alegórico, possibilita a existência de lacunas passíveis de preenchimento no texto, verbal ou não verbal. Os denominados "vazios significativos", designados por Barthes (2002, p. 19), referem-se à incompletude da escritura, aos espaços preenchidos posteriormente pelo leitor no ato da leitura. Tais espaços solicitam a participação do receptor na construção de sentidos.

Como nas representações não verbais, o texto literário, simbólico por excelência, gera várias possibilidades de leitura. O leitor, por meio das escolhas decorrentes de seus conhecimentos prévios, de sua visão de mundo, preenche os desvãos deixados pela tessitura empreendida.

O poeta, o literato, quando tece uma rede de imagens, em seu texto verbal, fomenta as condensações de sentido e aproxima palavras que, dentro de uma semântica lógica, não teriam nenhuma relação. Aguiar acrescenta:

> A construção textual nos permite trabalhar ainda a formação de imagens na leitura, desvendando a capacidade dos recursos linguísticos de concretizar significados ao mesmo tempo em que os disseminam. Ou seja, numa simples descrição ou no uso de complexas metáforas e metonímias, o texto verbal pode conter a força de uma imagem propriamente dita (2004, p. 35).

Sobre a relação que se estabelece entre língua e sociedade, é possível assegurar que tanto a comunicação, caracterizada pela criação e uso de múltiplas linguagens, como o domínio de uma língua qualquer são essenciais para a vida humana e sua organização social. Além disso, os textos verbais e não verbais são marcados pelo modo de ser e visão de mundo daqueles que os produzem. Ao mesmo tempo em que reflete a dimensão social, na qual se insere, um texto assinala aspectos da subjetividade daquele que o elabora.

A produção de enunciados está ligada diretamente ao contexto do qual fazem parte os emissores, considerando fatores das respectivas identidades. À medida que troca mensagens, um grupo de coenunciadores altera e adapta códigos a novas realidades, transformando, assim, o ambiente do qual fazem parte.

A multiplicidade de linguagens é proporcional às demandas surgidas dentro de uma sociedade, que providencia modos de comunicação suficientes para as situações vivenciadas por seus membros. De tal modo, as invenções tecnológicas alteram o cotidiano das pessoas e trazem novas possibilidades de produção e de leitura de signos. Aguiar refere-se igualmente às transformações no suporte:

> A figura do livro, hoje ameaçado frente aos recursos da tecnologia informacional, com fortes consequências no mercado editorial e no reduto das escolas, serve de fio condutor para nossas reflexões sobre a relação escrita/ imagem e o ato de leitura. A leitura é um processo associativo que promove a interação "escrita e imagem" (2004, p. 7).

A afirmação acima, ao mesmo tempo em que assegura o caráter social do livro, demonstra as alterações promovidas pelo desenvolvimento contínuo e crescente das novas tecnologias. O livro, suporte tanto de textos verbais quanto não verbais, se instalou na sociedade, promovendo modificações contundentes e, desde então, figura como instrumento de propagação de saber. As novas tecnologias, no entanto, desestabilizam a anterioridade da cultura livresca, apresentando novas formas de difusão de informações.

Discutir o futuro e a função do livro na contemporaneidade tem relação direta com o questionamento acerca das práticas educativas e do papel da escola na vida dos indivíduos. O caráter social do livro reflete, desta maneira, o caráter social da escola. As dificuldades relativas ao livro se associam às dificuldades encontradas nas práticas educativas.

A problemática descrita conduz este estudo à construção de ideias, atividades e possibilidades de estratégias didáticas aliando imagens dinâmicas (animações, filmes, curtas, comerciais audiovisuais), prevalecentes na sociedade do século XXI, às diretrizes e aos saberes propostos pelo currículo usual de Língua Portuguesa.

As questões levantadas sugerem a necessidade de reestruturação tanto das estratégias, postura e atuação do professor-educador, quanto do próprio contexto escolar e defasagens da estrutura de ensino vigente.

A perspectiva traçada torna imprescindível ressaltar a difusão de novas tecnologias que, traduzidas em novas formas de linguagem, de interação, caracterizam a sociedade contemporânea. Os mais diversos aparatos tecnológicos confirmam a força do estímulo visual e a relevância da imagem na transmissão de informações. A complexidade estrutural das

linguagens humanas informa a respeito da própria complexidade humana. As dimensões culturais, sociais, estruturais, e da própria identidade atuam e interferem na produção e na elaboração de significados.

1 **CONCEITOS FUNDAMENTAIS**

A fim de dirimir possíveis equívocos ou imprecisões, o primeiro capítulo definirá e delimitará termos e conceitos amplamente manuseados ao longo do estudo, tarefa imprescindível quando o objeto de trabalho se trata da linguagem, uma faculdade universal.

Construir-se-ão, de tal modo, nos itens subsequentes, os alicerces que fundamentarão as análises e as exposições.

1.1 **Língua e linguagem**

Inúmeras acepções para os conceitos de língua e linguagem são facilmente encontradas, cada uma delas salientando aspectos distintos. Neste tópico, serão apresentadas definições de autores diversos que se associam ao trabalho delineado.

Fischer, em seus estudos sobre a história da linguagem, reflete acerca das múltiplas definições e conotações que tal palavra pode abranger. Assegura, ampliando o sentido para o termo, que

> A atual definição formal de 'linguagem' também está passando por mudanças semânticas, em que a 'linguagem' não é mais privilégio exclusivo do Homo Sapiens. Hoje, acredita-se que qualquer ser vivo, em qualquer época, que tenha usado algum meio para transmitir informação a outros animais, usou algum tipo de 'linguagem'. Ela é, obviamente, uma faculdade universal (2009, p. 8).

Em sequência, Fischer simplifica o significado da palavra linguagem, entretanto, não renuncia à ideia de que o domínio da linguagem se estende a todo ser vivo:

> Em sua definição mais simples, linguagem significa 'meio de troca de informações'. Essa definição permite que o conceito de linguagem englobe expressões faciais, gestos, posturas, assobios, sinais de mão, escrita, linguagem matemática, linguagem de programação (ou de computadores), e assim por diante. A definição também abarca a 'linguagem' química das formigas e a dança das abelhas (...) (2009, p.12).

Lyons (1987, p. 16), ao perguntar: "O que é a língua(gem)?", remonta à pergunta "O que é vida?", dada a importância que a língua, assim como a linguagem, assume para os seres humanos.

Lyons (1987, p. 18), de forma abrangente, conceitua linguagem incluindo a própria definição de língua: "Linguagem é um sistema de comunicação natural ou artificial, humano

ou não". Podemos considerar como linguagem quaisquer meios de comunicação (cognitivos, socioculturais ou da natureza, como um todo), isto é, signos estabelecidos que produzam significados a serem decodificados: a linguagem corporal, as expressões faciais, os gestos naturais, a maneira de nos vestirmos, as reações de nosso organismo, os sinais de trânsito, a música, a pintura.

Já Camara Jr. define a língua: "em seu sentido primordial é o nome do órgão mais importante do aparelho fonador (v.). Daí, por metonímia (v.), a fixação do sentido paralelo, para designar o sistema de sons vocais por que processa numa comunidade humana o uso da linguagem (v.) " (1978, p. 158).

Cunha e Cintra delimitam como língua: "um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade", meio através do qual tal coletividade "concebe o mundo que a cerca e sobre ela age [...]" (1985, p. 1).

Alkmin, considerando a perspectiva da humanidade e seu percurso ao longo do tempo, comenta: "A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua" (2001, p. 21). No momento em que define o homem pelo seu potencial linguístico e, do mesmo modo, pela sua capacidade de constituir vida em sociedade, ressalta as peculiaridades que o constituem e as especificidades que o diferenciam dos demais seres vivos. Luria afirma a esse respeito: "[...] nós, seres humanos, ultrapassamos os limites da experiência sensorial imediata e formamos conceitos abstratos que permitem penetrar mais profundamente na essência das coisas" (1986, p. 21).

Das pinturas rupestres, encontradas há tempos em cavernas, às telas de LED, nos dias atuais, temos um panorama extenso e complexo que reitera a inclinação do homem para a elaboração e o uso de linguagens. Para Aguiar:

> [...] as linguagens organizam-se em sistemas, aceitos e conhecidos pela comunidade que se utiliza deles. Por sua vez, ao utilizá-los, os sujeitos adaptam-nos a seus interesses e necessidades e acabam por alterá-los, num processo comunicativo dinâmico. Esses sistemas são formados por elementos chamados signos [...] (2004, p. 40).

O conceito de língua, por conseguinte, implica maior precisão. Definida nos Parâmetros Curriculares Nacionais como – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias[2] – "um organismo vivo que obedece aos usos e às necessidades de seus falantes", a língua norteia a vida humana, servindo não só como sistema de comunicação, mas como forma para o pensamento, como expressão de determinada cultura, como instrumento imprescindível em

[2] Versão 2000, publicada pelo site do Ministério da Educação e Cultura.
http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/02Linguagens.pdf (Acessado em Maio/2014)

todas as relações sociais. O domínio de uma língua seguramente determina as múltiplas possibilidades de ação e atuação dos seres humanos, corrobora sua complexidade e configura um aparato cognitivo bastante engenhoso. Sobretudo o uso de uma língua particular constitui-se como um legado transmitido de gerações sucessivas a seus descendentes.

Lyons, ao particularizar o conceito de língua, define-a como um tipo de linguagem,

> [...] sistema abstrato de regras gramaticais. Isto quer dizer que o conceito de língua está ligado a um conjunto de regras gramaticais que identificam sua estrutura nos seus diversos planos – dos sons; da estrutura; da formação e das classes de palavras; das estruturas frasais; da semântica; da contextualização e do uso (1987, p. 42).

Diversas vezes o termo linguagem encontra-se empregado em sentido mais restrito, como sinônimo de língua. Da mesma forma que o conceito representa a linguagem em geral, também se aplica a sistemas complexos de comunicação. Fernandes (1999, p. 65) assegura que provavelmente tal fato ocorra "porque em muitas línguas, como o inglês, por exemplo, não há duas palavras diferentes para designar os termos linguagem e língua (language) e apenas pelo contexto podemos indicar a diferença de sentido". Ao mesmo tempo, nas línguas em que existem os dois vocábulos diferenciados, frequentemente nos deparamos com o termo linguagem aplicado em seu sentido menos genérico, como língua.

Antes de Lyons, Saussure já tecia comentários a respeito da necessidade de distinção e delimitação dos termos língua e linguagem:

> [...] é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações de linguagem [...] Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente (1969, p. 33).

Os conceitos de linguagem e de língua, respeitando suas peculiaridades, contribuem para a definição dos campos de atuação das investigações e interpretações empreendidas. São considerados não apenas como formas de expressão e comunicação, mas como produtores de significados, conhecimentos e valores.

1.2 **Linguagem verbal e linguagem não verbal**

O signo de qualquer natureza se apoia na relação entre significado e significante. Embora se mencione tal relação, principalmente na dinâmica do signo linguístico, as linguagens não verbais (a música, a pintura, o cinema, a moda) também se valem dos signos,

compostos de determinados significantes (movimento, som, cor, forma) e respectivos significados (os conceitos expressos).

Embora a escrita funcione como parâmetro norteador da cultura ocidental, os bens simbólicos produzidos pelo homem em sociedade codificam-se de diversas formas.

A soma das linguagens, revestidas por diferentes códigos, concorre para melhor expressar o sentido desejado. A busca pela eficiência da expressão e da comunicação, o esmero em alcançar a compreensão dos receptores da mensagem emitida, constitui a dinâmica da interação e recorre ao caráter complementar das linguagens, bem como ao processo associativo de leituras.

A relação entre palavra, imagem, som e cor nos possibilita uma grande quantidade de leituras e de inferências. As imbricações averiguadas entre as diversas linguagens são bastante profícuas e ricas em significação. Os signos verbais ou não verbais estão abertos à decodificação daqueles que os utilizam para estabelecer relações e comunicar ideias.

1.3 **Linguagem audiovisual**

As frequentes inovações tecnológicas geram novas formas de linguagem. Os recursos audiovisuais distinguem-se por estimular os sentidos da visão e da audição simultaneamente. A combinação de imagens em movimento e sons gera significados na dinâmica das representações produzidas, considerando um intervalo de tempo.

Para a concepção de qualquer mensagem, a linguagem audiovisual suscita concomitantemente a atuação dos olhos e dos ouvidos durante o tempo de sua execução. Tal linguagem abrange, portanto, as comunicações, os recursos e os materiais que sistematizados se destinam a estimular a visão e a audição de um indivíduo.

No momento em que se conjugam as linguagens verbal, sonora e visual, a fim de transmitir uma mensagem específica, cria-se um código audiovisual, cuja leitura pressupõe o conhecimento dos seus componentes e dos seus processos de construção.

A linguagem audiovisual constrói continuamente suas características, transformando-se à medida que novos meios de captação e registro de sons e imagens em movimento são criados. Por compartilhar códigos baseados nos fenômenos acústicos e visuais, os recursos audiovisuais desdobram-se das inovações tecnológicas, com a constante ampliação de suportes, das formas de criação e de recepção das mensagens.

1.4 **Língua falada: o som e o sentido**

Chomsky assegura que “uma língua associa som e significado de um modo particular; ter domínio de uma língua é ser capaz, em princípio, de entender o que é dito e produzir um sinal com uma interpretação semântica desejada” (2009, p. 193).

A proposição de Chomsky sobre a *competência humana* para associar sons e significados conforme as regras de uma língua materna nos remete ao fato histórico de que a oralidade precede a forma escrita da língua. A fala, capacidade inerente ao ser humano sem prejuízo do aparelho fonador, consiste na relação entre emissões de voz e respectivas significações a fim de cumprir a função comunicativa.

Quanto ao *desempenho linguístico*, Chomsky adverte ser “bastante claro que o conjunto de representações fonéticas e semânticas acopladas, geradas pela gramática, será infinito” (2009, p.197). Os aspectos extralinguísticos próprios das situações de fala fornecem aos interlocutores indícios e pistas do contexto de enunciação, que “desempenham um papel fundamental na determinação de como a fala é produzida, identificada e entendida” (CHOMSKY, 2009, p. 194).

Zumthor, por meio de Serres, trata de um tipo de conhecimento pertencente ao ouvido: “É aí, e aí somente, que se situa para nós a oralidade de nossa ‘literatura medieval’: vocalidade-resíduo de nossas filologias, indócil a nossos sistemas de conceitualização” (1993, p. 35).

Com o passar do tempo, a ideia de desorganização por vezes atribuída à língua falada foi superada por inúmeros estudos cujo foco se direcionou à desconstrução de uma falsa dicotomia com a língua escrita. Para Preti, a língua falada detém uma gramática própria apreendida no uso diário, configurando uma linguagem espontânea popular. Destaca, em seguida, alguns elementos constantes da linguagem afetiva do falante:

> [...] na organização textual e interacional da fala, temos marcadores conversacionais, repetições e paráfrases, parentéticas, sobreposições, anacolutos, hesitações, correções, frequência de construções impessoais de fundo atenuador, etc. Na sintaxe, a predominância de períodos curtos, justaposição, frases incompletas (...). No vocabulário, o uso, cada vez mais generalizado do vocabulário gírio, mas também dos vocábulos obscenos e injuriosos [...] (1998, p. 125).

Preti aponta ainda a existência de variedades linguísticas na enunciação de textos em geral, “que iria desde a conversa distensa do dia a dia, até a exposição científica tensa ou um pronunciamento oficial de uma autoridade” (1998, p. 125).

Na fala, representada pelo sistema fonético, utiliza-se um conhecimento linguístico internalizado, que independe de aprendizagem escolar e resulta na oralidade. Na escrita, entretanto, necessita-se de subsídios linguísticos fornecidos pelo letramento, pelo acesso a uma formação continuada.

1.5 **Língua escrita: o registro e a memória**

É fato, na visão de Saussure, que a escrita é uma das formas de conhecermos a língua, "o documento intervém a todo instante" (1969, p. 34). A forma escrita da língua, no entanto, não é a língua. A língua escrita é um sistema totalmente distinto da língua falada. A primeira tem como função primordial a representação da segunda. A escrita é a representação imagética da fala. O linguista suíço reitera seu pensamento:

> A palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada [...] que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor se fosse contemplar-lhe a fotografia que o rosto (SAUSSURE, 1969, p.34).

A língua tem em sua tradição oral percurso bastante distinto e independente da escrita, no entanto, comenta Saussure, "homens esclarecidos confundem a língua com a sua ortografia" (1969, p. 34).

Na língua falada, o significante é constituído por fonemas, enquanto a língua escrita recebe forma por meio de signos gráficos ou grafemas. O português falado e o português escrito compreendem, assim, duas modalidades admitidas pela Língua Portuguesa.

Saussure considera a existência de dois tipos de escrita. No sistema ideográfico, a palavra é representada por um signo único e estranho aos sons que a compõe. Tal signo se relaciona com o conjunto da palavra e, por isso, indiretamente, com a ideia que exprime. Já o sistema normalmente considerado fonético visa a representar a série de sons que se sucedem na palavra. As escritas fonéticas são tanto silábicas como alfabéticas. Saussure esclarece:

> A língua tem, pois, uma tradição oral independente da escrita e bem diversamente fixa; todavia, o prestígio da forma escrita nos impede de vê-lo. Os primeiros linguistas se enganaram nisso, da mesma maneira que, antes deles, os humanistas. O próprio Bopp não faz diferença nítida entre a letra e o som; lendo-o, acreditar-se-ia que a língua fosse inseparável do seu alfabeto (1969, p. 36).

A necessidade de registrar os acontecimentos e as informações surgiu em eras primitivas, quando o homem iniciou a criação de imagens sobre superfícies rochosas, em abrigos ou cavernas, normalmente em lugares protegidos, desenvolvendo, progressivamente, sistemas de representação.

A escrita, a representação do pensamento e da linguagem humana por meio do emprego de símbolos, consiste em meio durável e privilegiado de comunicação entre os indivíduos, em etapas distintas da história da humanidade. Pelos registros escritos, a vida e a organização de povos que viveram há tempos chegam ao conhecimento do homem contemporâneo. O código escrito permite a extensão da memória de um povo, como garantia de transmissão e registro da cultura, da política, da arte, da religião, enfim, da complexidade que norteia as sociedades em geral; e, também, como possibilidade de armazenamento de informações.

As mais antigas representações pictóricas conhecidas são as pinturas rupestres, datadas do período Paleolítico Superior. O homem pré-histórico utilizava pedras para fazer sulcos, pigmentos naturais extraídos de plantas e carvão para desenhar e pintar nas rochas.

A escrita pictográfica, provavelmente, sucede as primeiras formas de arte figurativa. Usava-se como forma de escrita para a identificação de objetos ou para a representação de ideias, simbolizados por desenhos figurativos.

A escrita cuneiforme e a hieroglífica representam os mais antigos sistemas organizados de escrita, até então conhecidos. A cuneiforme foi desenvolvida pelos sumérios, com o uso de objetos em formato de cunha, para conceber os objetos da realidade.

Os hieróglifos funcionavam como inscrições formais nas paredes de templos e de túmulos, como uma escrita sagrada conhecida e dominada apenas por sacerdotes, membros da realeza ou detentores de altos cargos.

Com o tempo, tais escritas evoluem para formas mais simplificadas. Por praticidade, tornam-se mais abstratas. Um exemplo é o hierático, variante mais cursiva pintada em papiros ou placas de barro. Mais tarde, a escrita evoluiu para o demótico, fase em que os hieróglifos iniciais ficaram bastante estilizados.

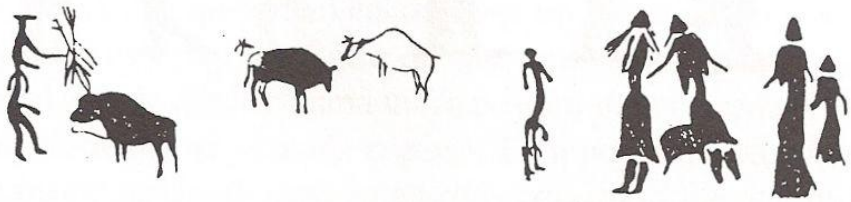
Já a escrita ideográfica, uma das fases na progressão até a escrita alfabética, possivelmente consiste em uma evolução de formas da escrita pictográfica. Nos ideogramas, a imagem pictórica fala por si. Os símbolos gráficos não representam os sons, mas designam um objeto ou uma ideia abstrata. Nela, o significante dispensa o significado, funcionando como uma linguagem imediata, direcionada para a significação.

Uma das fases na progressão até a escrita alfabética, o sistema ideográfico requer o conhecimento de grande número de símbolos. Cada objeto, cada conceito, detém um símbolo próprio constituindo um conjunto extenso de caracteres.

Outro exemplo de escrita ideográfica, muito conhecida atualmente, são os caracteres chineses que, devido à resistência a influências externas, não evoluiu para outras formas de escrita.

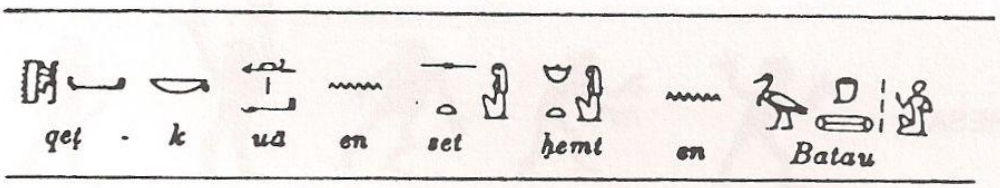
Os silabários antecederam a escrita fonética. Os conjuntos de sinais específicos representavam as sílabas inteiras, em vez de letras individuais. Posteriormente, ainda sem vogal, a escrita passou a associar símbolos fonéticos a seus referentes.

Figura 1 – Dos desenhos à linguagem escrita



Os primeiros desenhos em cavernas são um exemplo de comunicação escrita através do uso de imagens familiares.

Posteriormente, os frisos egípcios desenvolveram ainda mais esse uso.



Finalmente, os hieróglifos codificaram as imagens em símbolos a serem repetidos para formar uma linguagem escrita viável.

Fonte: EISNER, Will, 1999, p. 101.

1.6 **A letra como imagem**

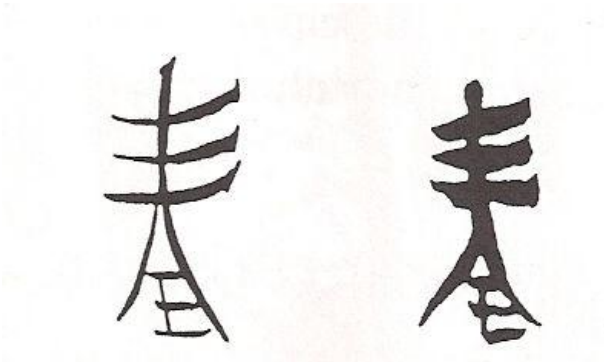
Notadamente as letras compõem as palavras. Segundo Eisner, “letras são símbolos elaborados a partir de imagens que têm origem em formas comuns, objetos, posturas e outros fenômenos reconhecíveis. Portanto, à medida que o seu emprego se torna mais refinado, elas se tornam mais simplificadas e abstratas” (1999, p. 14), trajetória que ressalta a natureza pictórica da letra e destaca seu aspecto imagético.

A escrita cuneiforme, desenvolvida pelos sumérios, e os hieróglifos egípcios, os tipos de escrita considerados mais antigos, são exemplos de pictogramas. Baseados na representação figurativa, reproduzem principalmente as formas derivadas do meio ambiente para a constituição da escrita.

A propriedade imagética da letra abarca a caligrafia chinesa, composta por ideogramas, símbolos gráficos, que denotam, além de objetos, ações e ideias abstratas. O estilo de pincelada utilizado contribui para a evocação da beleza e enfatiza a mensagem.

O exemplo abaixo ilustra dois estilos de pincelada na confecção do símbolo:

Figura 2 – Confecção do símbolo



Fonte: EISNER, Will, 1999, p. 15.

A evolução da escrita decorre de muitas mudanças e transformações ao longo do tempo e variam conforme a cultura. Com a automatização e a simplificação dos traços, os

desenhos passam a se diferenciar dos objetos representados. Gradualmente, os signos expressam os sons constituintes da palavra, agora decomposta em unidades sonoras. A escrita que inicialmente representava desenhos do mundo, em sequência, configura-se de forma simbólica, mais simples e abstrata.

A imagem visual caracteriza a gênese da escrita e permanece constituindo-a, porque as letras são traços gráficos. O alfabeto romano, que forma a Língua Portuguesa, embora não detenha semelhança com elementos do cotidiano, resguarda sua composição visual, já que as letras são desenhadas a partir de riscos. A afinidade entre o desenho e a palavra colabora para novas aproximações e investidas no trabalho conjunto dos signos visuais e linguísticos.

O quadro a seguir exemplifica as afinidades entre o antigo hieróglifo egípcio e o ideograma chinês e mostra ainda semelhanças com as ilustrações de quadrinhos para a transmissão da ideia de devoção.

Figura 3 – Ilustração para transmissão da ideia de devoção

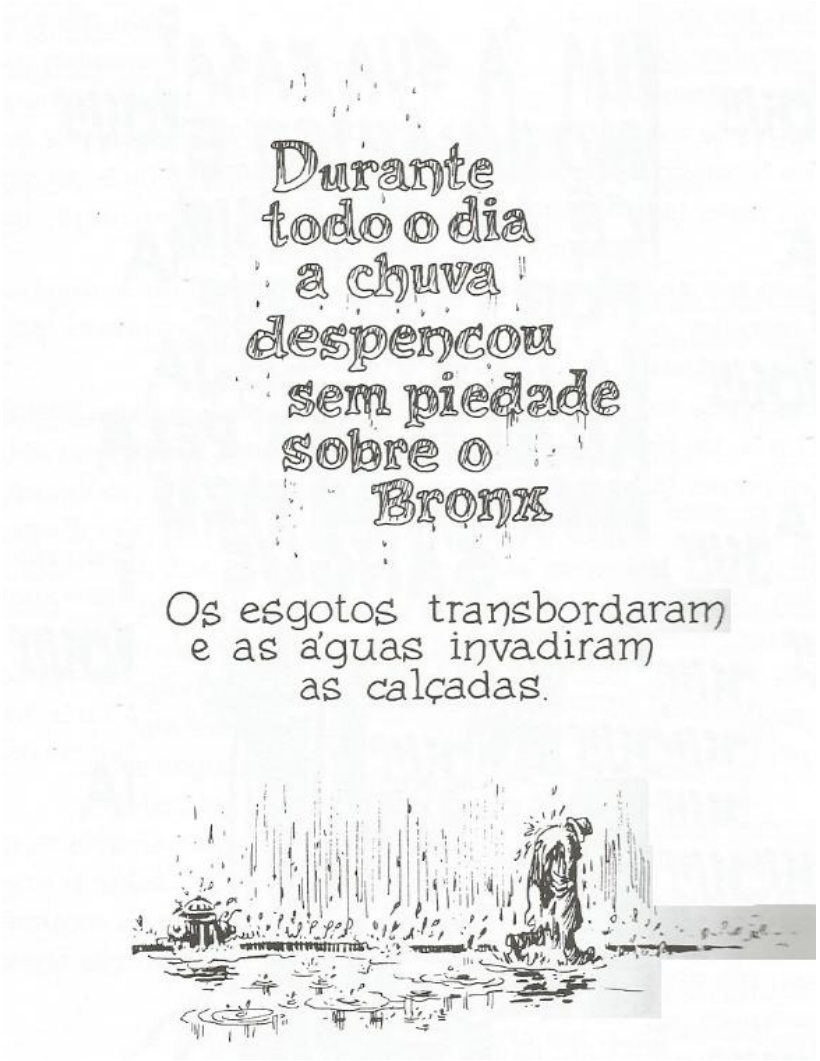
Fonte: EISNER, Will, 1999, p. 14

A caligrafia usada para a confecção tanto das formas de escrita quanto do personagem prostrado demonstra a curiosa progressão de uma expressão isolada, da antiguidade à moderna tira de quadrinhos.

Observa-se, frequentemente, o tratamento do texto na história em quadrinhos, modalidade de arte sequencial. A tipografia, normalmente mecânica, no caso, torna-se um elemento de apoio enredado à imagem visual. Os trabalhos sobre técnicas de criação de obras em quadrinhos destacam a importância das diversas possibilidades de uso das letras que, tratadas graficamente e cooperando com a história, funcionam como uma extensão da imagem.

Para Eisner: “as letras de um alfabeto escrito, quando executadas num estilo particular, contribuem para o sentido. Nesse aspecto, não diferem da palavra falada, que é afetada pelas mudanças de inflexão e nível sonoro” (1999, p. 14).

Figura 4 – Letras como uma extensão da imagem



Fonte: EISNER, Will, 1999, p. 11

Na ilustração 4, Eisner emprega o texto verbal desenhado de modo a permitir o envolvimento da letra com a imagem na construção do contexto chuvoso em que o personagem caminha desolado.

A oferta de tipos nos *softwares* de editores de texto coloca à mão do usuário uma gama de alternativas. A escolha será feita de acordo com a personalidade e a empatia de quem elabora o texto e com o efeito que deseja transmitir.

Conclui-se da ligação entre imagem e escrita que, além do tratamento da grafia, sua utilização requisita a competência visual. Deste modo, Vaz afiança que “falar em leitura bem-

sucedida de um texto impresso é lembrar o óbvio: só é legível aquilo que é visível; se o texto visto e lido for inteligível, aí, sim, completa-se o circuito da comunicação [...]" (1998, p. 41).

A leitura, apesar de estar diretamente vinculada ao conceito de alfabetização, não se restringe ao entendimento do código escrito, mas, considerando a complexa atividade humana, decodifica, integra e organiza informações.

1.7 **Imagem verbal e imagem pictórica**

A abordagem fundamentada nas possibilidades de produção e de articulação de significados conduz este estudo à construção de um panorama acerca da imagem como linguagem detentora de sentido, revestida sob signos pictóricos ou mesmo elaborada a partir de signos linguísticos.

Walty, Fonseca & Cury reiteram a relevância da imagem na constituição do universo dos indivíduos: "A imagem é mais do que uma representação de um referente, do que habitualmente costumamos chamar de real. Antes, ela é parte integrante da produção simbólica e como tal também constrói o real" (2006, p. 100).

A imagem, produção propriamente humana, tem por função primeira reforçar, reafirmar e explicitar nossa relação com o mundo visual. Para Aumont,

> [...] a imagem é sempre modelada por estruturas profundas, ligadas ao exercício de uma linguagem, assim como à vinculação de uma organização simbólica (a uma cultura, a uma sociedade); mas a imagem é também um meio de comunicação e de representação do mundo (2008, p. 131).

O caráter imediato distingue a imagem pictórica das imagens verbais. Manguel acrescenta que

> [...] as palavras escritas fluem constantemente para além dos limites da página [...]. As imagens, porém, se apresentam à nossa consciência instantaneamente, encerradas pela sua moldura – a parede de uma caverna ou de um museu – em uma superfície específica (2001, p. 25).

Na atualidade, confere-se à imagem pictórica nova dimensão. O fato de nortear as vivências humanas, cada dia com maior intensidade, favorece a constatação de seu predomínio quantitativo sobre outros códigos.

Ainda que a imagem proporcione a ampliação do conjunto de significações possíveis, muitas vezes o uso excessivo e indiscriminado promove o esvaziamento de sentido e até mesmo a saturação das ideias propagadas. No mundo globalizado, em que os meios de

comunicação ganham sempre mais velocidade, as imagens, por vezes, tornam-se previsíveis, repetitivas, semelhantes. A "hiperestimulação" (OLIVEIRA, 2008), em que as linguagens visuais tangenciam a onipresença, acaba por empobrecer a apreensão e a leitura das imagens.

A rapidez de transmissão das imagens, frequentemente vinculadas a códigos de outras naturezas, pode prejudicar uma leitura atenta e consciente do conceito emitido. Walty, Fonseca & Cury alertam:

> O recebimento da imagem, sobretudo via comunicação de massa, pode levar à alienação causada, por sua vez, pelo embotamento da sensibilidade e da capacidade reflexiva. A fragmentação dos discursos e sua proliferação conduzem à recepção acrítica do texto, que se faz objeto de consumo imediato (2006, p. 24).

Como já mencionado, as imagens muitas vezes se constroem por meio dos processos de figuração da linguagem, com recursos linguísticos que conferem ao texto materialidade. A força figurativa da palavra amplia as possibilidades criativas da língua, bem como otimiza os processos de produção de significado.

As funções denotativa e conotativa da linguagem favorecem a maleabilidade do uso dos signos linguísticos. Enquanto a linguagem denotativa estabelece vínculo direto de significação entre significante e significado, a conotativa concede ao signo um conjunto de alterações e ampliações agregadas ao seu sentido literal.

Para Lopes & Rio-Torto, o conhecimento intuitivo das palavras de uma língua apreende os "[...] significados explícitos, convencionais e invariantes das expressões linguísticas, aqueles que permanecem estáveis independentemente das situações de uso [...]" (2007, p. 42). Tal conhecimento associa-se à capacidade de perceber novas relações de significação: "enquanto falantes nativos de uma língua, somos capazes de atribuir propriedades semânticas a expressões dessa língua e intuir relações semânticas entre expressões" (LOPES; TORTO, 2007, p. 42)

Segundo Aguiar:

> O poeta aspira, por meio das imagens que compõem em seu texto, uma significação geral não explicitada racionalmente [...]. O poeta tece uma rede de imagens que vão compondo uma mensagem feita de condensações de sentido, aproximando palavras que, dentro de uma semântica lógica, não teriam nenhuma relação (2004, p. 35).

Os processos de figuração da linguagem são capazes de produzir imagens na leitura de um texto. Em acordo com os pensamentos delineados, Walty, Fonseca & Cury asseguram que: "numa simples descrição ou no uso de complexas metáforas e metonímias, o texto verbal pode conter a força de uma imagem propriamente dita" (2006, p. 9). A imagem verbal caracteriza-se pelo corte entre signo e referente, pois seu processo de criação não traz consigo a ilusão de referencialidade ou a pretensão de uma fusão ao real.

A construção textual conta, ainda, com a formação de imagens no processo de leitura. O leitor coopera com a construção textual, concretizando significados, conforme suas vivências, crenças e expectativas. Em meio ao que depreende na leitura, reconstrói o texto em seu universo particularizado.

Apesar de qualquer pessoa usar imagens em sua linguagem cotidiana, a literatura e a linguagem publicitária são meios privilegiados para a produção das imagens verbais, muitas vezes prescindindo da imagem propriamente dita.

1.8 **Imagens dinâmicas e imagens estáticas**

As imagens realizam-se por meio de suportes diversos e acompanham o desenvolvimento humano refletido nas tecnologias. Ao longo dos séculos, em consonância com as alterações sociais e culturais, as propriedades da produção imagética transformaram-se e viabilizaram novas formas de ocorrência. O processo iniciado nas primeiras imagens registradas em suportes fixos desdobrou-se em novas formas de conceber e perceber os estímulos visuais e, consequentemente, o mundo do qual o indivíduo faz parte.

Laurentiz corrobora tal raciocínio:

> [...] os dispositivos são históricos e se transformam historicamente, dependendo, portanto, do nível de desenvolvimento produtivo das sociedades nas quais as tecnologias de produção são empregadas. São as principais tecnologias de produção: (1) as artesanais, no ciclo pré-industrial, (2) as mecânicas, no ciclo industrial e (3) as eletrônicas, no ciclo pós-industrial (1991, p. 69 e 115).

As alterações na maneira de conceber as imagens se refletem nos domínios de espaço e de tempo, embora noções imprecisas nos campos das ciências exatas. Como Santaella e Nöth atestam,

> [...] alguns sistemas de signos se materializam, tomam corpo na simultaneidade do espaço, como é o caso do desenho, da pintura, da gravura, escultura, arquitetura etc., enquanto outros se desenrolam, tomam corpo e se dissolvem na sequencialidade do tempo, como a oralidade, a música, o cinema, a imagem eletrônica em geral (2008, p. 73).

Aumont (2008), em suas reflexões sobre a imagem e suas propriedades, estabelece a primeira e mais importante distinção entre as características das representações visuais produzidas. Refere-se às imagens como *temporalizadas* ou *não temporalizadas*.

No estudo em questão, as imagens *temporalizadas* serão nomeadas imagens dinâmicas e as *não temporalizadas*, imagens estáticas, conquanto, de acordo com as premissas da física moderna, nenhuma imagem, nem as fixas, pode prescindir do tempo. Conforme Aumont, as primeiras são aquelas que se modificam ao longo do tempo, "sem a intervenção do espectador e apenas pelo efeito do dispositivo que as produz e apresenta"; enquanto as segundas "existem idênticas a si próprias no tempo" (2008, p. 161).

O sujeito da percepção ao se defrontar com uma imagem estática detém a escolha entre uma observação prolongada ou um olhar fortuito, dependendo da sua intenção. O tempo de observação das imagens estáticas é franqueado ao leitor dos textos com que se depara, possibilidade interdita ao observador das imagens dinâmicas. O fluxo regular e irreversível da projeção de determinada imagem restringe, a princípio, o tempo de fruição do leitor.

A classificação proposta por Aumont desdobra-se em subdivisões pelas quais o teórico procura compreender maiores complexidades nas relações entre o tempo na imagem. Considera, pelo estabelecimento de dicotomias, três grupos: "(1) imagem fixa versus imagem móvel, (2) imagem única versus imagem múltipla e (3) imagem autônoma versus imagem em sequência" (2008, p. 161).

A relação entre espaço e tempo torna-se ainda mais precisa nos subgrupos. A mobilidade, a multiplicidade e a sequência são atributos que se definem espacialmente. Enquanto a imagem múltipla ocupa várias regiões do espaço, ou a mesma região do espaço em sucessão, a imagem sequencial, com base em critérios semânticos, vincula as representações com o auxílio da significação. O contraponto entre o fixo e o móvel se relaciona à ideia de estabilidade.

Já Santaella e Nöth (2008, p. 75) estabelecem critérios diferentes a partir de conceitos estabelecidos para as relações temporais. O tempo intrínseco à imagem refere-se às imagens relacionadas ao tempo de enunciação; o tempo extrínseco à imagem, o tempo do referente ou do enunciado, age sobre a matéria e os suportes das imagens provocando seu envelhecimento ou desgaste e se opõe ao tempo das imagens abstratas, não figurativas; por fim, o tempo intersticial relaciona-se ao tempo da percepção da imagem.

Com o advento, propagação e democratização dos sistemas de computação como ferramenta produtora de signos visuais, nasce o termo "imagem virtual" (LÉVY, 2004, p.16), que existe potencialmente em formato numérico, com a possibilidade de visualização. No âmbito das imagens materiais, dirige-se aos sentidos e se torna visível no momento em que procedimentos técnicos são instaurados.

Ao abordar as imagens materiais, há de se considerar as imagens mentais, relacionadas ao pensamento e à linguagem. Apesar da natureza distinta de tais imagens, estão intrinsecamente ligadas. Santaela e Nöth (2008, 75) asseguram que as imagens como representações visuais são decorrentes de imagens na mente dos indivíduos que as produziram, enquanto as imagens mentais se originam no mundo concreto dos objetos visuais.

1.9 **O texto**

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias – [3] definem o significado de texto: "Em sentido amplo, texto é qualquer manifestação articulada que se veicula por linguagens [...] é um todo significativo e articulado, verbal ou não verbal". A afirmação amplia o alcance do conceito de texto, normalmente relacionado à produção verbal oral ou escrita.

Aguiar aprofunda tal ideia quando designa o texto como "[...] todo e qualquer objeto cultural, verbal ou não, em que está implícito o exercício de um código social para organizar sentidos por intermédio de alguma substância física" (2004, p. 43). O texto, portanto, reproduz os modos de ser e as acepções do grupo social que o produziu.

O texto ultrapassa os limites da linguagem verbal, concretiza discursos e expressa, por meio de signos de diferentes naturezas, significados nas mais variadas situações cotidianas. Koch refere-se ao texto

> [...] em sentido lato, para designar qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, quer se trate de um romance ou de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc., isto é, de qualquer tipo de comunicação realizada através de um sistema de signos. Em se tratando da linguagem verbal, tem-se o discurso, atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada [...] (2004, p. 19).

A produção de um texto qualquer carrega consigo visões de mundo que refletem as relações com a cultura da qual determinado grupo faz parte. Produzir um texto demanda necessariamente proceder a escolhas e a combinações por meio de um conjunto de signos, logo, o texto conta com um enunciador de ideia ou pensamento a ser veiculado. Insere-se dentro de um contexto delimitado que aponta de forma concreta para o universo de seu autor.

[3] Versão 2000, publicada pelo site do Ministério da Educação e Cultura. http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/ Acessado em Maio/ 2014.

As ações enunciativas, produtoras de textos, são permeadas de elementos significativos e muitas vezes associam-se a novos textos, formando uma rede de significação. Tal propriedade intertextual possibilita o relacionamento entre linguagens e amplia o alcance das mensagens que se deseja emitir.

1.10 **A construção da imagem e a construção do texto verbal**

Há técnicas que visam à melhor execução da linguagem verbal. O domínio de princípios balizadores da construção verbal pretende conduzir o usuário da língua à utilização consciente e refletida dos seus mecanismos de funcionamento.

A mensagem verbal é simbólica, a palavra que designa o objeto não se assemelha a ele. Permite, todavia, distinguir objetos, noções, ideias, nomear as coisas, e, assim, realizar e transmitir o pensamento. Embora o número de enunciados produzidos com os elementos de uma língua seja teoricamente infinito, a nossa liberdade de construir frases demanda um mínimo de ajustes gramaticais, a fim de produzir sentido e favorecer a compreensão do interlocutor. Tanto a produção linguística oral como a escrita desenvolvem-se em quadro relativamente delimitado. Oralmente, a originalidade da expressão é determinada pela pronúncia, pela entonação, pela melodia, pelo timbre da voz e pela acentuação; graficamente, ela se manifesta na forma escrita e no estilo. Tal originalidade, embora respeite limites, permite que o emissor escape da linguagem estereotipada.

Os tipos textuais (narração, descrição, argumentação, injunção, exposição) apresentam estruturas peculiares, em consonância à natureza linguística da composição, a partir da forma de interação, e obedecem a aspectos lexicais, sintáticos, lógicos, bem como aqueles concernentes à morfologia dos tempos verbais.

No que se refere às linguagens gráficas ou às pictóricas, há o estabelecimento de códigos característicos, que comprovam a especificidade da mensagem visual em seus diversos gêneros. Oliveira afirma que: “A autêntica arte é uma comunicação humana entre os homens, portanto, perfeitamente compreensível e decodificável” (2008, p. 35). As Artes Plásticas, por exemplo, independente do suporte utilizado, possuem elementos em suas respectivas estruturas internas e externas passíveis de análise. Até mesmo as pinturas abstratas, a despeito do afastamento de vivências e representações, não se tornam totalmente livres de exame.

A construção da imagem conta com direcionamentos e categorizações a fim de favorecer o desenvolvimento de técnicas e de recursos de expressão, exigidos pelo rápido avanço da tecnologia gráfica e pela crescente dependência da comunicação visual. Aumont (2008, p. 267) define a existência de uma gramática que relaciona algumas categorias fundamentais ao domínio plástico. Considera, como elementos comuns a toda dimensão plástica, a superfície, a cor e a gama de matizes; a estrutura refere-se às formas mais complexas fabricadas a partir da combinação e composição dos elementos simples.

Além das reproduções estáticas, a disposição sequencial de imagens confirma seu potencial narrativo e demonstra a capacidade de sua articulação para a contação de histórias, como nos livros de imagem. A interlocução consistente da mensagem visual relaciona-se com a quantidade de imagens extraídas da experiência comum. A linguagem pictórica, então, veicula informação conforme os objetivos e os desejos de seus produtores.

A ilustração, imagem pictórica, na maior parte das vezes figurativa, possui uma linguagem própria e se destina, em grande proporção, a um público específico, o infanto-juvenil. Trata-se de uma arte com propósitos estéticos particulares, cujo fim é a reprodutibilidade. Ainda que seu processo de criação normalmente se vincule a um texto, a ilustração pretende resguardar sua autenticidade e, consubstanciada ao verbal, otimizar a mensagem emitida. Oliveira reitera que "Toda ilustração, além de suas inter-relações com o texto, possui qualidades configuracionais e estruturais perfeitamente explicáveis e analisáveis" (2008, p. 30).

Aspectos constitutivos como composição, ritmo, linha, textura, cor, junto à representação do espaço, da perspectiva, da luz, das sombras, configuram rudimentos que congregados na ilustração produzem um todo expressivo. Ainda Oliveira, ao versar sobre a coordenação dos elementos plásticos que compõem uma ilustração, ressalta a especificidade do gênero: "Assim como existe uma sintaxe das palavras, existe também uma relativa sintaxe das imagens" (2008, p. 34).

Para Oliveira (2008), os gêneros fundamentais de ilustração obedecem às intenções da mensagem emitida e detêm as funções de informar, persuadir e narrar, muitas vezes ocorrendo simultaneamente. A função narrativa da ilustração, por exemplo, atrelada a aspectos descritivos do cenário e dos personagens, concorre para melhor expressão do sentido de um acontecimento qualquer.

A imagem confirma sua aptidão narrativa quando ordena acontecimentos representados, compondo um conjunto organizado de significantes que veicula conteúdo, em certo espaço e no desenrolar do tempo. Aumont afirma que "toda imagem narrativa é marcada

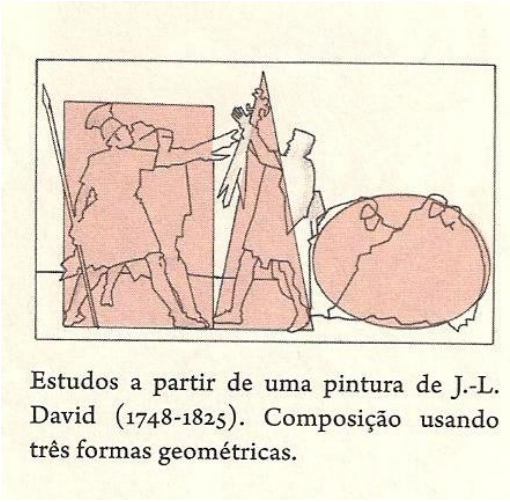
pelos códigos da narratividade, antes mesmo que essa narratividade se manifeste eventualmente por uma sequenciação" (2008, p. 247).

Percebe-se a proximidade dos mecanismos linguísticos com aqueles relativos à imagem. Conhecer os artifícios inerentes à confecção do texto verbal e dominá-los, ter condições de acessar as estruturas de determinada obra, expande as fronteiras de manipulação, leitura e até mesmo produção de um texto visual, de uma representação figurativa qualquer. O sentido final, reconhecido em sua perspectiva global, constitui-se por meio de uma quantidade razoável de partes que, conhecidas e estudadas, favorecem a autonomia e a consciência na interpretação, estendendo a competência visual.

Os arranjos possíveis entre os elementos de uma imagem funcionam como uma espécie de sintaxe, que articula e organiza as partes com a finalidade de arquitetar um conjunto significativo. A construção da imagem está atrelada a um rol de composições e distribuições dos considerados "pontos focais" (OLIVEIRA, 2008), áreas nas quais os constituintes ou ações são dispostos conforme a necessidade de destaque ou ênfase. Tal fundamento da linguagem visual harmoniza os espaços vazios e cheios, os tons, as luzes, os contrastes entre as formas, as direções dos desenhos, unindo, deste modo, todos os elementos que participam da narrativa, e incorporando-os de maneira equilibrada na área útil da ilustração e, ainda, na página do livro.

A composição de uma imagem proporciona, consequentemente, unidade e expressividade à obra, respeitando os intentos do autor, aquilo que pretende comunicar. Oliveira (2008, p. 60) apresenta um exemplo de composição baseado em figuras geométricas:

Figura 5 – Composição baseada em figuras geométricas



Estudos a partir de uma pintura de J.-L. David (1748-1825). Composição usando três formas geométricas.

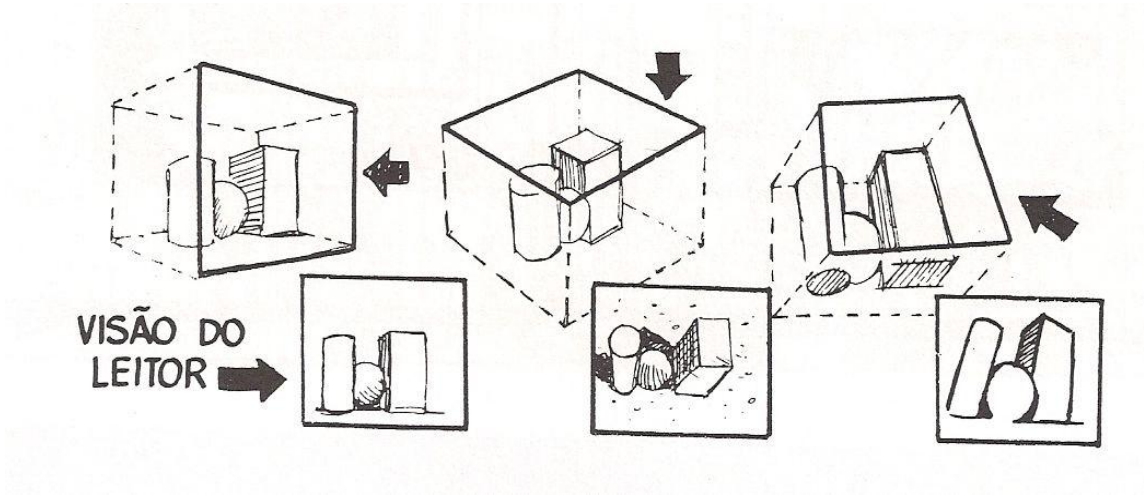
Fonte: OLIVEIRA, Rui de, 2008, p. 60.

A sobreposição de palavra e imagem, típica dos quadrinhos, exige que o leitor exerça suas habilidades interpretativas visuais e verbais, pois é no emprego habilidoso destes dois importantes dispositivos de comunicação que se encontra o potencial expressivo do canal. Para Eisner, tal decodificação da mensagem é favorecida porque "[...] os processos psicológicos envolvidos na compreensão de uma palavra e de uma imagem são análogos. As estruturas da ilustração e da prosa são similares" (1999, p. 8).

Como ocorre nas narrativas verbais, o uso de descrições aproxima o leitor da estrutura ficcional. A disposição dos objetos, a caracterização do lugar em que ocorre a história e a composição dos personagens são descritas para ambientar o leitor e familiarizá-lo com a atmosfera dos eventos.

A morfologia dos quadrinhos congrega uma série de estruturas e aspectos formais que conduzem a sua leitura. A perspectiva, produção cultural do Renascimento, reconstitui a noção de volume com a projeção de um espaço tridimensional em respectiva superfície bidimensional. A criação de perspectiva indica um ponto específico de visão da cena, levando o leitor a enxergá-la de determinada posição, para alcançar o efeito desejado. Colabora igualmente para a intuição de uma morfologia visual, em que cada ponto de referência concede nuances de significação à mensagem. No exemplo abaixo é possível perceber as diferentes apreensões da mesma mensagem visual, conforme o direcionamento proposto.

Figura 6 – Diferentes apreensões da mesma imagem visual



Fonte: EISNER, Will, 1999, p. 88

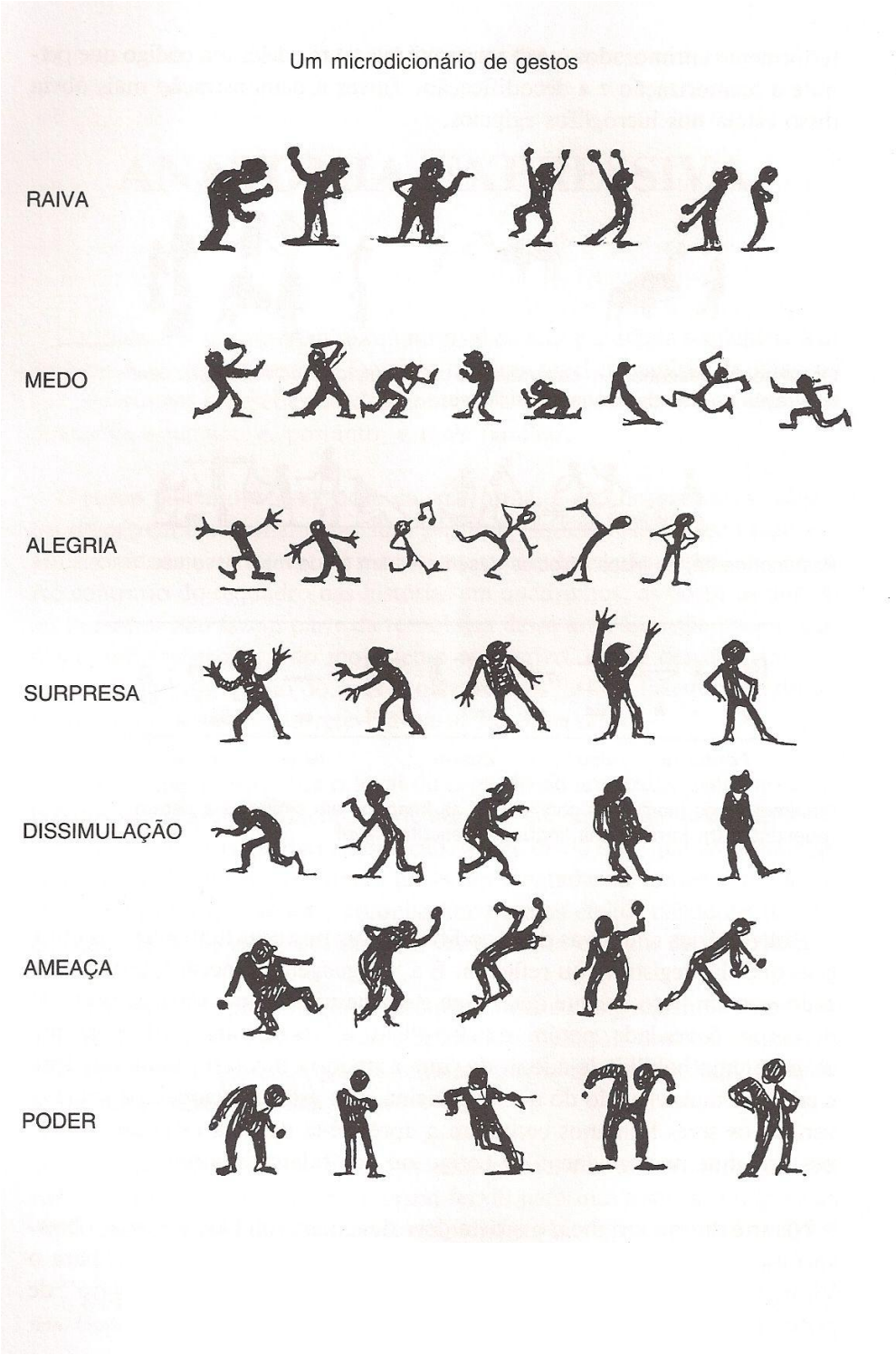
Aspectos formais como luz e sombra podem ocasionar o refinamento semântico da cena forjada. O escurecimento de um ambiente cria, por exemplo, uma atmosfera soturna, de suspense. A claridade torna o acontecimento manifesto, minimizando o imprevisível. O emprego de luz e sombra, de claro e escuro, atua diretamente na significação da mensagem transmitida, como exemplificam as ilustrações adjacentes:

Figura 7 – Luz e sombra, o claro e o escuro

Fonte: EISNER, Will, 1999, p. 146

Na concepção da forma humana, existe uma série de possíveis movimentações e articulações do corpo e das feições relativas aos estados de humor próprios dos indivíduos. O compromisso com a verossimilhança baliza a composição dos personagens e de suas ações. As expressões externas reproduzem as sensações internas dos personagens, formando um conjunto vasto de símbolos estabelecidos a partir do senso comum. Eisner produz um pequeno dicionário imagético para exemplificar a recorrência de certos gestos relativos a sentimentos específicos:

Figura 8 – Pequeno dicionário imagético



Fonte: EISNER, Will, 1999, p. 102

Observa-se, finalmente, que as composições imagéticas, assim como as verbais, constituem-se de um número apreciável de partes para formar um conjunto relevante, cujo teor significativo deve responder às demandas de seus autores. O conhecimento das partes e de seus mecanismos constituintes possibilita uma leitura atuante, capaz de interagir com as informações e recompô-las.

O entendimento dos fundamentos tanto da produção textual quanto da imagem não pretende dissecar ou desmembrar a obra ou, ainda, recorrer às partes a fim de minimizar o impacto do conjunto, mas almeja promover o aluno a sujeito de seu próprio aprendizado, torná-lo protagonista do seu processo educacional e conduzi-lo, com autonomia, a construir conhecimento de maneira continuada.

1.11 **O leitor e a produção de sentidos**

A figura do leitor é central na produção e recepção de significados. O leitor cria novas imagens, decifra palavras e outros códigos, além de deter papel ativo no processo associativo de leituras. Mendes assegura que

> Enquanto está lendo (no sentido mais amplo da palavra), o leitor soma ao texto seus pensamentos transitórios, suas relações inconscientes àqueles textos e a outros, notas marginais e comentários. A leitura é, assim, entendida como um processo ativo de reescritura (2007, p. 18).

O leitor recria os textos a partir do recorte de significações que empreende, de acordo com o contexto em que se insere, estampando as influências de suas vivências e experiências. Para Mendes "esse processo de decifração de textos envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos, políticos e depende do universo simbólico de cada indivíduo" (2007, p. 17).

Os signos, com seus traços inerentes, estáveis, constantes, são particularizados, transformados, adaptados por meio dos traços contextualmente adquiridos, que refletem a estreita relação da linguagem com o mundo, suas demandas e configurações. O potencial semântico dos signos possui estreita relação com a vivência do leitor. Walty, Fonseca & Cury afirmam que: "o símbolo está, por isso, ligado a estruturas mentais, a esquemas afetivos, a formações inconscientes que recuperam o objeto, não por aquilo que ele é, mas por aquilo que sugere, insinua" (2006, p. 103).

O caráter figurado da língua, quando acionado, possibilita a existência de lacunas no texto verbal ou não verbal. No que diz respeito às produções em imagem, o aspecto inconcluso é alcançado pela justaposição de elementos, pela transposição de nexos lógicos, pelas sensações fomentadas por meio dos recursos e métodos empregados.

Tanto nas representações verbais quanto nas não verbais, principalmente em textos literários ou artísticos, o simbolismo inerente aos códigos permite uma gama considerável de possibilidades significativas ao leitor, cujas escolhas relacionam-se aos seus conhecimentos prévios e sua visão de mundo.

Torna-se perceptível que a existência de uma intenção, de determinado objetivo, permeia qualquer ação comunicativa e influi tanto na produção quanto na recepção de significados. Qualquer conduta comunicativa detém uma finalidade, que determinará os meios utilizados para o alcance dos efeitos almejados, dentro de um espaço específico de interação.

2 **A LÍNGUA, A COMPLEXIDADE HUMANA E O APRENDIZADO**

O aprendizado, consciente ou não, faz parte da vida de qualquer indivíduo desde o seu nascimento. Tudo se faz novo para um recém-nascido. Suas percepções ainda primárias sobre aquilo que o cerca fomentam um contínuo esforço para desvendar e apreender o ambiente em que vive.

Diante de tais novidades e do teor das mudanças enfrentadas, o empenho cognitivo de um bebê pode oscilar, entretanto, não há indivíduo isento da tarefa de aprender. Conforme o indivíduo cresce, maior a sistematização dos processos de ensino e de aprendizado e mais elaborada a percepção dos modelos apresentados.

No que se refere ao aprendizado da língua, pode-se afirmar que cada indivíduo – exceto em casos específicos de déficits ou distúrbios – traz consigo a competência linguística, ou seja, a capacidade de se apropriar e, em consequência, de interagir em sua língua materna. Para Yaguello (1990, p. 15), todavia, o desempenho de tal competência perpassa um aprendizado cultural.

Um indivíduo em fase de aquisição de linguagem, apesar de não submetido a processos elaborados de compreensão e de não apresentar vontade consciente, encontra incentivo no meio em que vive para reagir a ele, reproduzir seus exemplos e criar enunciados inusitados.

Só em determinado momento, a apreensão da língua materna se organiza, a partir de determinados métodos, conforme o grau de crescimento do aprendiz.

Na escola, além das competências da leitura e da escrita, aprende-se também a sensibilizar-se diante das diferentes variedades linguísticas, segundo Ferraz (2007, p. 19).

Tanto no processo de aquisição como no decurso do aprendizado sistematizado da língua, muitos são os fatores que influenciam e interferem em tais ações. A língua, baseada em sua condição de processo e não de produto acabado, permanece em evolução contínua e paulatina dentro do próprio sistema. Da mesma forma, o contato com outros sistemas proporciona a adoção de novos traços. A vizinhança ou coexistência espacial, contatos esporádicos ou sistemáticos entre duas línguas, produzem, em maior ou menor grau, interferências em ambas as partes. As relações interpessoais, mediadas pela tecnologia, pela influência e pela intervenção política e cultural, desdobram-se em interferências linguísticas. A interação dos indivíduos favorece a adoção, a criação e a difusão de termos.

A língua, portanto, funciona não só como sistema de comunicação, mas também como forma para o pensamento, como molde de determinada cultura, como instrumento imprescindível em todas as relações sociais. Trata-se de um sistema de códigos suficientes para a transmissão de qualquer informação, um mecanismo que possibilita o conhecimento humano, a formulação de ideias, além de proporcionar a interação de indivíduos de uma mesma comunidade falante. A reflexão de Luria completa o raciocínio apresentado: "o homem sem a linguagem só se relacionava com aquelas coisas que observava diretamente, com as que podia manipular [...]. A palavra duplica o mundo dando ao homem a possibilidade de operar mentalmente com objetos, inclusive na ausência destes" (1986, p. 32).

Inúmeros são os aspectos e as relações mantidos por uma língua nas mais diversas situações. Dominar uma língua qualquer e se valer da capacidade intuitiva para utilizá-la significam portar um instrumental riquíssimo de acesso aos processos de aprendizagem que interferem e influenciam na leitura de mundo do indivíduo.

A escola, para alcançar de maneira eficaz o objetivo de ensinar uma língua, deve considerar a complexidade e a riqueza que integram o indivíduo, criando novas formas de transmitir e abordar o desempenho linguístico.

Os processos e as formas de aprendizado são comumente investigados, novas metodologias de ensino são vislumbradas, apuradas, trabalhadas. Aprender trata-se de uma ação compulsória que perpassa toda a dimensão da vida humana, de maneira natural ou elaborada.

2.1 **Língua: competência inata**

O ser humano teve a evolução de seu sistema oral e respiratório não apenas para as funções de comer ou produzir ruídos, mas também para desempenhar especificamente a fala articulada. É possível afirmar, então, que os seres humanos possuem certas adaptações físicas específicas para as exigências da fala.

Slobin endossa o raciocínio:

> É um fato muitíssimo singular não existirem homens, nem mesmo entre os mais dementes, que sejam tão obtusos e estúpidos a ponto de não poderem juntar palavras de modo a comunicar seus pensamentos. Por outro lado, não há outro animal, por mais perfeito que seja e bem situado, que possa fazê-lo (1980, p. 159).

Imprescindível notar a importância da língua nos processos mentais. Os mecanismos que envolvem o pensamento, na maioria das vezes, estão ligados aos processos que envolvem os mecanismos linguísticos. Linguagem e pensamento, fenômenos desenvolvidos nos primeiros meses de vida, em torno dos dois anos de idade estabelecem uma relação de mútua dependência: a linguagem passa a servir ao intelecto e os pensamentos verbalizam-se. Os primeiros contatos entre língua e pensamento interferem no complexo aparato cognitivo da criança, determinando, em certo ponto, que a linguagem pode impulsionar o pensamento. A relação expressa confirma o papel da língua como um dos principais instrumentos de desenvolvimento dos processos cognitivos do ser humano.

Luria adverte, entretanto, que "há entre os cientistas sociais uma tendência a considerar a linguagem como um fenômeno puramente aprendido e cultural, um instrumento engenhosamente concebido, introduzido de forma proposital para desempenhar funções de natureza social [...]" (1986, p. 55).

Embora a importância sociocultural da língua seja evidente, vale ressaltar que a aquisição da mesma é controlada por um conjunto de fatores biologicamente determinados, e não por treinamento intencional. Quando Chomsky afirma que "todas as línguas humanas compartilham de propriedades de organização e estrutura em suas camadas profundas" (1971, p. 42), refere-se ao sistema abstrato de regras sobre a estrutura da língua e à capacidade inata do indivíduo falar e compreender sua língua materna, tendo o seu entorno papel desencadeador de tal potencialidade. Hagège, partindo de outro viés, avaliza a teoria inatista com a seguinte afirmação: "A língua preexiste ao indivíduo, que, do nascimento à morte, não tem outra opção senão aprendê-la" (1990, p. 18).

Desde que a criança esteja inserida em um ambiente falante de uma língua qualquer, essa se desenvolverá automaticamente. Segundo Ferraz, "Fica-se sempre surpreendido quando se ouvem as primeiras palavras, as primeiras frases, a crianças muito pequenas, quando se verifica que elas compreendem e produzem enunciados nunca ouvidos antes" (2007, p. 17).

O meio ambiente, como observamos, não é descartado na teoria inatista. Inicialmente, possui a função de concretizar as "regras" subjacentes ao falante nativo de determinada língua. Quando uma criança em fase de aquisição de linguagem fala "fazi" em vez de *fiz* ou usa a forma "madrinho" em vez de *padrinho*, modelos não fornecidos pelo meio linguístico, ela seguirá a estrutura lógica de sua gramática internalizada. Lançadas tais hipóteses, "fazi" e "madrinho", a criança perceberá que no meio linguístico do qual faz parte as hipóteses não se realizam e, no decorrer de sua aprendizagem, passará a usar as formas legitimadas pelo uso

social. À criança em fase de aquisição da língua é indispensável, então, dar o tempo suficiente para que aprenda a adequar ao uso social o que inicialmente faz de forma instintiva.

De acordo com o raciocínio apresentado, a criança nasce competente para o uso da língua e procederá ao seu desempenho a partir da inserção em ambiente linguístico que veicule tal língua denominada materna. Yaguello reitera: "O homem está programado para falar, para aprender línguas, sejam elas quais forem, mas não para aprender física ou matemática" (1990, p. 15).

Desta forma, o indivíduo vai à escola não para aprender uma língua que já domina naturalmente, mas para apurar as variedades instituídas e valorizadas pela elite social.

2.2 **Língua, identidade e cultura**

A língua é instrumento determinante na concepção do ser humano. Com o domínio da língua, é possível comunicar pensamentos e sentimentos, transmitir e adquirir conhecimento e, também, operacionalizar o potencial criativo dos indivíduos em geral.

A conduta humana apontada desde tempos remotos, por meio de narrativas compostas por vários ícones da literatura, demonstra o valor da língua na concepção e na formação do indivíduo. Tal potencial para apreensão e utilização da língua proporcionou a manutenção e o registro de sua história ao longo tempo.

Yaguello ressalta a relevância da cultura, diante do aprendizado de determinada língua:

> [...] a linguagem responde a uma necessidade fundamental da espécie humana que é a necessidade de comunicar; mas esta necessidade, contrariamente às de comer, respirar, dormir, fazer amor, etc., não se manifesta naturalmente. A linguagem tem que aprender-se, sob a forma de uma língua, própria de uma comunidade, de modo a manifestar-se em atos de fala (1990, p. 16).

O uso de uma língua em particular é como um legado transmitido de gerações sucessivas a seus descendentes. A língua, contudo, está em constante mudança, transformando-se ao longo do tempo.

As línguas não reproduzem de maneira idêntica os fenômenos do mundo, mas os reinventam e até os recriam, influenciando fortemente a concepção que cada comunidade tem de si mesma. Sem dúvida, a língua se trata de um dos principais instrumentos de identidade cultural de uma comunidade quando termos não existentes em certa comunidade linguística

são trazidos de fora, ganham no novo ambiente uma adaptação própria, conforme os aspectos morfológicos e fonéticos de sua língua nativa. Como exemplo, o vocábulo “Twiter” importado do inglês que, no Brasil, tomou a forma tuitar, obedecendo à primeira conjugação dos verbos da Língua Portuguesa. Importá-los é uma forma de manter a língua atualizada diante das mudanças sociais, tecnológicas e culturais. O vocabulário de qualquer língua pode ser ampliado de forma a incluir novas palavras para novos conceitos.

Ainda para Hagège:

> O fato de empregar uma língua é vivido pelo usuário como uma relação fundadora, que provê identidade ou mesmo acesso à existência [...]. O que vale para o indivíduo vale muito mais para a coletividade erigida em nação [...]. "É por sua língua que uma nação vive”. A língua tem, pois, o poder de unir energias em torno de uma causa nacional que ela encarna melhor que qualquer outro elemento da cultura (1990, p. 23).

Sob o ponto de vista da identidade cultural, usar a língua materna, entre muitas outras funções que detém, é transmitir a cultura da qual o indivíduo faz parte. A escola, por sua vez, precisa valorizar tal cultura, incorporando-a aos processos de ensino da língua.

O domínio de uma língua revela o homem e o mundo a sua volta. Expressa as peculiaridades, as crenças, as aspirações de um povo. A língua e suas propriedades, conclui-se, norteiam nossas vidas e transmitem a cultura da qual seus usuários participam.

2.3 **Língua e sociedade**

A percepção dos enlaces entre língua e sociedade transferiu ao ambiente, parcela da responsabilidade pelo fluxo e produtividade de tal língua, traçando, assim, novos percursos para os estudos linguísticos. Yaguello repercute tal premissa quando afirma que o advento da sociolinguística “provocou uma redefinição do próprio objeto da linguística” (1990, p. 17).

O domínio de uma língua se coaduna à sociedade que a utiliza em ligação inquestionável. A própria vocação da língua para comunicar reflete sua estreita relação com o grupo de indivíduos que dela faz uso. Quem emprega uma língua está obrigatoriamente inserido em uma comunidade qualquer e interage com os demais componentes.

Muitos estudiosos se ocuparam e ainda se ocupam com o tema. Cunha e Cintra falam sobre a ciência que investiga as relações entre a língua e o entorno social daqueles que a utilizam: “A sociolinguística veio mostrar que estas inter-relações são muito mais complexas

e podem assumir diferentes formas" (1985, p. 2). Os estudos sociolinguísticos, pautados na relação entre língua e sociedade, são todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre indivíduos da espécie humana.

Conforme Alkmin, "uma comunidade é composta de grupos de indivíduos que se solidarizam por segmentos, frações ou classes mais ou menos definidas, que se coerentizam internamente à base de mútua coparticipação em algum traço comum a todos eles [...]" (2001, p. 28). O domínio da língua, independente da nacionalidade, congrega uma comunidade, instituindo um grupo de pessoas que se relacionam por meio de diferentes redes comunicativas. Tais redes orientam, dentro de um conjunto de regras, comportamentos verbais específicos.

A constatação imediata, ao entrar em contato com qualquer comunidade linguística, é a existência da diversidade, isto é, de diferentes modos de falar. A diversidade constitui e qualifica o fenômeno linguístico. As variações dessas formas linguísticas são maneiras diversas de dizer a mesma coisa, considerando o meio social em que ocorrem e preservando o mesmo valor de verdade. Cunha e Cintra, sobre a variação linguística, reiteram: "condicionada de forma consistente dentre de cada grupo social e parte integrante da competência linguística dos seus membros, a variação é, pois, inerente ao sistema da língua e ocorre em todos os níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático etc." (1985, p. 3).

Coseriu endossa o raciocínio:

> Na linguagem[4] é importante o polo da variedade, que corresponde à expressão individual, mas também o é o da unidade, que corresponde à comunicação interindividual e é garantia de intercompreensão. A linguagem expressa o indivíduo por seu caráter de criação, mas expressa também o ambiente social e nacional, por seu caráter de repetição, de aceitação de uma norma, que é ao mesmo tempo histórica e sincrônica (1980, p. 57).

A língua agrega inúmeras facetas decorrentes da complexidade humana e dos fatores que interferem em seu "funcionamento". A fala, dimensão de maior dinamicidade em relação à escrita, flui porque se faz instrumento de indivíduos que pensam e sentem, inseridos em determinado contexto sociocultural e histórico. A instrumentalidade extrapola a noção da língua como "finalidade em si mesma", como sistema de normas ideais, detidas e empreendidas conforme o surgimento da necessidade. O potencial comunicativo da língua transcende os limites individuais, estabelece a interação não somente do código em si, mas de todo o contexto que integra a mensagem.

[4] Aqui o termo linguagem tem o sentido de língua, de acordo com as especificações estabelecidas no item 2.

Os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias à sua região e à sua classe social. De uma perspectiva geral, as variedades linguísticas podem ser descritas a partir de dois pontos básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática).

A variação geográfica ou diatópica se relaciona às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade da fala. Segundo Alkmin (2001, p. 35), podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: classe social, idade, sexo e situação ou contexto social (mudança de fala de acordo com seus interlocutores). Os fatores de variação estão, na realidade das relações sociais, imbricados.

No ato de interagir verbalmente, um falante utilizará a variedade linguística relativa à sua região de origem, classe social, idade, escolaridade, sexo e se adequará segundo a situação em que se encontrar.

Ferraz adverte, entretanto, a respeito da necessidade da aquisição, por meio da escola, de novas variedades linguísticas a fim de minimizar as desigualdades sociais:

> O crescimento linguístico da criança, com reflexos na aprendizagem escolar, está em estreita relação com o nível cultural da família ou do meio em que está inserida. As diferenças sociais perpetuar-se-ão se a escola não proporcionar o ensino que colmatará as aquisições anteriormente feitas (2007, p. 21).

A escola torna-se responsável por fomentar o respeito e a aceitação às diferenças no desempenho de uma mesma língua, bem como conduzir o aluno ao domínio da variedade padrão. Ferraz, então, conclui: “no ensino formal, o docente deve estar atento ao uso da língua que a criança traz de casa quando começa a aprender, nos anos subsequentes deverá aprender que as novas aquisições, a ‘sua’ linguagem, se acrescentam à que já possui” (2007, p. 22).

O domínio de vários registros se faz enriquecedor, quando há conformidade entre tais registros e as variações das situações de comunicação.

2.4 **A filosofia e o domínio da língua**

O questionamento, indagar-se a respeito da relação que estabelece com o mundo e seus conviveres, faz parte da essência humana. Questões clássicas como a origem e o destino

da humanidade permearam, e ainda permeiam, de alguma forma, as reflexões e as indagações de boa parte dos indivíduos, independente da classe social, da idade, do gênero, do grau de escolaridade. As imprecisões e as dúvidas acerca da própria existência conduziram os indivíduos à busca por respostas plausíveis e à formulação de inúmeras teorias.

Tal capacidade investigativa desdobra-se da racionalidade do ser humano, bem como do domínio de uma língua: aptidões que distinguem o ser humano dos demais seres vivos. O domínio e o desempenho linguísticos tornam-se objetos de investigação e fonte inspiradora de proposições e discussões.

Carneiro enfatiza que "Ao longo dos séculos, desde a Antiguidade, têm sido apresentadas, no pensamento filosófico, dúvidas sobre certos aspectos da faculdade da linguagem, já que se trata da característica fundamental do ser humano, que o distingue dos animais" (1999, p. 127).

A natureza da linguagem em contraponto com as convenções das línguas particulares se traduz em uma rede de inquietações. Enquanto os indivíduos nascem com um aparato anatômico e fisiológico que viabiliza a expressão pela palavra, existem fatores externos que influenciam e transformam regularmente uma língua. Retoma-se a ideia da complexidade constitutiva dos indivíduos, além das relações com o grupo que integram. Fatores geográficos, condições históricas e econômicas, adesão política são fatos culturais e colaboram com a delimitação das particularidades linguísticas.

Os filósofos clássicos se ocuparam com questões próprias da linguagem. Platão no *Crátilo* demonstra sua inquietação a respeito da constituição, função e uso dos nomes. Fomenta, assim, a questão de como as palavras se relacionam às coisas: de forma arbitrária ou efeito de convenção?

No século XX, segundo Carneiro

> Passou-se a usar a expressão **filosofia da linguagem** para nomear o campo de trabalho dos filósofos que tinham como meta principal encontrar uma linguagem exata e comum. Os primeiros a abordarem a questão da linguagem nas ciências com o intuito de encontrar, afinal, uma solução, foram, no início do século, os filósofos alemães e ingleses do Círculo de Viena e do Grupo de Oxford (1999, p.128).

A delimitação das investigações filosóficas sobre a linguagem em um campo de estudo endossa e mantém a preocupação com questões relativas aos atos de fala e consequente interface com a realidade. Os vínculos entre o linguístico e o extralinguístico, a noção de subjetividade, a intenção discursiva e a expectativa nas interações comunicativas ainda provocam os filósofos da linguagem.

Sabe-se que não há discurso neutro e que toda enunciação se reveste de determinado intento. O sujeito da fala engendra em seu discurso elementos que refletem excertos de sua história e, ao mesmo tempo, pretendem provocar um efeito específico. O domínio de uma língua detém um valor incomparável para os indivíduos e respectivas sociedades, desdobrando-se em atividades produtivas e fomentando demandas exclusivas. Para Carneiro

> Na prática da linguagem com finalidades comunicativas, a fixação e transmissão de informações, o intercâmbio de mensagens, que são decodificadas a partir dos sinais transmudados em signos plenos de significação, são necessidades provenientes das formas de vida que o homem tem desenvolvido ao longo de sua história. Essas formas de vida se constituem, também, em razão da natureza social do homem, assim como a própria história. Tais atributos explicam o processo de representação do mundo por meio de símbolos, que fundamenta a linguagem humana. É o homem real, concreto, prático, e, por isso, social, que se constrói pela (e na) linguagem (1999, p. 129).

Ao tratar da linguagem não verbal, especificamente, a imagem, Platão não atribui o processamento imagético ao resultado da percepção, mas o considera originário da própria alma humana. Para Aristóteles, a imagem detém uma importância crucial, funcionando como forma para o pensamento. Ideia posteriormente desenvolvida por Piaget, a partir dos pressupostos de Saussure a respeito do signo linguístico, em que o significante funciona como uma imagem mental, "veículo do signo que representa o objeto de referência externo" (2008, p. 30), de acordo com Santaella e Nöth.

Para o pensamento ocidental, o conceito de imagem, fruto de intercâmbio dos domínios científicos, divide-se entre o que se registra pela percepção e as imagens mentais evocadas na enunciação de um signo.

Conforme Santaella e Nöth,

> As imagens mentais, seja como ideias ou modelos (desde Platão) ou também como sonhos (desde Freud), podem pelo menos quase sempre, no Ocidente, ser valorizadas positivamente, já que elas, segundo seus apologistas, são a essência das coisas, do pensamento ou até mesmo da aproximação de Deus (2008, p. 37).

Quanto à demarcação de um campo de estudo, Carneiro esclarece ainda que

> As concepções teóricas que são tratadas pelos filósofos da linguagem, atualmente, invadem, sem usurpar para seu domínio, áreas do estudo da Linguística, não só a dos pragmatistas, mas também a dos semanticistas, e até mesmo a dos que estão mais interessados nos mecanismos cognitivos do processo de compreensão e produção da linguagem. Não se trata de superposição de teorias e de soluções práticas, mas, antes, de reflexões acerca da natureza e da função de aspectos fundamentais da linguagem quanto ao significado dos signos e ao seu uso pelos falantes (1999, p. 132).

2.5 **Competência linguística e competência visual**

Inúmeras aptidões humanas são aprendidas a partir de trabalho direcionado, contínuo e sujeito à análise. Pelo ensinamento adquirem-se ações e hábitos corriqueiros, como comer com talher e escovar os dentes. As crianças, indivíduos em formação, recebem instruções acerca do uso de instrumentos, de espaços, de novas atividades que começam a fazer parte de seu dia a dia.

Outras habilidades, no entanto, são intrínsecas à própria existência humana. Quando uma criança nasce, torna-se perceptível o interesse e a atração fomentados pelos novos estímulos visuais com que se depara. Depois de algum tempo, verifica-se o empenho da criança em produzir linguagem. Conforme Hoffman,

> [...] as crianças não são ensinadas a ver. Os pais não se sentam com os filhos para explicar a eles como utilizar o movimento e para construir profundidade, ou como esculpir o mundo visual em objetos e ações. Na verdade, muitos pais não sabem como eles próprios fazem isso. E, mesmo assim, parece que toda criança normal acaba por conseguir construir profundidade, formas, cores, objetos e ações visuais do mesmo modo que qualquer outra criança normal (2000, p. 13).

Toda criança, sem receber ensinamentos, constrói e reinventa o seu mundo visual. A capacidade visual desenrola-se basicamente da mesma forma na maior parte das crianças, com exceção daquelas privadas de algum sentido.

Nas etapas posteriores do desenvolvimento humano, tanto a posse de determinada língua quanto o ato de ver e enxergar o mundo ao redor parecem ordinários, comuns, exercidos de forma automática, sem qualquer esforço. Tal fato ocorre porque somos competentes para o uso de uma língua e para a apreensão visual do mundo.

Cabe também ressaltar que indivíduos com restrição auditiva ou com problemas no aparelho fonador desenvolvem língua e linguagem próprias. A competência para a aquisição de uma língua é de tal modo imperativa que surdos e mudos, com seus devidos impedimentos, arquitetam língua própria, assentes na dimensão espaço-visual.

Hoffman atesta com convicção:

> Você é gênio em algumas coisas, como a visão e a linguagem, tenha ou não um QI alto. É necessário ter um retardo grave (ou uma deficiência especial) para fracassar em ver ou falar. Seu gênio para a visão, como seu gênio para a linguagem, é inato, conectado de maneira segura a seu cérebro, sob a influência dos genes (2000, p. 7).

Os argumentos do linguista norte-americano Chomsky (1971), que defende a competência inata de cada indivíduo para a linguagem, indicam a existência de componentes da estrutura cognitiva da criança geneticamente determinado. Cada criança, então, detém as chamadas regras da gramática universal, princípios gramaticais subjacentes às linguagens, completamente fixos e inatos. A posse da gramática universal confirma, portanto, a competência linguística e viabiliza o desempenho linguístico.

No que se refere à visão, Hoffman (2000, p. 14) desenvolve uma teoria paralela à teoria de Chomsky (1971) e afirma a existência de "regras da visão universal", que guiam os indivíduos na construção de "mundos visuais sobre os quais existe consenso". Considera ponto pacífico que, ao se mostrar a dois bebês, de lugares opostos da Terra, uma ilustração idêntica, verão a mesma cena visual, o que se explica pelo fato de compartilharem as mesmas regras inatas que orientam suas construções visuais.

Hoffman (2000) classifica as referidas regras como inatas porque asseguram o domínio visual à criança em torno do primeiro ano de vida. Apesar dos múltiplos significados inerentes às imagens, existe um consenso na apreensão visual dos indivíduos.

O fato de existir concordância entre experiências visuais de indivíduos diferentes, situados em lugares distantes ou não, corrobora a ideia de uma visão construída que obedece a determinadas regras universais da visão. Embora cada indivíduo possua idiossincrasias, formas particulares de apreender o ambiente no qual se insere, história e vivências próprias, existe uma base fisiológica comum. Este construto garante o potencial do ser humano tanto para as atividades de visão quanto para o uso de uma língua.

Traçando novo paralelo com os estudos inatistas, Hoffman (2000) elabora as "regras de processamento visual". A posse da gramática universal permite a uma criança a aquisição das regras específicas da gramática particular da língua que mantiver contato. Regras acionadas quando a criança acessa com assiduidade um mesmo ambiente linguístico. Provoca-se, assim, a aprendizagem da língua em questão. O indivíduo torna-se capaz de entender ou proferir frases de tal língua.

Similarmente, as regras da visão universal permitem a uma criança a aquisição de leis específicas para a construção visual. Quando acionadas, as regras possibilitam o exame e a compreensão de cenas visuais específicas. Hoffman explica que: "As regras inatas da visão universal são parte da biologia da criança e permitem que ela adquira, através de experiências visuais que podem variar de uma cultura para outra, as regras de processamento visual" (2000, p. 15).

Kon, ao tratar da importância da imagem para o ser humano de todos os tempos, sintetiza a riqueza da visão:

> Observar, registrar, aprender, transformar: nossos olhos têm, nesse processo, um papel importante. Eles observam, comparam e contemplam as coisas do mundo. A visão é o mais aguçado dos nossos sentidos e, talvez, aquele que nos permite ter mais controle sobre o ambiente que nos cerca. Por isso, podemos dizer que a imagem faz um elo fundamental entre o mundo que vemos e o mundo que compreendemos, nesses nossos mil séculos de vida (2007, p. 2)

3 **O APRENDIZADO E O CRESCENTE AVANÇO TECNOLÓGICO**

O aprendizado funciona como causa e consequência de qualquer avanço tecnológico. Todo desenvolvimento reflete a percepção e o interesse humano na criação de diferentes modos de responder às constantes exigências da sociedade que integra.

A Revolução Industrial, deflagrada na Inglaterra, além de endossar o vínculo entre conhecimento e desenvolvimento técnico, promove um "reordenamento internacional das relações burguesas" (MURASSE, 2006, p. 286). A ruptura instaurada no processo histórico de desenvolvimento da sociedade burguesa europeia manifesta-se, igualmente, no plano das ideias.

A modernização dos meios de produção, com a substituição paulatina da mão de obra humana pela utilização da máquina, além de marcar o novo paradigma que se instituía, criou na Europa um excedente de trabalhadores libertos e alheios ao processo produtivo. Às colônias coube absorver a maior parte dos excedentes e, de forma incipiente, inserir-se no modelo de desenvolvimento material das Metrópoles. Para Murasse,

> A reorganização da sociedade capitalista foi coordenada pela Inglaterra e teve por objetivo instaurar a retomada do desenvolvimento do modo de produção burguês. Para isso fez-se necessário traçar diretrizes, tanto para conduzir o progresso material (científico e técnico) quanto para encaminhar o progresso moral (2006, p. 286).

Com o estabelecimento de uma nova ordem econômica, em meados do século XIX, a consolidação de uma civilização norteada pela educação popular e técnica tornou-se imperativa. A construção da nova organização social pregava que os indivíduos tomassem consciência de seus deveres na edificação de uma civilização universal. Os países que assentiam ao modelo de produção capitalista divulgavam suas conquistas e progressos técnicos, figurando como exemplos a serem copiados pelos demais.

Murasse prossegue:

> Dessa maneira, a modernização e a civilização caminhariam na mesma direção e tornar-se-iam aspectos indissociáveis – embora não necessariamente simultâneos – do processo de reordenamento das relações burguesas, mas que se reportavam a esferas distintas, quais sejam, à matéria e ao pensamento, respectivamente (2006, p. 234).

No Brasil, tais mudanças atingiram diretamente o trabalho escravo, que ainda funcionava como alicerce da produção de riqueza, e delinearam a composição dos imigrantes europeus na formação da sociedade nascente. Murasse reitera: "Era preciso, pois, preparar os

trabalhadores (tanto nacionais quanto estrangeiros) para o nascimento da indústria brasileira" (2006, p. 95).

As alterações das relações burguesas na Europa influenciaram a organização social brasileira, ansiosa por se aproximar das nações consideradas civilizadas. O conhecimento transforma-se, portanto, em sinônimo de civilidade.

Surge a exigência de modernização nos meios de produção, da substituição do trabalho escravo pelo assalariado, da aquisição de maquinaria com o financiamento do capital europeu. Exigências que se desdobraram na problematização da educação brasileira, na necessidade de reorganização dos sistemas nacionais de ensino.

Murasse conclui "Escola para todos, reorganização dos sistemas nacionais de ensino, criação dos liceus provinciais, do Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro (LAO-RJ), enfim, a crença no ideário burguês da educação enquanto alavanca do desenvolvimento material" (2006, p. 280).

Ao longo do tempo, o desenvolvimento da educação no Brasil ganha nuances distintas, novas preocupações e expectativas. Conforme Saviani, "A área encontra-se consolidada e com perspectivas, ao menos aparentemente, bastante promissoras de desenvolvimento" (2006, p. 11). Ao referir-se à história da educação brasileira, Saviani prossegue:

> Sua consolidação apoia-se num tripé formado pelo ensino, a pesquisa e a organização do campo. Esses três elementos articulam-se e interdependem entre si de modo que se constitua o movimento da disciplina em seu conjunto cimentando um bloco dotado de razoável coesão (2006, p. 11).

3.1 **Os avanços tecnológicos e as transformações linguísticas**

Qualquer língua reflete as mudanças ocorridas na sociedade que dela faz uso. A dinamicidade das línguas manifesta-se por meio de seus domínios geográficos e falam a respeito dos aspectos sociais, culturais, ideológicos, artísticos, religiosos, de seus respectivos falantes. Nenhuma língua se exime de interferências externas.

O advento das tecnologias da informação revela a pluralidade da experiência humana. Os indivíduos produzem e recebem uma gama variada de mensagens e sensações simultâneas. Cada inovação tecnológica transforma os meios de comunicação, de interação e, consequentemente, gera novas demandas nas diversas instâncias sociais. Torna-se

imprescindível, entretanto, garantir o lugar das novas tecnologias da informação que aliam rapidez e complexidade na transmissão de ideias e dados. Breves comenta:

> Comunicamo-nos por meio de signos, mas de signos não só verbais. Esses signos estão interagindo continuamente. Eles caminham paralelamente, entrecruzam-se, um se sobrepõe ao outro, fundem-se, distanciam-se. [...] Simultaneamente, lemos palavras, formas, volumes, planos, cores, luzes, gráficos, setas, movimentos, sons, olhares, gestos, acontecimentos [...] Lemos o mundo (2000, p. 40).

As mudanças dentro de uma sociedade afetam tanto a língua, instrumento principal de comunicação, quanto as formas de difusão de informações. Alterações no contexto social, no modo de vida daqueles que integram determinado grupo, reverberam nos moldes de ensino e aprendizado e na produção linguística da sociedade referida. Demonstra-se, assim, a maleabilidade dessas estruturas, cujos perfis indicam potencial de variação. A língua e o contexto escolar retratam o conjunto complexo no qual o indivíduo se integra.

3.2 **O papel da escola na educação do indivíduo**

A escola ocupa lugar altamente relevante na edificação da sociedade ocidental. Frequentá-la significa acessar um número significativo de ensinamentos formalizados, além de gerar no indivíduo que estuda uma grande expectativa quanto aos desdobramentos positivos de tal acesso. A escola, como instituição privilegiada na configuração da sociedade, nem sempre encontra meios para acompanhar tais mudanças.

Observa-se uma defasagem entre os métodos empregados na transmissão de informações e a dinâmica da sociedade contemporânea. A escola defronta-se com novas realidades e exigências. Na sociedade atual, as informações são propagadas em ritmo bastante acelerado se renovando a todo instante. A escola não detém mais a exclusividade na transmissão do saber para aqueles com acesso às novas tecnologias da informação.

Para Libâneo, “a escola precisa rever os processos, os métodos, as formas de educar, ensinar e aprender” (2003, p. 25), favorecendo sua posição como espaço de síntese entre experiência e cultura formal, já que “uma escola que fala a língua do seu tempoespaço poderia continuar fazendo a diferença no processo de socialização e educação dos humanos” (LIBÂNEO, p. 25).

A grande pobreza material de parte das escolas no Brasil corrobora com a defasagem do sistema de ensino vigente. Inúmeras crianças e adultos em processo de escolarização nunca estiveram diante de um computador, o que reflete em parte a manutenção da estrutura tradicional de ensino. A exposição oral ocupa posição privilegiada nas salas de aula de Ensino Fundamental e Ensino médio, amparada pela forma escrita da língua.

As desigualdades percebidas na escola atualizam a sua importância como instância na luta pela transformação social. Como lugar estabelecido para a educação e a formação de cidadãos, deve assegurar o acesso dos indivíduos às diversas linguagens e formas de expressão, propiciando o domínio e o desempenho dos múltiplos códigos, dando-lhes as condições necessárias para prosseguirem com autonomia diante das inovações. A mediação do processo, empreendida em parceria pelo educador e pela escola, deveria preparar os alunos para as exigências da contemporaneidade e conduzi-los a um tipo de leitura mais ampla, a leitura de mundo, fundada na leitura histórica de sua realidade social e educacional.

O amplo alcance da instituição escolar na formação social e mesmo subjetiva dos indivíduos extrapola a dimensão física. Alcança, ao mesmo tempo, o afeto e o psiquismo dos que nela se integram.

Transpor a realidade problemática do sistema educacional brasileiro – o desinteresse e o descrédito dispensados, por grande parte dos alunos, à vida escolar; o despreparo e o desânimo de muitos professores; as complicações estruturais e técnicas dos espaços de aprendizagem – representa o grande desafio da sociedade contemporaneidade.

3.3 **A imagem e as novas tecnologias na transmissão de conhecimento**

O processo educativo, fundamentalmente, deve localizar-se em relação aos acontecimentos externos e compreender bem o papel que desempenha na sociedade. A crise da escola é abordada no livro *A escola tem futuro?* (2003) por educadores de diversas regiões do Brasil. Para Veiga-Neto, decorre do "[...] descompasso entre as práticas escolares e as rápidas modificações espaciais e temporais que estão acontecendo no mundo atual" (2003, p. 108).

O homem, detentor de competência linguística e visual, utiliza-se, desde os primórdios, da linguagem pictórica para estabelecer comunicação. Tal linguagem, na história da humanidade, antecede a escrita. Por meio de registros pictográficos, pinturas em rochas,

dentro ou fora de cavernas, representavam seus hábitos, técnicas e crenças. O homem cria a imagem a fim de se expressar e de refletir.

A imagem sempre possuiu um papel privilegiado na elaboração da linguagem e em seu registro. O sentido da visão permite um tipo de leitura peculiar das inúmeras vivências de cada indivíduo, além de mediar o contato do homem com o seu entorno.

A primazia da imagem como comunicação gráfica reitera a inclinação humana para a sua produção e a sua leitura. A anterioridade da linguagem pictográfica em relação ao código verbal demarca-se ainda no aprendizado individual das crianças em fase de educação infantil. A criança, em primeiro lugar, lê visualmente o mundo a sua volta.

A respeito, Werneck certifica que,

> [...] no processo de elaboração da linguagem, a criança é sensível à imagem, antes mesmo de se exprimir por palavras. Apesar de ser um material semiconcreto, bidimensional, a imagem constitui uma comunicação mais direta que o código verbal escrito. Além de tudo, é uma linguagem internacional, compreendida por qualquer povo (1998, p. 102).

A presença da imagem se faz imperativa na vida de todo indivíduo em consequência da grande quantidade e do contínuo desenvolvimento de suportes e de tecnologias. A cada dia, somos estimulados pela televisão, por cartazes e *outdoors*, por letreiros coloridos, com um número sempre crescente de solicitações. As inovações tecnológicas ratificam o destaque que a imagem recebe no mundo contemporâneo. Na avaliação de Breves

> [...] não podemos esquecer que o ser humano é cada vez mais solicitado e atingido por imagens. E o professor não é o único responsável pelo ensino-aprendizagem, porque as fontes audiovisuais de informação multiplicam-se e fazem parecer obsoletos os limites do campo tradicionalmente reservado às atividades pedagógicas (2000, p. 31).

A contemporaneidade, marcada pela superabundância imagética, altera o cotidiano das pessoas e demanda a criação de novos modelos, novas maneiras, de ensinar e de aprender. A escola, antes centrada na transmissão verbal e escrita do saber, carece agora de novas estratégias que superem a desconcertante distância entre o seu dia a dia e os aparatos tecnológicos desenvolvidos. O estímulo e a otimização do conhecimento são imprescindíveis para que a escola esteja em consonância com a modernidade e responda positivamente aos seus apelos.

Oliveira, artista plástico e ilustrador conceituado, ressalta igualmente a importância do livro na formação e educação infantojuvenil e a função pedagógica das ilustrações que o compõem:

> A vulgarização da imagem em mídias poderosas como a televisão requer uma substancial contrapartida do ilustrador, no que diz respeito ao conhecimento de projeto gráfico. É até uma questão de ética, além de profissional, que ele transforme o livro num objeto físico e sensorial de contemplação estética – um verdadeiro anticorpo contra o esquematismo da imagem eletrônica, videogames, RPGs, e toda essa globalizada-multinacional-neoliberal a que as crianças estão submetidas diariamente (1998, p. 68).

Os aspectos plásticos tornam-se elementos fundamentais de um livro, não apenas do ponto de vista comercial, mas principalmente para fomentar a fruição estética, para desautomatizar o aluno em meio à banalização da imagem.

Oliveira refere-se à missão do livro ilustrado na eternização estética, em detrimento da fugacidade das imagens midiáticas, e complementa sua apreciação: "Todavia, temos que admitir que o olhar da criança mudou" (1998, p. 64). A mudança no olhar da criança ocorre como implicação dos novos estímulos, com suas particularidades e interferências, gerando considerável encargo para os ilustradores contemporâneos. O autor reitera:

> A imagem de um livro no psiquismo de uma criança se estenderá pela sua vida afora. Portanto, os ilustradores e projetistas gráficos têm uma grande responsabilidade de estar criando não apenas a memória e o passado visual de seus pequenos leitores, mas acima de tudo formando e educando o olhar das crianças (OLIVEIRA, 1998, p. 64).

Apesar da constância da imagem no dia a dia das pessoas, percebe-se relutância em promover estudo sistemático e progressivo dos processos de leitura visual. Nas instituições de ensino, concede-se valor superior à forma escrita da língua, ao estudo dos códigos linguísticos e suas possibilidades. O verbal ocupa posição de matéria legítima de aprendizado.

Desconsidera-se, no entanto, que, antes da linguagem verbal, a leitura de mundo se projeta na linguagem das imagens. O texto escrito no livro recebe maior importância em relação às imagens, consideradas adendos. Instituiu-se a mensagem verbal como forma séria de instrução, de comunicação, independente do grau teórico, dos conteúdos veiculados. Embora a presença de imagens perpasse a cognição e o pensamento se concretize mentalmente como imagem, não se vincula a apreensão visual com a ativação do raciocínio. A apreensão das mensagens visuais não se caracteriza como maneira de exercitar o pensamento, de aprender, apesar de a civilização atual comumente designar-se como a civilização da imagem.

Para a criança que não lê, a imagem é mais penetrante do que a palavra em si. Por se constituir como um modo imediato de conhecimento, a imagem seduz e indiscutivelmente produz mensagens. O livro de figuras ou o álbum ilustrado desempenha o papel de livro, pois

tal criança recebe uma mensagem, expressando-se e se comunicando posteriormente a respeito dela. Como o adulto lê o texto escrito, a criança lê a imagem.

Kallay, acerca das tensões entre imagem e palavra, assume uma posição de síntese, pois afirma que "é preciso que a criança tenha tempo para o livro. Ela deve ter tempo não apenas para ler o texto, mas também para ler a imagem, para compreender o ambiente do livro, ter tempo para a reflexão" (1998, p. 57).

A prioridade atribuída ao aprendizado da leitura das palavras, como garantia de letramento para a criança, não condiz com as demandas do seu cotidiano em que convive com a onipresença da televisão e do computador, somada aos álbuns de figurinhas lançados continuamente, ao videogame, aos desenhos animados, aos brinquedos altamente sofisticados, projetados para seduzir visualmente.

Não configuraria desordem, na Educação Infantil, proceder à iniciação da leitura de imagens, antes mesmo da alfabetização tradicional. A ação focada nas fases iniciais de aprendizagem formaria adultos mais capacitados à leitura e à apreciação do mundo que o cerca, das artes plásticas, do cinema, da televisão, das publicidades veiculadas, partícipes e interventores do universo icônico a sua volta.

Ampliar a rede de interesses das crianças com a apresentação das múltiplas representações, fornecer os instrumentos de análise e de criação de representações visuais, instaura uma prática educativa formadora de leitores críticos e conscientes, capazes de intervir e de iniciar suas escolhas entre aquilo que desejam ou não ver, as leituras que pretendem fazer, recusando as que não interessam.

Do contrário, produções visuais mais rebuscadas ou trabalhadas artisticamente serão rechaçadas pela criança e pelo futuro adulto, que optará por aquilo que se acostumou a ver, a imagem recorrente, repleta de lugares comuns e recebida passivamente.

O ensino consistente e coerente da leitura de imagens, a apresentação de novas opções e soluções, em longo prazo, produzirá adultos exigentes quanto aquilo que se lhes oferece visualmente. Até mesmo o código verbal, sua utilização em cooperação com a imagem, receberia leituras mais atentas e incrementadas.

Oliveira defende a alfabetização visual das crianças, reforçando os ganhos e vantagens promovidas. Para ele, "a alfabetização visual proporcionaria não apenas ler melhor o livro, mas também valorizar a importância e beleza das letras, dos espaços em branco, das cores, da diagramação das páginas e a relação entre texto e imagem" (1998, p. 68).

O ato de ler participa do universo infantil antes mesmo do acesso à escolarização, como habilidade latente e primordial. Não se resume, então, a um gesto mecânico de

decodificar letras, decifrar sinais, abrange a compreensão do mundo ao redor. A leitura se efetiva quando se empreende sentido às vivências e às circunstâncias nas quais se insere o indivíduo, não importando a linguagem utilizada. Segundo Martins, a leitura envolve "os componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica" (2007, p. 31). Dessa forma, apesar da complexidade, a ação leitora está imbricada às mais banais atividades, fazendo-se indispensável e abarcando múltiplas instâncias da composição humana. Para Martins,

> [...] o conhecimento da língua não é suficiente para a leitura se efetivar. Na verdade, o leitor preexiste à descoberta do significado das palavras escritas; foi-se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural circundante (2007, p. 17).

O fato do mundo contemporâneo caracterizar-se pela preponderância dos estímulos visuais vai ao encontro das apreciações acerca da primazia da leitura da imagem. As conclusões sobre a necessidade de ensino visual são corroboradas pelo relevo concedido à imagem na sociedade atual, pelas novas tecnologias baseadas na hiperestimulação visual e, principalmente, pela necessidade de posicionamento crítico diante das inúmeras solicitações a que estão submetidos os cidadãos comuns.

Encontrar uma maneira de coadunar ao cenário escolar de maneira eficiente os já habituais aparatos da tecnologia, a consequente proliferação da imagem, bem como o anseio por metodologias pedagógicas que deem vazão às demandas atuais, torna-se indispensável. Estabelecer tal composição é imprescindível para a efetiva transmissão de conhecimento, para o resgate de um ensino significativo. Favorecer o processo de aprendizagem, valorizando a perspectiva visual, reintegrará a expressividade da escola.

3.4 **Os estímulos visuais dinâmicos e a escola contemporânea**

A multiplicidade da transmissão de conhecimento (documentos escritos, relatos orais e imagens) enriquece a análise do caráter complementar dos meios de aprendizado. A complementariedade entre tais fontes amplia a interpretação e a investigação do fenômeno educativo, incorporando diversos olhares.

As demandas procedentes do contínuo aperfeiçoamento tecnológico, conforme relatado neste estudo, abrangem a sociedade em seu todo. O "bombardeamento sensorial"[5], característico da atualidade, repercute na educação e na produção cultural. A não apropriação da mídia ou das culturas pela escola, segundo Veiga-Neto: "[...] revela uma visão estreita da educação, uma perspectiva restrita e limitada que impede a problematização de toda esta complexidade de relações" (2003, p. 72).

Lévy (2004) aprofunda tal discussão quando reflete sobre o que designa *mutação cognitiva*: interferência das tecnologias de informação e comunicação nos processos mentais dos indivíduos, modificação cognitiva que fomenta novas formas de pensar o mundo. As transformações e as modernizações da sociedade, ao longo do tempo, influenciam o ser humano nos seus processos mentais. A conclusão de Lévy reitera, do mesmo modo, a indispensável integração e atualização da escola, pois, como espaço primordial de fomento e de manutenção do saber, deve responder às demandas daqueles que a integram.

Jobim e Souza & Neto asseguram, consequentemente, que "A experiência do homem contemporâneo não pode ser compreendida fora de suas relações com a imagem" (1998, p. 30). A imagem, porque onipresente e imperativa nas representações atuais, principalmente no desenvolvimento das tecnologias, deve ser pensada dentro do universo escolar.

O excesso de imagens dinâmicas tornou-se fato ordinário. Os indivíduos, submetidos a grande quantidade de estímulos visuais, acostumam-se e até mesmo se sentem atraídos pela imagem, caracterizando a cultura contemporânea como o que Breves (2000) designa como "cultura figurada". A ênfase nas imagens estabelece novas relações entre as pessoas, com os suportes de transmissão de saber, além de influenciar nas escolhas de entretenimento.

A dificuldade da escola consiste, portanto, na dificuldade em responder aos apelos da contemporaneidade e apreender as competências surgidas. Camargo assegura que "há um menosprezo da escola pelo sensorial e, para ele, isso é injustificado, especialmente depois das pesquisas de Piaget, porque sabe-se agora que o desenvolvimento cognitivo depende das experiências sensoriais concretas" (1998, p. 27).

A modernização tecnológica impele à modernização das relações de ensino e aprendizado. O primeiro passo constitui-se no reconhecimento do papel privilegiado da imagem e suas potencialidades na elaboração da linguagem.

Embora a utilização da linguagem visual, estática e dinâmica, já faça parte de alguns ambientes escolares, os conteúdos propostos, norteados por ideias abstratas, ainda são, na

[5] Expressão utilizada por SOUZA e NETO, 1998, p. 31, no artigo "A tirania da imagem na educação"

maioria das vezes, veiculados pela linguagem verbal, oral e escrita. Sem a utilização da linguagem visual como suporte, com seus recursos que configuram uma forma de comunicação direta e universal, a consolidação intelectual da matéria exposta se torna mais complexa.

A dificuldade em estabelecer uma síntese entre o ensino tradicional e as novas tecnologias com suas consequências e seus desdobramentos não é recente. Conforme Breves

> [...] o trabalho com a imagem é uma preocupação antiga: 'Desde o início do século, a Escola Nova, com seus métodos ativos de aprendizagem, insistia na necessidade de ser criada uma pedagogia da imagem que servisse às crianças como um caminho de acesso à representação simbólica do mundo, aquela que lhes será transmitida pela educação formal, ministrada na escola (2000, p. 7).

As vantagens pedagógicas do entrecruzamento de linguagens, bem como o esforço para incorporar metodologias de leitura e produção dos mais diversos tipos de imagens, repercutem positivamente em inúmeras práticas de ensino.

3.5 **A imagem dinâmica como instrumento de aprendizado na sala de aula**

Muitos estudiosos, pesquisadores e professores, de diversas regiões tanto do Brasil quanto do exterior, ocupam-se com a imagem e suas implicações no âmbito pedagógico. A percepção da necessária inclusão dos recursos pictóricos na dinâmica ensino-aprendizagem reflete-se na quantidade de trabalhos acadêmicos e projetos direcionados à investigação e à busca de soluções e métodos que respondam às demandas da educação contemporânea.

A rapidez do progresso tecnológico, com o incremento e a acessibilidade de suportes móveis, acirra as solicitações por uma aula mais dinâmica. As imagens estáticas perdem espaço para as imagens dinâmicas, que se alastram por meio de *smartphones* e *tablets*.

Antes receptores passivos de imagens televisionadas, construídas por outrem, atualmente produzem, com os inúmeros recursos de mídias e suportes, vídeos e criações multimídias. Interligam-se imagens em movimento e recursos sonoros, produzindo os mais diversos sentidos.

Noma enfatiza:

> [...] a análise do audiovisual supõe uma dupla conversão que se inicia com a aceitação do fato de que as combinações entre imagem e som produzem, muitas vezes, impressões que não são traduzíveis em palavras e frases, cujas significações são alcançadas com a utilização de outras regras de análise e de exposição distintas das utilizadas no estudo de documentos escritos (2006, p. 261).

Apesar da proibição do acesso de aparelhos eletrônicos às salas de aula, a alteração de paradigma na manipulação das informações resulta de produção social e produz exigências práticas. No entanto, atrelar conteúdo disciplinar e construções imagéticas evoca esforço daqueles que participam do processo de ensino-aprendizado.

Noma propõe:

> [...] a concepção de imagem como produto da atividade social implica a afirmação de que é necessária uma alfabetização visual para fazer a leitura das imagens. É preciso que os educadores sejam "alfabetizados" imageticamente para poderem fazer a leitura das imagens aproveitando ao máximo seu potencial (2006, p. 260).

Trabalhar determinada disciplina com o auxílio metodológico de imagens capacita o aluno para a "leitura" de formas visuais tanto estáticas quanto dinâmicas. Proporcionar uma leitura mais complexa das produções audiovisuais desdobra-se em maior potencial de apreensão do conteúdo formal e, consequentemente, em maior produtividade nos processos de aprendizado. Os estímulos dinâmicos por imagem precisam reproduzir-se no cenário escolar, imprimindo, quando adequado, dinamicidade ao estudo das matérias do currículo base.

Para Noma

> Na linguagem audiovisual, a relação forma-conteúdo é de ordem muito complexa e nenhum dos dois elementos deveria ser tratado isoladamente. Para o autor, as imagens, especialmente as que se articulam ao movimento, assim como a própria história, devem ser tratadas como elementos vivos em toda sua plenitude, plurissignificação e contradição (2006, p. 262).

Soluções gráficas são propostas, há tempos, e desenvolvidas a fim de viabilizar rapidez e maior eficácia na apreensão do conteúdo estudado. O caráter imediato do código visual, ligado à velocidade de compreensão por meio da visão, atua na capacidade cognitiva dos indivíduos. A imagem colabora, por conseguinte, com a internalização de conceitos, processo vinculado tanto às relações entre pensamento e linguagem quanto à dimensão cultural na construção de sentido pelos indivíduos.

4 **A LÍNGUA PORTUGUESA**

A abrangência e a versatilidade da Língua Portuguesa refletem-se em seu amplo domínio geográfico, bem como nos aspectos sociais, culturais, ideológicos, artísticos e religiosos, que permeiam o uso linguístico.

A Língua Portuguesa, falada em todos os continentes, é considerada patrimônio dos que a utilizam. A sua habilidade em promover comunicação efetiva e a sua função de suporte para os pensamentos encontram configurações particulares em cada comunidade que dela faz uso. Os acréscimos, das nações ou culturas, são percebidos como reinvenções. Demonstra-se, sobretudo, a inclinação da Língua Portuguesa para se acomodar a novas terras, ganhando nuanças peculiares. Os inúmeros falantes da Língua Portuguesa, independente da terra natal, estabelecem graus de afinidade, de proximidade, com a língua.

Como todas as línguas maternas, a Língua Portuguesa é um instrumento precioso na construção da identidade de seus falantes e na legitimação das respectivas culturas e dos costumes, além de tornar possível a perpetuação de valores e de crenças. Reflete-se a identidade de um povo por meio das expressões e dos usos que faz da própria língua. Diante de tantas potencialidades, a Língua Portuguesa, como qualquer sistema linguístico, não é um sistema acabado, mas um construto em constante transformação.

As navegações portuguesas, muitas vezes caracterizadas como aventuras marítimas, aproximaram distâncias inimagináveis, promovendo, junto ao empreendimento comercial, a mistura de crenças e de costumes. No contexto de desbravamento de um mundo novo, a interseção de culturas, umas como dominantes, outras como dominadas, reproduz as relações entre colonizadores e colonizados. No Brasil, a Língua Portuguesa recebeu influências tanto da língua própria dos indígenas que já habitavam o país quanto dos falares africanos, referentes aos escravos trazidos para trabalhar na colônia portuguesa. Nas interferências mútuas de tais línguas, observa-se o peso dos fatores sociais e dos culturais nas trocas estabelecidas. Como assegura Silva Neto: “o idioma dos descobridores, com seu alto prestígio de língua escrita e rica literatura, foi absorvendo os focos não românicos: os episódios falares africanos e a pertinaz língua geral, que só muito lentamente foi cedendo terreno” (1976, p. 78).

A situação se prolonga, junto à preocupação da administração portuguesa em sobrepujar os costumes e culturas alheias. Silva Neto afiança:

> A administração não se descuidava do aportuguesamento dos primitivos habitantes das selvas. Em 1865 havia em Manaus uma escola para meninos índios, onde eles aprendiam, além de trabalhos manuais, a leitura, o cálculo, a escrita e a música instrumental (1976, p. 85).

A Língua Portuguesa no Brasil, desde o período colonial, recebe interferências consistentes dos grupos constituintes da sociedade da época, ganhando novas feições. No tempo presente, notam-se igualmente transformações pontuais da língua nas várias regiões do país, compondo variantes linguísticas que se caracterizam por carregar traços culturais de seus falantes e das comunidades que formam.

Importa, principalmente, aos usuários da língua, no caso a portuguesa, dominar os seus mecanismos e utilizá-los conforme as exigências da situação, a fim de se deslocarem com autonomia da variante informal, com suas gradações, à norma culta, também com suas gradações. Como os indivíduos acessam e reproduzem primorosamente a variante informal a partir do seu ambiente linguístico, cabe à escola garantir o aprendizado da norma culta.

Diante das novas mídias, da velocidade dos meios de comunicação, e da fugacidade das informações transmitidas, utiliza-se a língua de maneira a responder a tais apelos. Na *internet*, criam-se, então, formas características de diálogo: palavras abreviadas ou transcritas foneticamente, acentos retirados e pontuação a critério do internauta. A televisão reforça os traços orais da língua e apresenta bordões, clichês, expressões consagradas e reproduzidas pelos espectadores. As tecnologias importadas trazem consigo uma nomenclatura específica que se torna estrangeirismo no idioma nacional até ser regularizada e integrada ao léxico da língua.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apoiam tal perspectiva*:* "A língua, na sua atualização, representa e reflete a experiência em ação, as emoções, desejos, necessidades, a visão de mundo, valores, ponto de vista" (2000, p. 21).

A escola porta a difícil incumbência de, na direção contrária às situações apresentadas, insistir no ensino da modalidade culta da Língua Portuguesa. As exigências sociais reiteram a necessidade de garantir ao aluno condições para que atue nas diversas situações e contextos de interação linguística com autonomia e com consciência, de forma a competir, em igualdade, com aqueles que julgam deter o domínio social da língua, a denominada norma culta.

Faz-se imprescindível a busca por métodos e artifícios que favoreçam a dinâmica ensino-aprendizado da Língua Portuguesa e atraiam a atenção dos educandos para a sua variedade formal.

4.1 **O ensino da Língua Portuguesa**

A enorme diversidade cultural do Brasil, corroborada pelas dimensões continentais do país, dificulta uma leitura homogênea da qualidade, das condições e das estratégias do processo de ensino da Língua Portuguesa. Em meio a infinitas possibilidades, o presente estudo é norteado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais[6] na atual versão publicada pelo site do Ministério da Educação e Cultura[7].

Tais diretrizes foram elaboradas pelo Governo Federal a fim de orientar a educação no Brasil e funcionar como referência para os Ensinos Fundamental e Médio.

Sobre o ensino da Língua Portuguesa, recomenda-se a investida no desenvolvimento do aluno em busca de apurar seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos que representam e refletem a sua cultura.

O domínio de uma língua atua sobretudo na complexa constituição do indivíduo, atesta o PCN "aprende-se, com a língua, um sentido imediato de mundo, que deve ser desvendado, no decorrer de um processo de resgate desse e de outros sentidos possíveis" (BRASIL, 2000, p.11). Apesar de, na maior parte das vezes, não existir a consciência do real alcance e da interferência da língua na existência humana, o falante é automaticamente conduzido a "compreender e usar a Língua Portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização de mundo e da própria identidade" (BRASIL, 2000, p.11).

No plano estrutural, o estudo da Língua Portuguesa, como língua materna, deve conduzir os alunos ao pleno desenvolvimento das próprias capacidades cognitivas. Logo, as relações entre língua e pensamento se revertem a favor da otimização dos processos mentais, essenciais a todo indivíduo.

---

[6] Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), referentes ao ensino de Língua Portuguesa, serão citados em frequência razoável, por constituírem direcionamento para o ensino da Língua Portuguesa em todo o país. Para evitar repetições desnecessárias, em vez do nome em extenso será utilizada a abreviatura (PCN), sem a subsequente referência ao ano da publicação, já informado na presente nota. Acesso: maio 2014.

[7] http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=265&Itemid=255. Acesso: maio 2014.

Ao mesmo tempo em que se constitui como base de todos os saberes e os pensamentos, detém como princípio a natureza dialógica. A língua organiza e ordena de forma articulada os dados das experiências comuns aos membros de uma mesma comunidade. O conhecimento linguístico, que parece inicialmente imediato, carrega consigo uma história de divergências e convergências, de lutas classificatórias.

O fato de existir uma norma culta, instituída socialmente, não significa invalidar as demais variantes linguísticas, já que as diferentes manifestações possuem complexidade. O PCN reitera a análise: "aprende-se a valorizar determinada manifestação, porque socialmente ela representa o poder econômico e simbólico de certos grupos sociais que autorizam sua legitimidade" (BRASIL, 2000, p. 7).

Além de encorajar e valorizar a convivência com a diversidade, torna-se imprescindível conscientizar os alunos da necessidade de conhecimento e domínio da variedade padrão da Língua Portuguesa. Como atesta o PCN: "Às escolhas individuais impõem-se os limites do social" (BRASIL, 2000, p. 10). Embora detentores de uma competência linguística inata que permite o êxito na interação linguística, na produção de enunciados significativos e no estabelecimento de comunicação inteligível, os educandos precisam preparar-se para as mais diversas situações de uso linguístico. As demandas pela utilização da variante formal da Língua Portuguesa perpassarão o percurso empreendido por quaisquer estudantes, levando a um domínio gramatical da língua mais abrangente e sistematizado que a variante internalizada na fase de aquisição da linguagem.

O desempenho linguístico deve receber, ao longo de todo o período de formação escolar, o cuidado indispensável para que o usuário da língua garanta sua posição de sujeito atuante, de interventor nos mecanismos de produção de sentido, pois, conforme o PCN, "quanto mais dominamos as possibilidades de uso da língua, mais nos aproximamos da eficácia comunicativa estabelecida como norma ou sua transgressão, denominada estilo" (BRASIL, 2000, p. 21).

Aos estudantes da Língua Portuguesa deve-se garantir o conhecimento e a apreensão das produções linguísticas concebidas sob valor estético. O ensino da língua precisa abarcar as realizações artísticas que utilizam linguagem verbal, encurtando a distância estabelecida entre língua e literatura. As diversas manifestações linguísticas se distanciam no plano da expressão, mas se aproximam no plano do conteúdo, na estrutura formal. Reconhecer e compreender tais manifestações deve ser uma das metas no ensino de toda língua materna.

O entendimento das escolhas estilísticas, permeadas por alternativas discursivas próprias a épocas diversas, amplia a visão acerca das possibilidades de usos linguísticos,

domínio que autoriza o acesso do estudante às sofisticadas propriedades da língua. Segundo as orientações do PCN, "a leitura da obra literária deve figurar como caminho que visa a alcançar, por meio da fruição, a representação simbólica das experiências humanas" (BRASIL, 2000, p. 14).

Dessa forma, aquele que aprende deixa a posição de mero espectador ou reprodutor de saberes para intervir ou tomar posição nas realidades apresentadas em seu entorno. Conforme o PCN, deve-se garantir aos alunos habilidade para "Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização das manifestações [...]" (BRASIL, 2000, p. 8).

Na maior parte das vezes, a Língua Portuguesa é ensinada de forma compartimentada: ora estuda-se a morfologia da língua, ora sua sintaxe ou sua semântica. Tal abordagem pode comprometer a apreensão da língua como um todo coerente e articulado. Expor o aluno a atividades significativas de leitura é uma maneira sensata de transmitir tanto a lógica da língua quanto conceitos subjacentes à sua constituição e funcionamento, sem a fixação exacerbada nas nomenclaturas e nas relações artificiais.

Importa, sobretudo, que o aluno saiba analisar as especificidades, sem perder a dimensão do contexto em que se insere, ao qual se integra, percebendo que as particularidades têm um sentido socialmente construído.

O desdobramento de tal ação é a aproximação do ensino da língua, em sua complexidade, às experiências e às necessidades do estudante. Em primeiro plano, cabe estabelecer estratégias a fim de desenvolver e sistematizar a linguagem interiorizada pelo aluno. Os conteúdos tradicionais, como a nomenclatura gramatical e a história da literatura, ficam em segundo plano. Para o PCN, "O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/ interpretação/ produção de textos e a Literatura integra-se à área de leitura" (BRASIL, 2000, p. 18).

Quando o aluno, ambientado à língua por meio das práticas de leitura, empreende um estudo sistemático do código, o uso do seu potencial idiomático se coloca a serviço do próprio crescimento e estabelecimento como cidadão pertencente a determinado grupo social, "a quem cabe o direito de produzir ou de consumir os bens culturais plasmados consciente ou inconscientemente pela sua identidade nacional, articulados ou não com uma realidade globalizada" (BRASIL, 2000, p. 32).

A preocupação com a eficácia da mensagem torna-se, por fim, imperativa. O zelo na construção das sentenças concede autonomia e segurança ao educando no enfrentamento de situações mais protocolares. A visão sobre as possibilidades de uso da língua, das variantes

linguísticas, em atenção ao contexto, fomentará a adequação às condições de produção e de recepção da linguagem.

O aluno deve, a partir da estrutura linguística internalizada e da posterior ingerência do contexto escolar, alcançar a proficiência na leitura e na produção significativa de textos em Língua Portuguesa, interferindo com consciência no contexto circundante, já que o texto existe na sociedade e é produto de uma história social e cultural. Identificando-se, assim, como "aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano" (BRASIL, 2000, p. 36).

4.2 **A Língua Portuguesa e a construção de imagens**

A linguagem é um atributo inerente ao ser humano. Apesar de eventuais dificuldades fisiológicas ou mentais, todo indivíduo desenvolve meios de se comunicar com eficiência. A língua, considerando o panorama exposto, é uma forma de linguagem mais elaborada e complexa, que permite maior precisão e refinamento da mensagem emitida.

O reconhecimento alcançado pela linguagem em sua modalidade verbal desdobrou-se em estudos específicos, atenção restrita e direcionada. A escola, desde as primeiras etapas de formação, além de utilizar a língua oral como veículo no processo de ensino, apresenta rudimentos da língua escrita, com o objetivo de já familiarizar os educandos com os seus aspectos gráficos. No decorrer de tais etapas, o tempo destinado ao ensino da língua materna, em sua modalidade formal, é progressivamente aumentado.

Outros tipos de linguagem, contudo, não recebem atenção compatível ou, ao menos, consistente. As demais linguagens, as que não utilizam o código linguístico como suporte, permanecem marginalizadas no contexto educacional. O maior problema reside no crescente alcance da imagem no cotidiano das pessoas.

Ao longo da história, a disseminação da imagem ganha alentadas proporções e velocidade. Os estímulos imagéticos parecem invadir a vida dos indivíduos e tangenciar a onipresença. A escola, devido à importância que detém na estrutura social, não acolhe de maneira compatível o que se pode designar como "supremacia" da imagem. As alterações na sociedade, principalmente nos âmbitos cultural, tecnológico e econômico, não são acompanhadas pelas ações pedagógicas.

No aprendizado da Língua Portuguesa, há uma distância considerável entre palavra e imagem. O estudo do texto verbal e dos seus aspectos gramaticais ocupa quase integralmente as aulas. Concentra-se, ainda, maior foco de interesse na língua escrita em detrimento da oral. Como resultado, tem-se o distanciamento entre as metodologias de ensino e a realidade do aluno que aprende.

Em muitas situações, é comum ouvir falantes nativos declararem que não sabem "Português", que não gostam de "Português" ou que não se interessam pelo estudo do próprio idioma. Confunde-se frequentemente tal estudo com o aprendizado das normas gramaticais e, em vez de receber adesão, alcança contrariedade ou resistência.

O aspecto visual, embora pareça não manter vínculo com a língua, em inúmeros momentos, é acionado pelo verbal, que recebe influência direta do que o nosso aparato ótico apreende em seu campo de visão ou acessa em sua memória imagética.

Oliveira reflete:

> A força da palavra em seu poder de criar imagens, apenas na mente do leitor ou transformando em traço gráfico pelo ilustrador, a associação explícita entre o traço e a letra, evidenciada no jogo literatura/ artes plásticas, ou ainda a imagem a suscitar textos verbais, são diferentes facetas de um mesmo processo: a leitura 'em rede' de produção e recepção (1998, p. 72).

Separar linguagem verbal e imagem, analisá-las como objetos isolados, é correr o risco de não alcançar a meta desejada, a formação de leitores proficientes nas múltiplas linguagens, uma vez que, no dia a dia das pessoas, as informações são transmitidas em quantidade acentuada, imbricadas entre si, de modo dinâmico e veloz. Com a mescla de linguagens, busca-se a formação de um leitor ativo, que se aproprie do conhecimento e tenha autonomia para reconstruí-lo.

As ações pedagógicas podem aproveitar a relação de mútua cooperação entre o visual e o verbal, em que um tipo de linguagem colabora com o outro a fim de ampliar a significação e promover o diálogo entre as diferentes formas de produção cultural, veiculadas em diferentes códigos.

Integrar o estudo da imagem às aulas de Língua Portuguesa não significa compor material didático no qual as imagens reflitam exatamente aquilo que o texto verbal pretende informar ou, no extremo oposto, centrar o aprendizado na perspectiva visual. Oliveira indica o potencial representativo das relações estabelecidas entre texto verbal e imagem, ressaltando o caráter complementar das linguagens: "A ilustração e o texto são dois textos autônomos que se interpenetram enriquecendo o jogo de significações da leitura" (2008, p. 49).

4.2.1 As figuras de linguagem

O texto verbal utiliza-se da capacidade de forjar dimensão concreta na produção de significados, apesar de sua natureza abstrata. As significações propostas pela imagem construída a partir do verbal demonstram a elasticidade do código linguístico, bem como sua aptidão para formular ideias e enunciados que ampliem as fronteiras do signo denotativo em resposta às demandas de seus usuários. Sobre a imagem verbal, Walty, Fonseca & Cury afirmam ser uma: "linguagem que se faz figura a desafiar o investimento do leitor no texto" (2006, p. 18).

Tal potencial, embora vinculado ao aspecto estético da produção linguística com fins poéticos, opera nas situações mais simples do dia a dia de qualquer pessoa. O uso da imagem na linguagem corriqueira incide também no universo infantil. Ainda conforme Walty, Fonseca & Cury, "a criança, sem nenhum conhecimento do processo de figuração na linguagem, utiliza-se de metáforas, ao estabelecer analogias entre palavras e seu universo e outros mais distanciados, chegando a compor naturalmente textos poéticos" (2006, p. 51).

As imagens fomentadas pelo texto verbal constroem-se mentalmente, conforme as particularidades cognitivas dos indivíduos em si, as convenções sociais e as circunstâncias do discurso. No processo de leitura das narrativas verbais, é compulsória a formação de imagens mentais que ilustrem e concretizem o texto lido. Vaz confirma: "[...] o texto vive e se auto ilustra" (1998, p. 42).

As imagens formadas, dada a complexidade do ser humano, variam de pessoa para pessoa e respondem pela dimensão pictórica à necessidade de "visualização", de materialização, da história. O leitor desenha com suas emoções e vivências as cenas do texto lido, os perfis dos personagens, as descrições de cenários, ou cria, a seu modo, com os seus traços, suas próprias ilustrações.

Acerca da produção literária, muitos escritores se preocupam com a utilização do desenho, do esboço e da produção pictórica como auxílio na concepção da narrativa verbal. Muitas vezes, o autor desenha antes de escrever, externando, buscando concretizar a imagem concebida em sua mente.

Aumont (2008, p. 253), em comparação implícita com a linguagem verbal, sugere a existência do princípio figural na imagem pictórica, compondo um segundo nível de

significação, a fim de produzir sentido original. O sentido figurado, considerado inicialmente como a contaminação do verbal pelo icônico, surge na imagem como busca de novas formas de expressão.

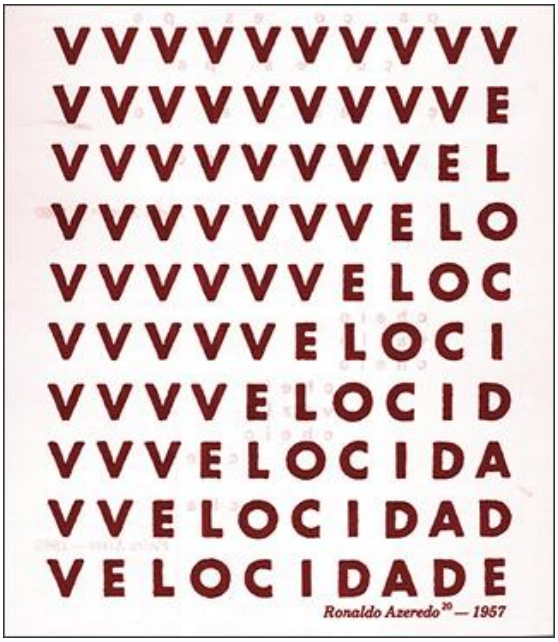
A relação entre imagem e escrita parece indissociável. Ambas são utilizadas, ora superpostas ora sequenciais, para o alcance do leitor-espectador. Até a disposição da palavra na página, ou no suporte utilizado, participa da produção de sentido a que o texto almeja, fato que retrata a falta de isenção também nas construções em que textos verbais e visuais funcionam conjuntamente. A intencionalidade, observada na publicidade, consiste na atração do interlocutor para o consumo do produto desejado.

Veicula-se o estudo das figuras de linguagem nas aulas de Língua Portuguesa a fim de suscitar nos alunos o apreço à língua e o reconhecimento de sua vocação também criativa. Conduzi-los ao reconhecimento das inúmeras expressões linguísticas significa conceder ao educando um lugar na produção e na apropriação das mensagens apregoadas em seu entorno e por meio das manifestações culturais. A versatilidade da língua, em vez de figurar como entrave ao entendimento, pode servir como ferramenta para a manifestação de anseios, sentimentos, ideias, elucubrações, como acesso aos diversos gêneros textuais e, principalmente, despertar a criatividade do aluno e transmitir o gosto pela literatura da própria língua.

A criação literária trabalha com o deslocamento de significados e com a expansão dos significantes formadores dos signos linguísticos, produzindo sucessões de imagens que delinearão a ideia e a circunstância transmitidas. O destaque e a maneira de emprego da imagem dependerão do estilo, da época e daquilo que se deseja alcançar. Promover o conhecimento de tais artifícios empregados enriquece a leitura do aluno. Em certos momentos, como na poesia concreta, explora-se o significante e sua disposição na página a fim de enfatizar a expressão do significado. A forma do poema funciona como imagem, colocando em evidência o significante para otimizar a significação. Na literatura naturalista, por outro lado, pretende-se transpor para o papel em texto verbal a realidade e convencer o leitor de sua integração no ambiente descrito.

A Poesia Concreta intitulada *Velocidade*, composta por Ronaldo Azeredo em 1957 e publicado em 1958, exemplifica a materialização do poema como objeto visual, estruturando-se por meio do espaço gráfico. Utilizam-se espaços em branco, recursos tipográficos, organização espacial delineada. Recursos responsáveis pela ampliação da leitura, envolvendo tanto a competência visual quanto a verbal. O poema deverá ser decodificado linguística e visualmente em tempo simultâneo.

Figura 9 – Poema *Velocidade* de Ronaldo Azevedo



Fonte: AZEREDO, 1962, p. 139

4.3 **A cooperação entre as linguagens verbal e pictórica no estudo da Língua Portuguesa**

As aproximações entre os códigos, embora conceituais, concorrem para otimizar o reconhecimento das estratégias, mecanismos e artifícios empreendidos em cada tipo de linguagem, para identificar possíveis encontros e melhor relacioná-los aos efeitos desejados. O exemplo a seguir aproxima leitura visual e verbal:

Figura 10 – Quadrinho de Will Eisner

Fonte: EISNER, Will, 1999, p. 9

No conjunto apresentado, a descrição visual da ação pode ser entendida como uma sentença. Considera-se o disparo, no primeiro quadro, e a briga, no segundo, como ocorrências pertencentes a orações diferentes. O personagem que dispara o tiro constitui-se como sujeito da ação, enquanto Gerhard Shnobble, como complemento de tal ação. Os elementos denominados modificadores adicionam informações e especificidades do episódio.

As posturas, os gestos e as caretas dos personagens trabalham como adjetivos da linguagem visual.

O estímulo visual atrelado à tecnologia da informação explica a atual ênfase na imagem, que beira o bombardeamento sensorial. O pictórico passa a balizar a trama da vida cotidiana e o valor outorgado à imagem sobrepuja o das palavras. A literatura infantojuvenil, para acompanhar o processo, investe na plasticidade do livro, em suas ilustrações e efeitos gráficos. Em alguns casos, a narrativa verbal, negligenciada, fica em segundo plano ou carece de excelência.

Embora o fluxo de imagens seja maior e mais denso na sociedade contemporânea, a promoção do diálogo entre texto verbal e visual não consiste em inovação. Zalina Rolim, apontada como uma das primeiras autoras de poesias para crianças no Brasil, publica, em 1897, o *Livro das crianças*. A preocupação pedagógica e moralizante, característica de outros textos do período de formação da literatura infantil brasileira se suaviza pelo caráter maternal dos poemas. A curiosidade, entretanto, consiste na relação complementar entre poesia e ilustração. Camargo informa que "o Livro das crianças apresenta uma característica extremamente interessante para o leitor contemporâneo, atento à integração de linguagens: todos os trinta poemas que o compõem foram escritos a partir de ilustrações [...]" (1998, p. 26).

As gravuras que precedem os poemas buscam antecipar os respectivos assuntos e auxiliar na memorização, realçando uma intencional função pedagógica. O texto poético extrapola os limites das ilustrações, em combinação que aposta na leitura das imagens e na cooperação entre linguagens. Segundo Camargo; "[...] o diálogo que seus poemas estabelecem com as ilustrações, por sua originalidade e eficácia – no quadro ideológico e estético de sua época – tornam o Livro das crianças um marco na história da ilustração do livro infantil no Brasil" (1998, p. 29).

No seguinte exemplo, retirado do *Livro das Crianças* (ROLIM, 1987, p.6), percebe-se com maior clareza a integração entre as linguagens verbal e não verbal.

Figura 11 – Ilustração do *Livro das crianças*

Fonte: Rolim, 1987, p.5

POUCO A POUCO

NADA de pressa;
Bem devagar,
Que assim começa
Quem quer chegar.
E vai subindo o castelo,
Pedra a pedra, airoso e belo...

O olhar atento,
A mão bem leve,
Que o monumento
Ao ar se eleve:
Mas paciência e cuidado,
Que se não tudo é baldado.
Toda a existência
Nos mostra e ensina
Que a impaciência
Gera a ruina:
Não se corre em longa via;
Roma não se fez num dia.

A gente pode
Chegar a tudo,

Que nos acode,
Com senso e estudo:
E as palavras dos mais velhos
Sejam nossos evangelhos.
À infinda meta
Dos nossos sonhos
Em linha reta
Vamos risonhos:
Sem medo aos bosques sombrios,
Fugindo sempre a desvios.

A vida é a luta
De toda a hora;
Jogo e permuta,
Que revigora:
Render-se a gente à preguiça,
É fugir à nobre liça.

Não tem direitos
Quem, dos labores,
Foge aos preceitos
E evita as dores:
A natureza é um erário,
E todo o ser, tributário.

Quem foge à lida
Dos outros seres,
Falta da vida
Aos sãos deveres:
E - castelos sem trabalho -
Só castelos de baralho.

Gabriel Prestes, no prefácio do *Livro das Crianças*, antevê as múltiplas possibilidades de leitura da obra, a partir das imbricações entre linguagem visual e linguagem verbal, ao mesmo tempo em que sugere meios de releitura dos textos:

> [...] O livro de d. Zalina pode servir de texto a múltiplos exercícios de linguagem. Da observação direta das gravuras tirarão os alunos assuntos para pequenas descrições que facilitem a compreensão do texto. Nas descrições poéticas, que acompanham as ilustrações, terão modelos a seguir para os exercícios de transformação e imitação em prosa, exercícios que podem ser feitos livremente pelos alunos ou com a indicação prévia dos vocábulos a substituir, ou das frases e sentenças cuja ordem deve ser alterada [...] (ROLIM, 1986).

A cooperação entre linguagens fica evidente nas histórias em quadrinhos, forma artística que dispõe de imagens ou figuras e palavras para narrar ou dramatizar um acontecimento. A leitura, no que se refere aos quadrinhos, é amplificada e abarca os códigos visual e verbal, que trabalham em conjunto para produzir o efeito estético desejado. Seu estilo singular conquistou posição de destaque na cultura popular contemporânea, resultado do avanço da tecnologia gráfica e da preponderância da comunicação visual. Para Eisner, "pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra [...]" (1999, p. 7).

O exame da obra em quadrinhos como um todo revela a linguagem peculiar intrínseca à disposição de seus elementos característicos. Como veículo elaborado de expressão criativa, assente na composição entre palavra e imagem, exige a expansão do processo de leitura e convoca o leitor a exercer suas habilidades visuais e verbais na compreensão dos diferentes estímulos. Cabe ao autor integrar os códigos a fim de expressar o contexto aspirado e tecer uma trama de intercâmbio emocional. O entendimento de tal relação entre códigos é viabilizado pelo uso de significantes extraídos da experiência comum.

Arquitetar a comunicação da mensagem, na arte sequencial, requer, por exemplo, o suporte mútuo estabelecido entre a composição dos gestos ou posturas dos personagens e suas respectivas falas ou indicações verbais adicionais.

A difusão e a persistência da história em quadrinhos, modelada em variedade de estilos, certificam a eficácia da soma dos sistemas. Unir o verbal e o visual na mesma obra não anula as qualidades específicas de cada linguagem, mas colabora com a produção de significados. Conforme Eisner: "Durante os últimos 35 anos, os modernos artistas dos quadrinhos vêm desenvolvendo no seu ofício a interação de palavra e imagem. Durante o processo, creio eu, conseguiram uma hibridação bem-sucedida de ilustração e prosa" (1999, p. 8).

O ato de "ler" em sua dimensão complexa propõe exigências e imbricações. No contexto escolar, compete ao educador o empenho em assimilar a perspectiva de influência mútua das linguagens e propor atividades que desenvolvam as aptidões envolvidas na leitura conjugada. O aprimoramento da leitura tanto da palavra quanto da imagem garante ao aluno aptidão analítica e o reveste de autonomia.

Oliveira reflete acerca da mútua colaboração entre as linguagens abordadas:

> Ler de forma consciente e participativa a palavra e a imagem não deixa de ser hoje em dia um ato de resistência cultural e social. Procurando um símbolo transcendente para o livro e para a ilustração, podemos afirmar que a palavra é o espírito do homem e a imagem, o seu corpo. Portanto, a palavra e a imagem são indissociáveis (1998, p. 67).

Discurso icônico e verbal, por conseguinte, não se opõem nem se excluem, mas se combinam, estabelecendo uma espécie de dialética entre palavra e imagem. Vanoye (2007, p. 68) assegura que a adjunção de textos modifica a mensagem emitida. O texto comenta a imagem, estendendo suas significações, descrevendo-a e produzindo novos significados.

4.4 **O ensino da Língua Portuguesa por meio das tecnologias nascentes**

Historicamente, o ensino da gramática da Língua Portuguesa ocupou lugar de destaque por longo período, acompanhado do caráter normativo concedido a tal afazer. Há séculos a gramática tornou-se objeto de estudo e saber de crescente número de indivíduos interessados em aumentar o próprio conhecimento da língua e ingressar em grupo seleto de iniciados em tal disciplina. As dificuldades intrínsecas, entretanto, à atividade, além da cobrança direcionada ao uso acertado da gramática como ferramenta, construíram certa aversão à disciplina.

Com o advento da linguística e sua formalização como disciplina acadêmica, por volta de 1960, contesta-se tanto o primado da gramática normativa quanto os conceitos de erro e de acerto linguístico. Os estudos em linguística colocaram em destaque a multiplicidade, a complexidade, do indivíduo que utiliza, que aprende, uma língua qualquer. A reflexão sobre o aprendizado e a utilização da língua passam a ser empreendidas por inúmeras correntes do estudo da Linguística Moderna.

O avanço nas discussões sobre o ensino da Língua Portuguesa, no entanto, viabiliza o deslocamento de posições polares em direção a determinado ponto comum. Conclui-se que a língua é ao mesmo tempo sistemática e receptiva a mudanças. Dentro dos limites estabelecidos pelas regras da gramática, os falantes de uma língua têm a liberdade para exercer sua criatividade no desempenho da língua.

Nota-se o deslocamento considerável no sentido de compreender e validar as variedades de uma língua e repensar a posição inquestionável da gramática normativa dentro do espaço escolar, enquanto são conduzidos os processos de ensino e aprendizado.

Segundo Chomsky, a partir da definição de que a tarefa principal do professor de Língua Portuguesa se trata da expansão da competência verbal do estudante, cabe a tal profissional levá-lo ao

> [...] domínio de novas construções, de formas da linguagem que este não encontra em seu cotidiano. Este ensino tem caráter normativo pelo simples fato de ser pedagógico; por meio dele o professor leva o estudante a monitorar seu discurso em função das situações sociocomunicativas novas. Este ensino implica necessariamente a aquisição de novas estruturas e o contraste delas com as que o estudante já possui. Este contraste – fique bem claro – não terá por efeito a eliminação (ou correção) das formas anteriores, mas o discernimento do significado social de umas e outras, de sorte que a escolha seja feita segundo o princípio de adequação sociocomunicativa (2009, p.79).

A conscientização do discente acerca da importância do ensino gramatical e a busca por métodos e soluções para a eficaz transmissão do conteúdo citado se tornam dificuldades suficientes quando se considera a necessidade de promover um ensino significativo vinculado ao avanço tecnológico dos suportes comunicativos aumenta o desafio. As fontes audiovisuais funcionam como meios de expressão e de registro fundamental da vida cultural, intelectual e informativa do homem contemporâneo. A ampliação de domínio e o poder alcançados pelas tecnologias surgem como produções sociais e representam a consciência de uma coletividade.

Ao longo do tempo, tais fontes se impuseram como tipo de registro específico humano que precisa ser decodificado e interpretado. As formas de expressão veiculadas pelas diversas mídias devem produzir textualidade e alcançar seu interlocutor.

A escola, como espaço de socialização, emparelha indivíduos pela aquisição de usos e costumes similares. Pertencer a um grupo no universo escolar, na maior parte das vezes, pressupõe a posse de aparatos tecnológicos ou a destreza na manipulação dos mesmos aparelhos.

A aproximação entre tecnologia e ensino não se promove com facilidade. Para Ferraz,

> Sabe-se que a escola hoje entrou em competição com a TV, com a internet, mas não pode deixar-se ultrapassar por esses recursos tão ao alcance dos jovens. Não pode ignorá-los, competindo-lhe, antes, fazer com que os alunos aprendam a servir-se deles, considerando-os como recursos inestimáveis a vários níveis e da aprendizagem da língua particular (2007, p. 24).

Em sala de aula, apesar do impedimento legal, percebe-se a ânsia dos alunos em se conectar ao mundo digital. Os jogos, a troca de mensagens, o acesso a redes sociais por meio de *smartphones* fascina e rouba a atenção de grande parcela da turma.

Ao educador cabe antever o potencial das mídias, construindo instrumentos e metodologias de ensino produtivos, a fim de viabilizar o domínio e a compreensão mais fluida dos significados assumidos pelas formas visuais.

Ferraz reitera:

> Tornar os alunos ouvintes e leitores críticos quando assistem a programas de TV; aproveitar as produções escritas das mensagens que trocam pela internet ou por

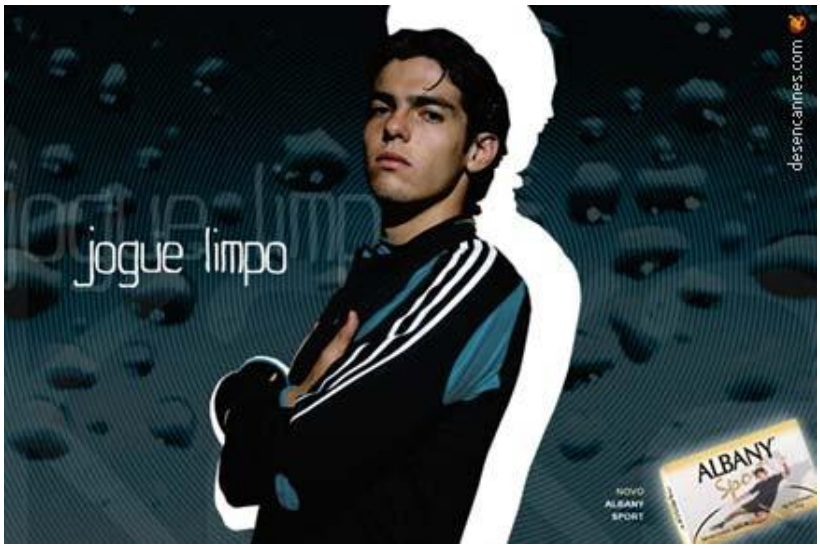
> telemóveis será uma forma de fazer adquirir saberes. Deixar que os alunos se sirvam de um computador num qualquer espaço da escola como o fazem em casa, apenas como ocupação de tempos mais ou menos livres, será desperdiçar importantes instrumentos auxiliares da aprendizagem (2007, 24).

As aulas de Língua Portuguesa, cujo foco consiste no ensino de códigos e mecanismos da linguagem verbal, permitem o estabelecimento de um espaço fértil para a sensibilização dos indivíduos, diante da presença contundente das linguagens não verbais. A leitura da expressão pictórica trata de uma competência que, unida à leitura dos textos verbais, permite aos indivíduos efetiva leitura de mundo.

O quadro abaixo apresenta a imagem do jogador Kaká em posição de destaque. A polissemia se estabelece pelo uso da palavra **limpo.** A expressão *jogar limpo*, posicionada ao lado do jogador, faz-se altamente produtiva na Língua Portuguesa e significa agir com honestidade, com correção. Muito usada no futebol, refere-se ao jogo sem faltas, sem ações violentas, provocações ou agressões ao adversário. O perfil pessoal e profissional do jogador escolhido reitera tal ideia, bem como a postura assertiva, o olhar fixo e os braços cruzados.

O sabonete desenhado na parte inferior do quadro retoma o valor literal da palavra. A palavra **limpo**, influenciada pela figura do sabonete, sugere uma especificação para o ato de jogar futebol. Não é suficiente jogar, mas jogar asseado, higienizado, lavado, purificado. O texto verbal e as imagens do jogador e do sabonete possibilitam a ambiguidade que gera o humor.

Figura 12 – Propaganda *Jogue Limpo*



Fonte: http://www.desencannes.com/perolas/detalhes_impressa.php?id=147 (acesso em 17/05/2014)

4.5 **A utilização de imagens dinâmicas como recurso no ensino da Língua Portuguesa**

Novas são as formas de expressar e registrar a vida cultural, intelectual e informativa do homem contemporâneo. Noma defende a posição de que "a diversidade de fontes (documentos escritos, relatos orais e imagens) é fundamental (...), justamente pela riqueza que a complementariedade entre elas pode permitir" (2006, p. 257).

A proliferação das imagens dinâmicas, a ampla difusão da linguagem audiovisual, principalmente na vida do adolescente e do jovem, causa uma espécie de alteração no paradigma das formas de leitura. A adesão da geração atual às inúmeras possibilidades de produções fílmicas produz novo imperativo no dia a dia do educador. Em contraponto com as imagens estáticas sempre atreladas a um referencial, com a busca pela fixação do que se observa, as imagens dinâmicas caracterizam-se pela fugacidade, pela constante dissolução, pelo devir irremediável.

À tarefa de transmitir o conteúdo de uma disciplina específica, soma-se a demanda por tornar o educando um potencial leitor de imagens em movimento. Ainda conforme Noma: "É necessário tomar a imagem como um enunciado, que só se aprende na fala, em situação" (2006, p. 259). As imagens que se articulam com o movimento precisam ser compreendidas em toda a sua "plenitude, plurissignificação, e contradição" (2006, p. 261), pois, muito além da reprodução do real, funcionam como representação de significados historicamente constituídos nas relações sociais.

Santaella e Noth destacam a dimensão sonora, presente em grande número de vídeos, e asseguram

> que as complexidades que se apresentam para a leitura da infografia devem-se ao fato de que a chave semiótica da computação gráfica não está só na imagem, mas também nas ligações indissolúveis da imagem computacional com a forma de engendramento que é constitutiva da linguagem sonora (2008, p. 89).

Às imagens temporalizadas une-se a linguagem sonora compondo um todo significativo e passível de decodificação, muitas vezes ultrapassando o raciocínio lógico. Surge a demanda por novos parâmetros de compreensão, que conduzam o sujeito receptor ao pleno entendimento das mensagens transmitidas.

De acordo com Santaella e Noth,

> A análise do audiovisual supõe uma dupla conversão que se inicia com a aceitação do fato de que as combinações entre imagem e som produzem, muitas vezes, impressões que não são traduzíveis em palavras e em frases, cujas significações são alcançadas com a utilização de outras regras de análise e de exposição distintas das utilizadas no estudo de documentos escritos (2008, p. 73).

Proporcionar alternativas pedagógicas, ressaltando e resgatando a potência das imagens na análise e na compreensão de mecanismos próprios do funcionamento da Língua Portuguesa, otimiza o processo de aprendizado. Investir na relação do homem com a tecnologia, ou com a técnica, coopera com a produção cultural na sociedade industrial do século XXI.

Produzir, transmitir, reproduzir e registrar imagens em movimento, traduzindo-as em conhecimentos que expressam a dinamicidade e a velocidade das relações humanas constituídas e instituídas na prática social, revelam a fundamental importância das criações em vídeo para a pesquisa histórica em educação.

A valorização do intercâmbio entre as linguagens verbais e não verbais suscita uma variedade de atividades pedagógicas, cujo sentido obtido depende da consciente unificação de unidades simples das diversas formas de comunicação, da composição e do arranjo de aparentes recortes de imagens.

Nas aulas de Língua Portuguesa, a responsabilidade de formar leitores competentes em diversos tipos de linguagem aumenta bastante, já que a disciplina tem como meta viabilizar instrumentos de decodificação e construção de enunciados linguísticos. A constante interação entre linguagens, a mescla de códigos e elementos enunciativos distintos, favorece a busca por atividades pedagógicas representativas para as gerações contemporâneas a fim de tornar a transmissão de conhecimento mais fluida e consistente.

5 **PROPOSTA DE ATIVIDADES**

A velocidade crescente dos avanços tecnológicos, bem como seus desdobramentos no cotidiano dos indivíduos em geral, indica a necessidade de estratégias que otimizem o processo de ensino-aprendizagem no espaço escolar.

O estudo em questão, embora ambicione promover a apreciação e análise dos códigos linguístico e visual em seus procedimentos, combinações, e técnicas, não pretende estabelecer métodos rígidos, determinar fórmulas ou solucionar os problemas da transmissão do saber. As propostas apresentadas foram criadas para a utilização direta em sala de aula e destinadas a alunos do Ensino Fundamental II. O professor, considerando a faixa etária dos alunos, deve refletir sobre a pertinência da aplicação das tarefas em cada ano e decidir quais delas utilizar.

O elenco de atividades apresentado neste trabalho foi desenvolvido, em resposta às demandas da atualidade, a fim de explorar maneiras de comunicar o conteúdo curricular da disciplina Língua Portuguesa. Subsídios metodológicos da linguagem audiovisual foram empreendidos com a intenção de estudar a função das imagens dinâmicas veiculadas em suportes multimídia. Tais atividades pretendem contribuir para a construção de técnicas e estímulos que cooperem com as necessidades da educação contemporânea.

As propostas elencadas foram aplicadas em diferentes turmas e, posteriormente, reunidas no atual trabalho, logo, são atividades testadas que atuaram de forma positiva no ensino de determinado conteúdo nas aulas de Língua Portuguesa.

Os alunos participaram de atividades em que elementos constitutivos das produções audiovisuais, fundamentadas na mescla entre as narrativas orais e visuais dinâmicas, foram trabalhados com o intuito de aliar instrumentos constantes da vida do adolescente, como *smartphones* e *tablets*, com elementos estruturais e conceituais pertinentes ao currículo da Língua Portuguesa. As atividades, amparadas na cooperação das linguagens verbal e não verbal, contribuíram com a leitura e o entendimento do conteúdo curricular proposto.

Ao desenvolvimento dos exercícios pelos alunos precederam explanações introdutórias tanto orais quanto visuais. A mescla de linguagens, administrada pelo professor regente, pretende colaborar com a melhor visualização dos comandos e proposições.

O incentivo à produção e ao uso de imagens dinâmicas não ambiciona promover o talento daqueles que detêm maior facilidade ou inclinação para a manipulação de programas de composição de gêneros audiovisuais, tampouco expor aqueles sem familiaridade com as representações visuais. Busca, entretanto, demonstrar que o conhecimento e o uso dos

recursos visuais não são exclusividade de desenhistas profissionais ou artistas plásticos, assim como a produção textual não se restringe à criação artística literária. A composição de narrativas visuais possui uma estrutura, um código, cujo domínio e apropriação deve ser garantido aos alunos, já que o conhecimento das relações e artifícios de produção de imagens ou narrativas visuais os capacitam a uma leitura amplificada.

Embora simples e práticas, as tarefas ampliaram a consciência dos mecanismos tanto das linguagens pictóricas multimídias quanto dos recursos verbais de composição de textos orais diversos. A produção e a leitura de imagens em movimento pelo aluno, vinculada ou não à produção de uma narrativa verbal, concorreu para a concretização de alguns conceitos, favorecendo a visualização de comandos e permitindo a maior autonomia no feitio dos trabalhos sugeridos. Fomentar o aprendizado das técnicas de produção textual, das noções gramaticais integradas, junto à apresentação de alguns recursos relativos à leitura de narrativas audiovisuais, instiga novas formas de compreensão.

O percurso utilizado pelo estudante na construção de conhecimento tem grande importância, à medida que o indivíduo, a cada etapa, toma conhecimento da estrutura que serve como base às diversas linguagens apresentadas e das proximidades existentes entre os códigos.

O êxito na aplicação das tarefas decorreu do oferecimento de novos caminhos na apreensão do conhecimento, a partir de elementos bastante próximos ao dia a dia dos alunos. O caráter lúdico das linguagens midiáticas, bem como de suas relações com o código linguístico, suscitou o interesse e a participação da maior parte dos alunos submetidos às atividades.

5.1 **Proposta 1**

Figura 13 – Propaganda *Open English*

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=hf26F6Q-0CA>. (acesso em: 20/06/2014).

Recursos: Vídeos de duas propagandas do curso de inglês online *Open English*, protagonizadas pelo ator Paulo Gustavo

- Propaganda 1

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hf26F6Q-0CA>. Acesso em 20 jun. 2014.

- Propaganda 2

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=AeqRjDCUr3E>. Acesso em: 20 jun. 2014.

Após apreciação dos vídeos produzidos pelo curso de inglês *Open English*, protagonizado pelo humorista Paulo Gustavo, segue uma discussão a respeito dos elementos que promovem o humor na publicidade apresentada. A tarefa propõe, por meio da investigação sobre as expressões faciais e corporais do ator, um exame atento a respeito do humor empregado e os indicativos implícitos no gênero explorado. A justaposição entre o texto verbal na forma oral e o texto visual dinâmico pretende ampliar e incrementar a significação da história assistida.

5.1.1 Descrição da atividade

Nos vídeos apresentados, o humorista Paulo Gustavo, a fim de promover o curso de inglês *Open English*, demonstra sua pouca habilidade com a Língua Inglesa. Mistura, em sua fala, palavras e estruturas da Língua Portuguesa e do Inglês. Em seguida, chama a atenção do espectador para a dificuldade gerada e as possíveis oportunidades perdidas pela falta de um estudo consistente da Língua Inglesa.

As falas do personagem são apresentadas no quadro e os alunos interpelados com o intuito de corrigir as falhas na comunicação. Apresenta-se a estrutura morfossintática produtiva do Português e demonstra-se as diferenças de posicionamento dos termos nas duas línguas. Inicia-se, então, o estudo da parte sintática, reiterando a ideia de que cada língua tem sua própria organização.

5.1.2 Objetivos

A atividade pretende demonstrar aos alunos, considerando a mistura da sintaxe de duas línguas diferentes, como trabalhar para a melhor produção de textos na sua língua materna. Novas formas de organização morfossintáticas são exploradas, bem como a ineficiência comunicativa quando a disposição dos termos se faz de forma aleatória, com o "embaralhar" das palavras.

5.2 **Proposta 2**

Figura 14 – Prêmio Craque do Brasileirão 2010

Fonte: <www.youtube.com/watch?v=l3t3zIdJrcA.>. (acesso em 18/062014).

Recurso: Vídeo do Prêmio Craque do Brasileirão 2010, esquete apresentada pelo humorista Marcelo Adnet. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=l3t3zIdJrcA (acesso em 18/06/2014).

Por ocasião da vitória do Fluminense F. C. no Campeonato Brasileiro em 2010, Marcelo Adnet apresenta uma performance humorística na festa de comemoração do título. Após situar o espectador no campo semântico explorado, o comediante ressalta a diferença entre a percepção do torcedor quando assiste o jogo pela TV e a percepção do torcedor que ouve o jogo pelo rádio.

Inicialmente, Adnet constrói uma narrativa fictícia, veiculada por meio do rádio, atrelada aos recursos constantes do gênero produzido por transmissão oral. A narração oral acelerada reflete a necessidade de não deixar vazios, silêncio, na interação com o ouvinte. A visualidade, deixada em segundo plano, fica a critério do espectador que, muitas vezes, cria e recria mentalmente uma cena ou outra.

Encerrado o papel de radialista, Adnet chama a atenção para a diferença entre os gêneros de transmissão dos jogos de futebol. Considerando o mesmo enredo do jogo, o humorista passa a considerar o suporte televisivo em que imagens dinâmicas e texto verbal cooperam. O ritmo da narrativa desacelera, muitas vezes incidindo o silêncio. Informações desnecessárias são veiculadas, já que o narrador televisivo precisa participar de forma atuante na transmissão,

com o suporte de uma equipe de comentaristas. A primazia da imagem, no caso, direciona a atenção do telespectador para a dinâmica dos lances visualizados. A narrativa oral torna-se auxiliar na apreensão das informações.

5.2.1 Descrição da atividade

A apresentação do humorista Marcelo Adnet chama a atenção para a clássica forma de narração radiofônica e a coloca em contraponto com a transmissão televisiva. Cabe, de forma lúdica, elencar as características e recursos de cada um dos gêneros textuais. A dinamicidade da narrativa oral radiofônica demanda versatilidade e explora o potencial criativo da língua, com o uso de figuras de linguagem. Na transmissão televisionada, nota-se o uso de clichês, o apelo a informações históricas e o cruzamento de dados referentes aos Clubes envolvidos. Estatísticas fundamentadas em tais elementos são constantemente apresentadas.

Enquanto o ouvinte de um jogo não tem a noção exata dos lances, percebendo inúmeras vezes de maneira equivocada a jogada, a transmissão visual da partida não deixa espaço para muitas elucubrações. Em caso de dúvida, existe o *replay*, além das inovações técnicas que dizimam qualquer mal-entendido.

Narrativas radiofônicas são veiculadas a fim de que os mesmos alunos relatem a percepção de lances da partida sem o auxílio imagético. Em sequência, tais lances são expostos, utilizando a TV como suporte. As impressões e percepções a respeito do conjunto da atividade serão partilhadas e registradas.

5.2.2 Objetivos

Para o aluno de hoje, a apresentação de um jogo de futebol veiculado oralmente com o suporte do rádio se trata de evento incomum e desperta a curiosidade para os efeitos de sentido e a emoção produzidos pela criatividade do radialista e entonação utilizada a todo instante. A apresentação do vídeo almeja destacar as diferenças entre os gêneros determinados e demonstrar como o imperativo da imagem altera consideravelmente a apreensão e a fruição da mensagem transmitida.

5.3 **Proposta 3**

Figura 15 – Propaganda da Via Embratel

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=UDM1bJ8cHpA>. (acesso em: 26/05/2015)

Recursos: Duas propagandas de Companhias Telefônicas

- Propaganda 1: Comercial da empresa de telefonia Embratel, protagonizado pelo humorista Bruno Mazzeo

Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=UDM1bJ8cHpA (acesso em 26/05/2015).

- Propaganda 2: Comercial da empresa de telefonia móvel Oi. Ator desconhecido.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oCtc-3gzjFA (acesso em 26/05/2015)

As duas publicidades promovem uma brincadeira entre os recursos linguísticos e os recursos visuais dinâmicos. Em ambas, as fronteiras entre as linguagens conotativas e denotativas são desfeitas, promovendo humor, além de causar estranhamento.

A linguagem conotativa privilegia a expressividade da língua e a construção de figuras de linguagem que comuniquem, sem compromisso com a objetividade, mensagens abstratas resultantes da criatividade humana e da aceitação de um grupo de indivíduos. Já a linguagem denotativa se fixa na transmissão referencial das informações. Nas propagandas em questão, o

sentido das palavras respeita as definições propostas nos dicionários da Língua Portuguesa. Tal artifício constrói o humor do texto não verbal auxiliado pela fala do ator, baseada em citações e expressões informais produtivas na sociedade em geral.

As expressões “com o pé nas costas”, “uma mão na roda”, “sentar no pudim” e “comer mosca”, em meio ao uso corriqueiro e dinâmico da língua, recebem significados específicos. As publicidades televisionadas, ao investirem na composição imagética dinâmica e referencial, desconstroem a linguagem figurada e suscitam o estranhamento do telespectador. Há o deslocamento de sentido, como nos exemplos abaixo:

Figura 16 – Chover canivete

Fonte: <http://www.luso-poemas.net/modules/ =182141>. (Acesso em 26/05/2015).

Apesar de a imagem suscitar um evento irreal, ficcional, criado pela imaginação humana, a expressão “chover canivete”, utilizada informalmente, significa chuva em excesso, chuva intensa que pode funcionar como impedimento para uma ação muito desejada.

No exemplo seguinte, ocorre o mesmo fenômeno. A imagem destacada pode ser descrita como a ação efetiva de chutar um balde, recipiente de forma cilíndrica utilizado para o acondicionamento de líquido. Em sentido conotativo, como expressão popular bastante comum em Língua Portuguesa, significa perder o controle, desistir, abrir mão de algo, como uma resposta a um sentimento de raiva oi ira.

Figura 17 – Chutando o balde

Fonte: <www.inglesnaponadalingua.com.br>. (acesso em 26/05/2015).

5.3.1 Descrição da atividade

Os vídeos são apresentados. As imagens construídas concretizam expressões a princípio figuradas, mas na imagem concebidas de maneira real. Propõe-se aos alunos a identificação dos ditos populares e a descoberta de seus significados figurados. Dessa forma, o aluno relaciona a imagem construída, na perspectiva referencial, às expressões informais no intuito de perceber as características do gênero publicitário e a intencionalidade dos artifícios utilizados.

5.3.2 Objetivos

A proposta tem como objetivo sensibilizar o aluno para as características do gênero publicitário e consequente utilização dos recursos expressivos da língua para alcançar o objetivo de melhor apresentar o produto divulgado e angariar, no caso, usuários para os serviços. Ao mesmo tempo, pretende-se resgatar o conhecimento do aluno sobre as linguagens conotativa e denotativa.

5.4 **Proposta 4**

Figura 18 – Propaganda *WhatsAppeando*

Fonte: <www.youtube.com/watch?v=>. (acesso em 10/02/2015).

Recurso: Propaganda de três empresas de telefonia móvel Tim,

- Propaganda 1: Sofánáticos, *Sofánáticos*, comercial da Claro TV: Disponível em www.youtube.com/watch?v=VfraIYeme2I (acesso em 10/02/2015).
- Propaganda 2: Smsando, comercial da empresa de telefonia Vivo Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yetkmZ_5nGM, (acesso em 10/02/2015)
- Propaganda 3: Whattsapeando sem parar – Episódio 1: Restaurante, comercial da empresa de telefonia TIM: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AjDI5use178 (acesso em 23/02/2015).

Constantes alterações no léxico de uma língua qualquer são inevitáveis diante das inúmeras transformações tecnológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais. A cada novo aspecto da realidade de um grupo linguístico, surge a necessidade de nomeá-lo. Formulam-se, a fim de preencher tais lacunas, os neologismos.

As línguas refletem e acompanham as mudanças dos grupos que representam. Tal fato reitera o caráter dinâmico da linguagem e sua inevitável renovação dentro de uma

comunidade. A criação e a renovação lexical são artifícios próprios do usuário da língua em benefício da criatividade, aliadas à competência inata para o desempenho do código linguístico a que foi exposto desde seu nascimento.

O refinamento na confecção de neologismos, perpassa a competência linguística do falante, mas se solidifica no conhecimento e no reconhecimento do sistema linguístico.

Nos três comerciais veiculados, novas palavras são criadas no intuito de chamar a atenção para novos comportamentos, novas tecnologias e novos produtos a serem comercializados.

5.4.1 Descrição da atividade

O potencial criativo inerente às linguagens verbal e não verbal amplia as possibilidades de comunicação e de expressão. O conhecimento de tais ferramentas, técnicas de uso e combinações propicia maior precisão na produção e na compreensão das mensagens.

A fim de explorar a expressividade que as linguagens oferecem para a comunicação de ideias, são apresentadas publicidades e os recursos estruturais da Língua Portuguesa que viabilizaram tais construções. Os alunos têm acesso aos fundamentos e lógica dos processos de criação de palavras e incentivados a criar neologismos dentro de um contexto estabelecido a partir da finalidade definida.

5.4.2 Objetivos

O objetivo das duas etapas consiste no estudo das relações semânticas estabelecidas pelas palavras criadas, respeitando o código da Língua Portuguesa. A polissemia dos termos reflete a dinamicidade da língua, as influências, sobretudo, culturais e sociais que produzem as alterações de sentido, para as mais diversas finalidades, como garantir expressividade, o humor ou a ironia na mensagem. Torna-se imprescindível, de tal modo, oferecer os meios de acesso e conhecimento do potencial criativo intrínseco à língua.

5.5 **Proposta 5**

Figura 19 - Crônica audiovisual de Nova York

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=MODQ83OsN34 (Acesso em 26/05/2015)

Recurso: Vídeo Crônica audiovisual de Nova York, produzido por Estúdio de Letras ZYK Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MODQ83OsN34, (acesso em 26/05/2015)

A crônica, hoje comum em jornais, revistas e novas mídias, consistia em um texto mais longo, "publicado geralmente aos domingos no rodapé da primeira página do jornal, e seu objetivo era comentar e passar em revista os principais fatos da semana, fossem eles alegres ou tristes, sérios ou banais, econômicos ou políticos, sociais ou culturais" (FARIA, 1995, p. 36).

O gênero textual crônica documenta o tempo contemporâneo de sua escrita. Para Lajolo, em leitura mais atual,

> A crônica divide seu espaço com noticiários e com anúncios na humildade de um jornal, que se compra pela manhã para jogar fora de noite. É ao compasso da leitura rápida e superficial que geralmente dedicamos ao jornal que a crônica precisa nos seduzir. [...] (2008, p. 168).

A crônica deixa de ser apenas o registro de fatos relevantes para se tornar um espaço de fruição do leitor. Ao cronista cabe instigar os leitores, exercendo sua capacidade técnica em conjunto com sua inventividade. Novos olhares são atribuídos a acontecimentos corriqueiros e comuns a qualquer indivíduo.

Utilizando-se de novas mídias, o cronista faz uso de recursos audiovisuais com o objetivo de entreter e adaptar o gênero aos meios de comunicação nascentes. O leitor passa a

depender de um repertório razoável de informações para a leitura plena dos textos em diferentes linguagens.

5.5.1 Descrição da atividade

Inicia-se a atividade a partir do conhecimento prévio das características do gênero textual crônica. Em seguida, reproduz-se o vídeo intitulado *Crônica audiovisual*. Ao aluno, cabe realizar a leitura das imagens dinâmicas apresentadas, disponibilizando o máximo de atenção sem contar com o auxílio da linguagem verbal. Sugere-se recriar em texto verbal as mensagens visuais e sonoras apreendidas, respeitando as propriedades do gênero trabalhado. Após conclusão de tal parte, convida-se o aluno a ler sua composição. A percepção das semelhanças e diferenças de cada trabalho são pontuadas, resgatando o caráter lúdico da atividade.

5.5.2 Objetivos

Desenvolve-se a atividade relatada a fim de conduzir o aluno a se tornar um leitor mais atento de textos não verbais dinâmicos. O trabalho reiterado com imagens temporalizadas permite, ao longo de um processo, melhor decodificação dos elementos constituintes de mensagens audiovisuais, bem como das imbricações entre as diferentes linguagens.

5.6 **Proposta 6**

Figura 20 – Problemas linguísticos

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=j-PSnhvG5fQ>. (acesso em 10/09/2015).

Recurso: Vídeo *Problemas Linguísticos*, esquete produzida pelo grupo Porta dos fundos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j-PSnhvG5fQ, (acesso em 10/09/2015).

Cada idioma detém uma sintaxe particular em que palavras com funções e características diversas são organizadas no intuito de produzir enunciados significativos. De forma espontânea, as pessoas se comunicam utilizando diferentes classes de palavras combinadas de modo a transmitir mensagens.

Os conectivos constituem elementos de coesão textual, responsáveis pelo encadeamento lógico das ideias de um texto. Bem aplicados colaboram com a eficácia da mensagem enunciada. O uso adequado dos conectivos contribui para a estruturação da sequência de um texto conferindo maior legibilidade. A aplicação incorreta desses termos pode provocar relações de sentido diferentes daquelas esperadas.

A coesão se estabelece por meio dos recursos linguísticos responsáveis pela conexão entre os termos de uma frase, entre as orações de um período e, consequentemente, viabilizam a harmonia e a progressão textual entre os parágrafos.

5.6.1 Descrição da atividade

A partir da situação reproduzida no esquete do grupo Porta dos Fundos, apresentam-se os principais mecanismos linguísticos responsáveis pela coesão textual: cadeias de referência, repetições, substituições lexicais, conectores interfrásicos, além da adequada disponibilização das informações de tempo e de aspecto. Ao mesmo tempo, expõem-se palavras e expressões

utilizadas em tais mecanismos de conexão do texto, associados aos respectivos valores semânticos empreendidos no entrelaçamento de ideias.

A opção pelo aprofundamento no estudo das classes de palavras responsáveis pela constituição de elos entre os sintagmas dependerá da faixa etária dos alunos, do objetivo a ser alcançado e da intenção do professor diante das exigências curriculares. A inserção de um estudo apurado das conjunções e das locuções conjuntivas, das preposições e das locuções prepositivas, dos advérbios e das locuções adverbiais, bem como dos pronomes, estará sujeito às prioridades do segmento em questão.

Inicialmente, reproduz-se o vídeo *Problemas Linguísticos* para a apreciação dos alunos. Por ter como função produzir humor com elementos da língua de maneira dinâmica e, ao mesmo tempo, caótica, a transcrição do texto audiovisual é fornecida a fim de torná-lo acessível.

> Entrevistador/ Apresentador – Pedro Nunes → **P**
> Entrevistado/ Psicanalista – Marcos Almeida → **M**
>
> **P –** *Hoje no programa problemas linguísticos eu vou conversar com o Marcos. O Marcos tem um problema com conectivos, não é isso, Marcos?*
> **M –** Apesar que sim...
> **P –** *E quando começou?*
> **M –** Daqui que eu era pequeno, por isso que ultimamente piorou se bem que foi por causa das drogas as quais eu tomei em doses cavalares por causa de amanhã cedo.
> **P –** *Entendi! Então você tomou muitas drogas, foi isso Marcos?*
> **M –** Apesar que sim... por causa que eram poucas sem as quais eram leves.
> **P –** *Entendi! Você está fazendo algum tipo de tratamento?*
> **M –** Tô, sobretudo eu falto muito às sessões porém são em Copacabana, mas eu pego muito trânsito, entretanto, mesmo na Barata Ribeiro outrossim pego a Tonelero por isso chego em meia hora desde a Barra no que se refere à Copacabana. [...]

Os elementos de coesão são posteriormente demarcados pela turma, com o auxílio do professor, e o alcance dos objetivos próprios do texto examinado.

Com o viés humorístico e crítico, demonstra-se o caos na comunicação entre os participantes da cena construída, não alcançando o objetivo de compartilhar uma mensagem, de fazer-se compreender e estabelecer comunicação.

Solicita-se, ao mesmo tempo, a leitura das mensagens visuais, como as expressões faciais e o gestual de cada personagem que colaboram para a efetiva fruição do quadro de humor.

5.6.2 Objetivos

A estruturação da atividade apresentada conduz à problematização do contato estabelecido entre os participantes de um programa de entrevistas, cuja temática aborda dificuldades na execução de enunciados linguísticos. Além da análise do vídeo proposto, dos marcadores do gênero textual utilizado, destaca-se o papel dos conectivos textuais pertencentes à Língua Portuguesa e a falta de eficácia na comunicação dos participantes da cena decorrentes do mau uso de tais elementos.

Desenvolve-se a atividade relatada a fim de conduzir o aluno a se tornar um leitor mais atento aos textos não verbais dinâmicos. O trabalho reiterado com imagens temporalizadas viabiliza, ao longo de um processo, melhor decodificação dos elementos constituintes de mensagens audiovisuais, bem como das imbricações entre as diferentes linguagens.

5.7 **Proposta 7**

Figura 21- *Que monstro te mordeu*?

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=IAiXzJbL4rs (acesso em 20/09/2015)

Recurso: Gírias. Episódio 10 do programa *Que monstro te mordeu?*
Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=IAiXzJbL4rs (acesso em 20/09/2015).

No processo de criação de novas palavras, merecem destaque as gírias, que surgem em um grupo social específico e, por sua expressividade, são incorporadas à linguagem coloquial de outras camadas sociais. Como fenômeno de linguagem, funciona como subterfúgio na manutenção do sigilo de uma informação relevante, na produção de humor ou na distinção e no fortalecimento dos vínculos de determinado conjunto de pessoas.

No episódio 10, da série infantil *Que monstro te mordeu*, aborda-se o conceito de gíria, seus desdobramentos para o grupo de monstros que a criou, ao mesmo tempo em que demonstra o impacto no cotidiano dos demais personagens da história. A dificuldade de compreensão das gírias por aqueles que não pertencem ao grupo em questão reforça a inviabilização de comunicação diante da investigação literal do sentido das expressões criadas. A incompreensão das expressões forjadas consolida-se na exclusão dos demais monstros ou na repetição de um modismo linguístico sem o devido domínio dos respectivos significados.

Ao mesmo tempo em que o programa propõe o conceito de gíria, empreende a reflexão sobre a origem e a legitimidade das novas palavras, a resistência por parte dos monstros analistas e a ampliação do alcance dos termos por meio da indústria cultural.

5.7.1 Descrição da atividade

A ambientação na história torna-se essencial, já que se cria um mundo paralelo, o "Monstro-Mundo". A organização da sociedade dos monstros reflete as particularidades da sociedade dos homens e problematiza questões pertinentes à convivência entre seus pares. A apresentação do episódio "Gírias", por fornecer enorme instrumental de análise a respeito do desempenho linguístico e consequentes desdobramentos na vida social, realizar-se-á de forma pausada com os apontamentos pertinentes do professor e da classe.

Como aplicação dos conceitos transmitidos, os alunos, separados em grupos, serão motivados a criar e a caracterizar uma sociedade particular e, em sequência, produzir palavras e expressões condizentes com as suas especificidades coletivas.

Por fim, cada grupo se responsabilizará pela criação de uma narrativa verbal amparada nas descrições da sociedade construída, utilizando como instrumento de comunicação as gírias produzidas. A viabilização para o leitor do significado de tais expressões dependerá necessariamente dos ajustes adequados no contexto da composição textual.

5.7.2 Objetivos

A estruturação da atividade almeja transmitir o conceito de gíria, como modalidade específica de neologismo, ressaltando suas peculiaridades e destacando principalmente a função social que exerce. De maneira lúdica, apresenta-se aos alunos os conflitos decorrentes da utilização de tais expressões e as consequências na vida da "monstro-humana" Lali.

A partir da profissionalização e da fama decorrente do grupo criador de gírias, propõe-se uma reflexão sobre os veículos de comunicação e a padronização de estruturas audiovisuais com fins comerciais. A transitoriedade dos modismos linguísticos, a ideia de uso e de desuso no léxico de uma língua, suscitará o estudo do caráter dinâmico dos idiomas decorrentes de interferências culturais e sociais.

5.8 **Proposta 8**

Figura 22 – Propaganda Sedex

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2WTXdQlHGLU>. (acesso em: 10/09/2015).

Recurso: Propaganda dos Correios, SEDEX.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2WTXdQlHGLU (acesso em 10/09/2015).

A campanha da marca SEDEX promove uma brincadeira com a designação de objetos utilizados no dia a dia. Por meio de abordagem semântica da Língua Portuguesa, o comercial problematiza o uso das figuras de linguagem como recursos linguísticos produtivos nas inovações lexicais.

A construção de soluções linguísticas, pelo personagem central da publicidade, para se referir a objetos do cotidiano, altera a percepção dos telespectadores sobre os produtos de consumo destacados. Em vez do personagem citado utilizar o nome das marcas pelas quais os itens apontados são amplamente reconhecidos, a fim de causar estranhamento e consequente reflexão, opta por designá-los discorrendo sobre suas respectivas funções e características.

Intuitivamente e por força do uso, o telespectador constrói de maneira dinâmica uma cadeia de raciocínio que o leva diretamente ao nome comumente utilizado, ou seja, à marca que consagrou o produto. A relação de contiguidade estabelecida entre o objeto e sua respectiva marca se deduz da aplicação da metonímia.

No enunciado “Hastes flexíveis com algodão nas pontas têm nome”, desconstrói-se o termo produtivo para nomear tais objetos na Língua Portuguesa. O estranhamento promove a reflexão acerca do uso automatizado de palavras inseridas no léxico por meio de aproximações diversas e, ao mesmo tempo, ressalta o caráter dinâmico das línguas que se desdobra em uma multiplicidade de construções linguísticas.

5.8.1 Descrição da atividade

Estabelecidos os conceitos de sinonímia e de metonímia, bem como suas peculiaridades e diferenciações, apresenta-se o comercial televisionado pelos Correios. Destacam-se as definições produzidas, pelo personagem em evidência, como alternativas propostas para se referir a objetos denominados por suas marcas, além de ressaltar a suposta ideia de superioridade daquele produto em relação aos seus concorrentes. Os alunos são motivados a estabelecer as relações entre os nomes usuais e a perceber a intenção

comunicativa associada à cena construída. A partir das reflexões empreendidas, propõe-se ao grupo de alunos a criação de novos desígnios para diversos objetos conhecidos pela marca. As imagens expostas detêm a função de exemplificar a abordagem e de iniciar a mobilização na busca por novos modelos.

Figura 23 - Embalagem de palha de aço da marca Bom Bril

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=exemplos+de+metonimia (acesso em 02/10/2015)

Figura 24 – Embalagem de cola especial da marca SuperBonder

Fonte: http://www.fatosdesconhecidos.com.br/os-verdadeiros-nomes-de-produtos-que-voce-nao-sabe-que-fala-errado/ (acesso em 02/10/2015)

Figura 25 - Reprodução de publicidade de barbeadores da marca Gillette

Fonte: http://www.otorso.com/produto-1098-zzz+inativada+gillette (acesso em 02/10/2015)

5.8.2 Objetivos

Por meio da atividade proposta, pretende-se promover a sensibilização dos alunos para os recursos estilísticos inerentes à produção de novos termos por meio da semântica da Língua Portuguesa, aprofundando conceitos como os de sinonímia e de metonímia. Cabe ressaltar a combinação acertada entre os códigos verbal e não verbal, na modalidade imagética dinâmica ou estática, que possibilitam a construção de um texto coeso e altamente criativo. O trabalho realizado busca, igualmente, conscientizar os alunos dos artifícios próprios da publicidade televisionada e das especificidades do gênero em questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho elaborado consiste em nova etapa de um percurso razoável permeado por observações e por investigações dentro e fora da sala de aula. Inicia-se no olhar cativado e curioso de aluno que entende através do outro a opção pela prática docente. Segue com decisões determinadas em direção às escolhas feitas e prossegue com sensibilidade e apuro na construção de caminhos que levem à apropriação do fazer pedagógico.

Os estudos em psicolinguística e consequente contato com outros posicionamentos da linguística moderna suscitaram o anseio por considerar o indivíduo em suas diferentes facetas, sem restringi-lo a um segmento específico de sua constituição. A opção por valorizar a pluralidade do ser humano aproxima estudiosos de diferentes áreas e, ao mesmo tempo, aproxima estudiosos da língua, cujas investigações abordam perspectivas variadas da vivência humana. A conciliação entre teorias e leituras se fez com a soma das aptidões e inclinações próprias do homem resultando em um conjunto complexo e imbricado. Tal opção se sobrepôs à ordenação cronológica e à sistematização das correntes linguísticas.

Os desafios do processo de ensino-aprendizado frente aos avanços tecnológicos e o aumento gradativo de sua representatividade na vida dos adolescentes e jovens contemporâneos desconstroem fórmulas de ensino cristalizadas e impulsionam a busca por alternativas viáveis.

As aceleradas transformações na maneira de veicular informação e saber suscitaram a necessidade de alternativas e ações diferenciadas com a intenção de renovar em parte o ambiente escolar e aproximá-lo do universo do aprendiz. A alteração de paradigma nas maneiras de absorver e apreender informações, em meio ao excesso de dados disponíveis, impulsionaram a criação de práticas, favoráveis à recepção do conteúdo pelo aluno. Soma-se a convicção de que a competência visual merece maior atenção, incentivo e pesquisas que relacionem narrativas visuais estáticas e dinâmicas às atividades escolares, entendendo-as como instrumentos valiosos na comunicação de conteúdos e ideias, em diferentes graus de dificuldade.

O foco constitutivo do trabalho realizado se concentra na teoria de Chomsky (2009), em que defende a competência linguística inata dos indivíduos desdobrada em posterior desempenho da língua adquirida, bem como no paralelo estabelecido por Hoffman (2008), quando atesta que o ser humano possui inclinação conata para decodificar e construir mensagens visuais.

Tanto as imagens dinâmicas quanto as imagens estáticas consistem em produto de uma inteligência humana de enorme complexidade. A aptidão visual difere da reprodução mecânica do meio ambiente. Assim como o aprendizado dos componentes básicos da linguagem escrita produz uma variedade de recursos criativos para os problemas de comunicação verbal, o conhecimento dos componentes básicos da linguagem audiovisual conduz o educando ao aperfeiçoamento da criação e da recepção de mensagens pictóricas, vinculadas a textos orais, levando-o a compor e a compreender mensagens em diversos níveis de utilidade, desde o puramente funcional até os domínios da expressão artística.

O cenário contemporâneo, em que o estímulo por imagens se faz cada vez mais imperativo, associado à premissa de que o ser humano detém determinada aptidão visual passível de aprimoramento, constitui o fio condutor das análises elencadas e das atividades formuladas. O desafio de mediar o estudo conceitual por meio de imagens se institui.

As atividades apresentadas procedem de um conjunto de testes e abordagens propostos em aulas de Língua Portuguesa direcionadas a alunos do Ensino Fundamental II. Cada atividade provém da apresentação de um texto audiovisual, seguido de leitura mediada, considerando informações pertinentes ao domínio conceitual da Língua Portuguesa. A receptividade às tarefas permitiu novas avaliações do processo e o aperfeiçoamento dos recursos aplicados, no intuito de aprimorar a aplicação dos procedimentos.

A percepção do empenho humano, desde tempos remotos, em empreender registros de informações da sua rotina e de aspectos considerados relevantes da própria cultura, a partir do desenvolvimento de tecnologias, atualmente consideradas rudimentares, demonstra claramente o vínculo entre comunicar e transmitir, nos mais diversos suportes e momentos da história, as memórias da comunidade a que o indivíduo pertence. Apropriar-se das inovações tecnológicas, como em determinado momento a humanidade se apropriou da escrita em papel, transferindo-as para as aulas de Língua Portuguesa, além de inevitável, consiste em riqueza de possibilidades que bem selecionadas e direcionadas estimulam a participação dos alunos como coenunciadores das mensagens articuladas e concebidas em sala de aula.

Das inscrições em paredes de cavernas, forjadas por meio de instrumentos arquitetados com os diferentes recursos oferecidos pela natureza, às opções contemporâneas de armazenamento de dados, elaboradas utilizando microprocessadores e nanotecnologia, constata-se a dedicação contínua na criação de técnicas viabilizadoras da manutenção da história de um povo e, consequentemente, de sua transformação social.

A concretização de tal estudo desencadeará novas investigações e ações sempre com o intuito de melhor aprender e ensinar.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística – parte 1. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística:* domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. v.1.

ANTUNES, Celso. *O lado direito do cérebro e sua exploração em aula*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

AZEREDO, Ronaldo. Velocidade In: *Noigandres – Antologia:* do verso à poesia concreta. São Paulo: Edição dos autores, 1962.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto.* 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Artemídia Rocco, 1999.

BRASIL/SEMTEC. *PCN Ensino Médio*. Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília, DF: MEC/ SEMTEC, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/02Linguagens.pdf>. Acesso em: maio 2014.

BREVES, Maria Tereza. *O livro-de-imagem:* um (pre)texto para contar histórias. Imperatriz: Breves Palavras, 2000.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

CAMARGO, Luís. O diálogo entre poesia e ilustração no livro das crianças de Zalina Rolim. *Presença pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, n. 19, p. 23-29, jan./fev. 1998.

CARNEIRO, Marísia. Principais Correntes da Filosofia da Linguagem no Século XX . In: CARNEIRO, Marísia (Org.). *Pistas e Travessias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CARVALHO, Fábio Câmara; IVANOFF, Gregorio. *Tecnologias que educam:* ensinar e aprender com as tecnologias de informação e comunicação. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

CHOMSKY, Noam. *Novas perspectivas linguísticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

_____. *Linguagem e mente*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1980.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAVIS, Flora. *A comunicação não verbal*. São Paulo: Summus Editorial, 1979.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARIA, João R. Prefácio. In: _____. *Crônicas escolhidas de José de Alencar*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

FERNANDES, Eulalia. O som, este ilustre desconhecido. In: SKLIAR, Carlos. *Surdez e educação*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

FERRAZ, Maria José. *Ensino da língua materna:* o essencial sobre Língua Portuguesa. Lisboa: Editora Caminho, 2007.

FISCHER, Steven Roger. *História da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. *Uma breve história da linguagem:* introdução à origem das línguas. São Paulo: Novo Século Editora, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAGÈGE, Claude. *O homem dialogal*. Lisboa: Edições 70, 1990.

HENRIQUES, Claudio Cezar; SIMÕES, Darcília (Org.). *A redação de trabalhos acadêmicos:* teoria e prática. 4. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

HOFFMAN, Donald. *Inteligência Visual:* como criamos o que vemos. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

HORCADES, Carlos. *A evolução da escrita:* história ilustrada. 2. ed. Rio de Janeiro: SENAC Rio Editora, 2007.

JOBIM E SOUZA, Solange; NETO, Miguel Farah. A tirania da imagem na educação. *Presença pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, n. 22, p. 28-33, jul./ago. 1998.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 14. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2012.

KALLAY, Dusan. Como ilustrei Shakespeare. *Presença pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, n. 19, p. 54-61, jan./fev. 1998.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e linguagem*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

KON, Sergio. *Imagem:* da caverna ao monitor, a aventura do olhar. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

LAJOLO, Marisa. Prefácio. In: VERÍSSIMO, Luís F. *Mais comédias para ler na escola.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LAURENTIZ, Paulo. *Holarquia do pensamento artístico*. São Paulo: Editora UNICAMP, 1991.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência:* o futuro do pensamento na era da informática. 13. ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. A escola com que sonhamos é aquela que assegura a todos a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã. In: COSTA, Marisa V. (Org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.23-52.

LOPES, Ana Cristina M.; RIO-TORTO, Graça. *Semântica*. Lisboa: Caminho, 2007.

LURIA, Alexander R. *Pensamento e linguagem:* as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LYONS, John. *Linguagem e linguística:* uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens:* uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

MATTAR, João. *Games em educação*: como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MENDES, André. *O amor e o diabo em Angela Lago:* a complexidade do objeto artístico. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

MURASSE, Celina Midori. Imigração e educação técnica no Século XIX. In: SCHELBAUER, Analete; LOMBARDI, José Claudinei; MACHADO, Maria Cristina (Org.). *Educação em debate:* perspectivas, abordagens e historiografia. São Paulo: Autores Associados, 2006. p. 279-300.

NETO, Antonio Rodrigues. *Geometria e estética:* experiências com o jogo de xadrez. São Paulo: UNESP, 2008.

NOMA, Amélia Kimiko. A pesquisa histórica em educação com fontes audiovisuais. In: SCHELBAUER, Analete; LOMBARDI, José Claudinei; MACHADO, Maria Cristina (Org.). *Educação em debate:* perspectivas, abordagens e historiografia. São Paulo: Autores Associados, 2006. p. 257-278.

OLIVEIRA, Rui de. *Pelos Jardins Boboli:* reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. A arte de contar histórias por imagens. *Presença pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, n. 19, p. 62-74, jan./fev. 1998.

PAIVA, Eduardo França. *História & imagens*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIMENTEL, Ernani. *Análise sintática visual*. 11. ed. Brasília: Vestcon, 2007.

PLATÃO, Francisco S.; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto:* leitura e redação. 5. ed. São Paulo: Àtica, 1997.

PRESTES, Gabriel. Prefácio. In: ROLIM, Zalina. *Livro das crianças*. São Paulo: Estado de São Paulo, 1987.

PRETI, Dino. Oralidade e narração literária. *Revista ANPOLL*, São Paulo, v. 4, p. 125-137, 1998.

ROLIM, Zalina, *O livro das crianças.* São Paulo: Estado de São Paulo, 1987.

SACKS, Oliver. *Vendo vozes:* uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem:* cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.

SAVIANI, Demerval. Estágio atual e uma nova perspectiva para a história da educação. In: SCHELBAUER, Analete; LOMBARDI, José Claudinei; MACHADO, Maria Cristina (Org.). *Educação em debate*: perspectivas, abordagens e historiografia. São Paulo: Autores Associados, 2006. p. 9-22.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Presença, 1976.

SILVA NETO, Walter Mariano de Faria. Psicologia e trabalho pedagógico. *Presença pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, n. 22, p. 72-74, jul./ago. 1998.

SLOBIN, Dan Isaac. *Psicolinguística*. São Paulo: Nacional; USP, 1980.

TEIXEIRA, Lucia. *As cores do discurso:* análise do discurso da crítica de arte. Niterói, RJ: EDUFF, 1996.

TORI, Romero. *Educação sem distância:* as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2010.

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem:* problemas e técnicas na produção oral e escrita. 13. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VAZ, Paulo Bernardo. Ilustre ação: embalar textos com letras e margens. *Presença pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, n. 19, p. 39-45, jan./fev. 1998.

VEIGA-NETO, Alfredo. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. In: COSTA, Marisa V. (Org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 103-126.

WALTY, Ivete Lara; FONSECA, Maria Nazareth; CURY, Maria Zilda. *Palavra e imagem*: leituras cruzadas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WERNECK, Regina Yolanda. Leitura de imagens. *Presença pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, n. 19, p. 102-106, jan./ fev. 1998.

YAGUELLO, Marina. *Alice no país da linguagem:* para compreender linguística. Lisboa: Editora Estampa, 1990.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz:* a 'literatura' medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.